





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ALUIZIO AZEVEDO

O HOMEM

TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & Comp.

10 DE NOVEMBRO DE 1887

Obras de Aluizio Azevedo

ROMANCES

- Uma lagrima de mulher**—1879. Maranhão. Edição esgotada.
- O Mulato**—1880. Maranhão. Edição esgotada.
- Memorias de um condemnado**—1881. Côrte. A' venda em casa de B. L. Garnier.
- Mysterio da Tijuca**—1882. Côrte. A' venda em casa de B. L. Garnier.
- Casa de Pensão**—1883. Côrte. A' venda em casa de B. L. Garnier.
- Philomena Borges**—1883. Côrte A' venda na *Gazeta de Noticias*.
- O Curuja**—1885. Côrte. publicado n' *O Paiz*. Ainda não appareceu em volume.
- O Homem**—1887. Côrte. Publicada em casa de A. de Castro Silva & C. Rua da Quitanda, n. 115.

THEATRO

- O Mulato**—Drama em 3 actos. Representado no theatro *Recreio Dramatico*. 1884, Empreza Dias Braga.
- Casa de Orates**—Comedia em 3 actos. 1882. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.
- Flôr de Liz**—Opereta em 3 actos, de collaboração com o Snr. Arthur Azevedo. 1882. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.
- Philomena Borges**—Comedia em 1 acto. 1884. Theatro *Principe Imperial*. Empreza Braga Junior.
- Venenos que curam**—Comedia em 4 actos, de collaboração com o Snr. Emilio Rouede, 1885. Theatro *Lucinda*. Empreza Martins.
- O Caboclo**—Drama em 3 actos, de collaboração com o Snr. Emilio Rouede. 1886. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.
- Os sonhadores**—Comedia em 3 actos. 1887. Representada com o titulo *Macaquinhos no Sotão*. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.

A PUBLICAR

- Triboulet**—Traducção em verso rimado, alexandrinos, do drama em 5 actos de Victor Hugo—*Le roi s'amuse*. Collaboração com o Snr. Olavo Bilac. Foi lido este trabalho em uma sessão do *Grémio de Lettras e Artes*. 1887.
- Fóra d'horas**—Um volume de contos, já impressos em diversos jornaes da Côrte.

A. Fe Almeida Bandeira
Rio de Janeiro - 22. VI. 1900

O HOMEM

Dedicada ao autor do primeiro livro naturalista
que, em seguida a este, se publicar no Brazil.

ALUIZIO AZEVEDO

ALUIZIO AZEVEDO

O HOMEM

TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.
115—*Rua da Quitanda*—115

M DCCC LXXX VII

Quem não amar a verdade
na arte e não tiver a respeito do
Naturalismo idéas bem claras e
seguras, fará, deixando de ler este
livro, um grande obsequio a quem
o escreveu.

“ Tu a amar-me e eu a amar-te;
Não sei qual será mais firme!
Eu como sol a buscar-te ;
Tu como sombra a fugir-me ! ”

Canção Popular.

“ Les passions et les affections morales
tristes sont les seules qui prédisposent
à l'hystérie.”

DR. P. BRIQUET—*Traité chimique
et thérapeutique de l'hystérie.*
Art. XVI.

L'aliénation est, à bien considérer,
une douleur ; le malheur est au fond du
plus grand nombre des vésanies.

GUÍSLAIN—*Phrénopathies.*

“ Le sommeil est une façon d'exis-
ter tout aussi réelle et plus générale
qu'aucune autre. „

BUFFON.



O HOMEM

I



MAGDALENA, ou simplesmente Magdá, como em família tratavam a filha do Sr. conselheiro Pinto Marques, estava, havia duas horas, estendida n'um divan do salão de seu pae, toda vestida de preto, sózinha, muito aborrecida, a scismar em coisa ne-

nhuma; a cabeça apoiada em um dos braços, cujo cotovello fincava em uma almofada de setim branco bordado a oiro. E a seus pés, esquecido sobre um tapete de pelles de urso da Sibéria, um livro que ella tentara ler e que sem duvida lhe tinha escapado das mãos insensivelmente.

No emtanto, não havia ainda um mez que chegara da Europa, depois de um longo passeio que o pae fizera com sacrificio, para ver se lhe obtinha melhoras de saude.

Melhoras? Que esperança! — Magdá voltou no estado em que partio, se é que não voltou mais nervosa e impertinente. O conselheiro, coitado, desfazia-se em esforços por tiral-a daquella prostração, mas era tudo inutil: de dia para dia, a pobre moça se tornava mais melancolica, mais insociavel, mais amiga de estar só. Era preciso fazer milagres para a distrahir um segundo; era preciso de cada vez inventar um novo engodo para obter que ella comesse alguma coisa. Estava já muito magra, muito pallida, com grandes olheiras côr de

saudadê; nem parecia a mesma, mas ainda assim era bonita.

Morava, mais o pae e uma tia velha chamada Camilla, em uma boa casa na praia de Botafogo. Predio talvez um pouco antigo, porém limpo; desde o portão da chacara se presentia logo que alli morava gente fina e de gosto bem educado: atravessando-se o jardim, por entre a symetria dos canteiros e por entre limosas estatuas cobertas de verdura, e enormes vasos de tinhorões e begonias do Amazonas, e bolhas de vidro de varias côres com pedestal de ferro fosco, e lampeões de tres globos que surgiam de pequeninos grupos de palmeiras sem tronco, e bancos de madeira rustica, e tamborettes de faiança azul-nankin, alcançava-se uma vistosa escadaria de granito, cujo patamar guarneciam duas grandes aguias de bronze polido, com as azas em meio descanso, espalmando as nodosas garras sobre columnatas de pedra branca. Na sala de entrada, por entre muitos objectos d'arte, notava-se, mesmo de passagem, meia duzia de télas originaes;

umas em cavalletes, outras suspensas contra a parede por grossos cordeis de sêda frouxa ; e, affastando o soberbo reposteiro de reps verde que havia na porta do fundo, penetrava-se immediatamente no principal salão da casa.

O salão era magnifico : paredes forradas por austera tapeçaria de linho inglez, côr de cobre e guarneçada por legitimos kakimanos em que se destacavam grupos de chins em lutas fantasticas com dragões bordados a oiro ; as figuras saltavam em relevo do fundo dos paineis e mostravam as suas caras turgidas e bochechudas, com olhos de vidro, cabelleiras de cabelo natural e roupas de sêda e pellucia. Cobria o chão da sala um vasto tapete Pompadour, avelludado, e cujo matiz, entre vèrmelho e roxo, afinava admiravelmente com os tons quentes das paredes. Do meio do tecto, onde se notava grande sobriedade de tintas e guarnições de estuque, descia um precioso lustre de porcelana de Saxe, sobre-carregado de anginhos e flôres coloridas e passaros e borboletas, tudo

disposto com muita arte n'uma complicadissima combinação de grupos. Por debaixo do lustre uma importante ottomana côr de perola, em fórmula de circulo, tendo no centro uma jardineira de louça esmaltada em que se viam plantas naturaes. A mobilia era toda variada ; não havia dous trastes semelhantes, e tanto se encontravam moveis do ultimo gosto, como peças antigas, de classicos estylos consagrados pelo tempo. Da parede contraria á entrada dominava tudo isto um immenso espelho sem moldura, por debaixo do qual havia um consólo de ebano, com tampo de marmore e mosaicos de Florença, supportando um pendulo e dous candelabros bysantinos ; ao lado do consólo uma poltrona de laquè dourado com assento de palhinha da India e uma cadeira de espaldar, forrada de gorgorão branco listrado de veludo ; logo adiante um divan com estofos trabalhados na Turquia.

Era neste divan que a filha do Sr. Conselheiro se achava estendida havia duas horas, deixando-se roer pelos seus tédios, aos bocadinhos, com

os olhos paralisados n'um ponto, que ella não via.

Foi interrompida pelo pae.

— Ah!

— Como passaste a noite, minha flôr ?

Magdá fez um gesto de desanimo, soerguendo-se na sua almofada de setim, e tossio. O conselheiro assentou-se ao lado della e tomou-lhe as mãos com fidalga meiguice.

— Preguiçosa !...

Um bello homem ! Alto, bem apesoado, fibra secca, barba á Francisco I, toda branca, olhos ainda vivos e uma calva incompleta que lhe ia até ao meio da cabeça, dando-lhe ao rosto uma fina expressão intelligente e aristocrata.

Fôra da marinha, mas aos trinta e cinco annos pedira a sua demissão, installara-se no Rio de Janeiro e casara, entregando-se desde essa época á politica conservadora. Enviuvou pouco depois do nascimento de Magdá, unico fructo do seu matrimonio; chamou então para juncto de si a irmã, D. Camilla, que vivia nesse tem-

po aggregada em casa de outros parentes mais remotos; a filha foi entregue a uma ama até chegar á idade de entrar para pensionista de um collegio de irmãs de caridade.

Era a essa infeliz criança, tão cedo privada do amor de mãe, que o conselheiro dedicava a melhor parte dos seus affectos, e era tambem das suas mãos pequeninas que recebia coragem para affrontar os desconsolos da viuvez e as neves, que ia encontrando do meio para o resto do caminho da vida. E era ainda essa criança, já mulher, que o desgraçado via agora lhe escapar dos braços e fugir-lhe para a morte, arrastando atraz de si um triste sudario de maguas brancas, maguas de donzella, maguas fluctuantes, que pareciam feitas de espuma, e contra as quaes se despedaçavam no entanto todo o seu valor de homem e todas as forças do seu coração de pae.

Coitadinha! Havia dous annos que se achava nesse estado. Póde-se todavia affirmar que começara a soffrer desde a fatal occasião em que a con-

venceram da impossibilidade do seu casamento com Fernando.

Que romance!

Fernando fôra o seu companheiro da infancia, o seu amigo; cresceram juntos. Quando ella nasceu, encontrou-o já em casa do pae com cinco annos de idade, e desde muito cedo se habituaram ambos á mesma idéa de que nunca pertenceriam senão um ao outro.

Segundo o que sabia toda a gente, este Fernando era um afillhado, que o Sr. Conselheiro adoptara por compaixão e a quem mandara instruir; o certo é que o estimava muito e não menos verdade era que o rapaz merecia essa estima; dera sempre boas contas de si, e desde o collegio já se advinhava nelle um homem util e honrado. Um bello dia, porém, quando andava no penultimo anno de medicina, o padrinho chamou-o ao seu gabinete e disse-lhe que, de algum tempo áquella parte, lhe observava com referencia a Magdá uma certa ternura, que lhe não parecia inspirada só pela amizade.

Fernando sorriu e fez-se um pouco vermelho.

— Com effeito, confessou, havia bastante tempo já que elle sentia pela filha do seu padrinho muito mais do que simples amizade. E toda a sua ambição, todo o seu desejo, era vir a desposal-a logo que se formasse; tanto assim que tencionava, mal concluísse os estudos, pedil-a em casamento.

— Isso é impossivel !

— Impossivel ? interrogou o rapaz erguendo os olhos para o conselheiro

— Impossivel, como ?

O velho fez um gesto de resignação e acrescentou em voz sumida :

— Magdá é tua irmã. . .

— Minha irmã. . . ?

Houve um constrangimento entre os dous. No fim de alguns segundos, o conselheiro declarou que não tencionava fazer tão cedo semelhante revelação, e que nem a faria se não fôra forçado a isso pelas circumstancias.

Fernando continuava abysmado. Sua irmã ! Visto isso — toda essa historia, que elle conhecia desde peque-

no ; essa historia, em que figurava como filho de um pobre marinheiro viuvo, fallecido a bordo, era . . .

— Uma fabula, concluiu o pae de Magdá, sempre de olhos baixos— Inventei-a para esconder a minha culpa.

O moço teve um ar de censura.

— Bem sei que fiz mal, prosequio o velho, hesitando em levantar a cabeça — Mas eu não podia me declarar teu pae, sem prejuizo de tua parte e sem enxovalhar a memoria daquella que te deu o ser. Era casada com outro e tu nasceste ainda em vida de minha mulher. O marido de tua mãe estava ausente quando vieste ao mundo, ignorou sempre da tua existencia e enviuvou quando tinhas apenas dous annos de idade. Eu então carreguei contigo para casa, inventei o que até aqui suppunhas a verdade e nunca mais te abandonei.

Fernando deixou-se cahir em uma cadeira. O pae continuou, approximando-se mais delle e fallando-lhe em surdina :

— Minha intenção era esconder este segredo até ao dia em que, depois de

minha morte, viesses a saber que estavas perfilhado por mim e contemplado nas minhas disposições testamentarias; mas—o homem põe e Deus dispõe—para meu castigo, quiz a fatalidade que te agradasses de tua irmã e, como bem vês, só me restava agora confessar francamente a situação. Ficas por conseguinte prevenido de que, de hoje em diante, deves empregar todos os meios para affastar do espirito de Magdá qualquer esperança de casamento, que ella por ventura mantenha a teu respeito. . .

Fernando declarou que preferia desaparecer d'ali. Partiria no primeiro vapor que encontrasse.

Não! isso seria loucura! Elle estava bem encaminhado e pouco lhe faltava para terminar a carreira. Que se formasse e partiria depois.

— Olha, concluiu o velho, passado um instante — caso prefiras estudar ainda um pouco na Europa, vê o logar que te serve e conta commigo. Não sou rico, mas tambem não és extravagante; apenas o que te peço é que, de modo algum, reveles a tua irmã o

que acabas de saber. Será talvez uma questão de temperamento, mas creio que morreria se o fizesses.

Quando o conselheiro terminou, Fernando chorava.

— E o marido de minha mãe? perguntou.

— Ha dez annos que morreu ; não deixou parentes.

E o pae de Magdá, vendo que o filho parecia succumbido, passou-lhe o braço nas costas : — Então ! vamos, nada de fraquezas ! um abraço ! E que esta conversa fique aqui entre nós dous.

O rapaz prometteu e jurou que ninguem, e muito menos Magdá, ouviria de sua bocca uma só palavra sobre aquelle assumpto. O velho agradeceu o protesto com um aperto de mão ; e ficaram ainda alguns momentos estreitados um contra o outro ; até que o conselheiro se retirou, a limpar os olhos, e o rapaz cahio de novo na cadeira, dobrando os cotovelos sobre a mesa e escondendo no lenço os seus soluços, que agora lhe rebentavam desesperadamente.

Foi Magdá quem veio despertal-o d'ahi a meia hora, depois de o haver procurado em balde por toda a casa.

— Ora, muito obrigado... ia a dizer, mas deteve-se, intimidada pela expressão que lhe notara na physionomia— Que era aquillo?... Elle estava chorando?...

— Não.

— Pois se estou vendo.... Que te succedeu?

— Nada! Uma noticia triste a respeito de um amigo...

— Que foi? Morreu?

— Está muito mal.

— Quem é?

— Não o conheces. Um collega.

E ergueu-se, correu o lenço por todo o rosto, assoou-se.— Já passou! disse, affectando um sorriso.

— Logo hoje, que eu precisava de ti... Que contrariedade!

— Para que?

— Era para irmos a casa do General. Evangelina faz annos.

— Hoje é impossivel, e olha, peço-te um obsequio, deixa-me sozinho, sim? Preciso estar só. Tem paciencia.

— E' a primeira vez que me affastas de junto de ti. . .

— Estou apoquentado. . .

— Não pareces o mesmo. Fallas-me com tão máo modo !. . .

— Engano teu.

— Não! D'antes, justamente quando tinhas alguma coisa que te apoquentasse, é que vinhas ter commigo ; contavas-me tudo ; ouvias até os meus conselhos. . .

— Tens razão, mas é que eu hoje estou muito impressionado, não imaginas quanto !

— Não és o mesmo !

— Como te enganas ; nunca fui tão teu amigo. . .

— Mentiroso !

— E, para prova. . .

Ia dar-lhe um beijo na testa. Magdá retrahio-se toda, corando.

— E' um beijo de irmão. . . balbuciou o rapaz.

Ella então, cerrando as palpebras, approximou a fronte dos labios d'elle ; mas, tão de noiva era o pejo que lhe sazonzava as faces e tão namorador o

seu aspecto, que o moço abaixou os olhos e repellio-a brandamente.

Magdá ficou extatica no meio do gabinete, sem comprehender, a olhar para o reposteiro da porta, por onde o irmão acabava de sahir.

— Ora esta ! disse afinal e, fazendo-se outra vez menina, soltou uma risada e sahio correndo, á procura do pae, para lhe contar o caso. Encontrou-o na sala de jantar, á janella, e foi lhe passando os braços em volta do pescoço, pelas costas.

— O' papae ! ó papae ! Quer saber de uma muito bôa ? O Fernando . . .

— Bem, bem, minha filha, interrompeu o velho — Eu hoje não estou bom, deixa-me, comprehendes ? Deixa-me ficar só . . . Vê se te entretens com tua tia. Vae !

— O' senhores ! Hoje nesta casa estão todos amuados ! Ao outro encontro chorando, que nem um bebê ; este me diz que não está bom e que eu me entretenha com a tia Camilla ! Ora já se vio !

O pae afagou-lhe a cabeça. — Esta tôlinha ! . . .

— Mas, papae, o que tem o Fernando?

— Não sei, minha filha.

— Diz que um amigo d'elle está muito mal...

— Pois ahí tens...

— E você, papae, porque está triste!...

— Não estou triste, apenas preocupado. Não é nada contigo. Política, sabes? Mas vae, vae lá para dentro, que tenho o que fazer agora.

— Política!...

Magdá afastou-se, meio enfiada, mas d'ahi a pouco se lhe ouviam os gorgeios do riso nos aposentos da tia Camilla.

Já lá estava o demoninho a bolir com a pobre da velha!

II

A tristeza do Fernando, em vez de diminuir com o tempo, foi crescendo de dia para dia. A irmã bem que o notou, mas já sem vontade de rir, nem de dar parte ao conselheiro ; ella estava então justamente no delicado periodo em que os ultimos encantos da menina desabotoam nas primeiras seducções da mulher ; transição que começa no vestido comprido e termina com o véo da noiva.

Quinze annos !

É que bem empregados ! Muito bem feita de corpo, elegante, olhos negros, banhados de azul, cabellos castanhos, formozissimos ; pelle fina e melindrosa como petalas de camelia, nariz sereno, feito de uma só linha,

mãos e pés de uma distincção fascinadora; tudo isto realçando nos seus vestidos simples de moça solteira bem educada, na sua gesticulação facil, na sua maneira original de mexer com a cabeça quando fallava, rindo e mostrando as joias da bocca.

Aquella insistente frieza do irmão foi a sua primeira magoa. Em começo todavia não se preocupara muito com isso; quando vio porém que os dias se passavam e Fernando continuava mais e mais secco e retrahido, chegando até a evital-a, ficou deveras apprehensiva. — « Teria o rapaz mudado de resolução a respeito de casamento? — Estaria enamorado de outra? » Estas duas hypotheses não lhe sahiam do espirito.

Agora muito poucas vezes achava occasião de estar a sós com elle e, quando tal succedia, Fernando, com tamanho empenho procurava escapar-lhe, que de uma feita a pobre menina foi queixar-se ao pae.

— E' que naturalmente, respondeu o velho, o rapaz não tenciona casar

contigo e procura desilludir-te a esse respeito.

Magdá ficou muito seria quando ouviu estas palavras.

— Escuta, minha filha, tu o que deves fazer é olhar para elle como se elle fosse teu irmão ; vocês cresceram juntos e não se podem gostar de outro modo... E queres então que te diga? Estes casamentos forjados assim, entre companheiros de infancia, nunca provaram bem. Santo de casa não faz milagre! Eu, em teu caso, iria tratando de atirar as vistas para outro lado...

— O Fernando então é um homem sem character!

— Sem character porque, minha filha?

— Ora porque! Porque muitas e muitas vezes jurou que não casaria senão commigo!...

— Cousas de criança! Hoje naturalmente pensa de outro modo. Talvez até já tenha noiva escolhida...

— Não, não creio... Se assim fosse, elle seria o primeiro a contar-me tudo com franqueza! A causa é

outra, e hei de descobri-la, custe o que custar!

Comtudo não se animou a inquerir o noivo.

Mas, considerava a moça, como acreditar que Fernando descobrisse um novo namoro, se agora, mais que nunca, andava mettido com os estudos e não se despregava dos livros? . . . Ondé, pois, teria ido arranjar essa paixão, se agora não ia á casa de ninguem? . . . Além disso as suas tristezas não pareciam de um namorado, as suas tristezas mostravam character muito mais feio e sombrio. O facto de pretender casar com outra não seria de resto razão para que a tratasse daquelle modo! Era como se a temesse, se receiasse a sua presença... D'antes segurava-lhe as mãos com toda a naturalidade; afagava-lhe os cabellos; endireitava-lhe o chapéu na cabeça quando iam sahir juntos; acolchetava-lhe a luva; trazia-lhe livros novos; gostava de brincar com ella, dizer-lhe tolices por pirraça, para a fazer encavacar; pregava-lhe sustos, tapava-lhe os olhos quando a

pilhava de surpresa pelas costas ; pedia-lhe perfumes quando elle não tinha extracto para o lenço. E agora? Agora bastava que ella se approximasse do Fernando, para este já estar todo que parecia sobre brazas e, na primeira escapula, fugir e enterrar-se no quarto, fechado por dentro, ás vezes até ás escuras. Ora, estava entrando pelos olhos que tudo isto não podia ser natural... Magdá, pelo menos, nunca tinha visto um namorado de semelhante especie!

— Em todo o caso, resolveu de si para si, elle deu-me a sua palavra de honra em como me pediria a papae logo que se formasse, e por conseguinte ainda não me posso queixar. Vamos ver primeiro como se sahirá do compromisso.

E deliberou esperar até o fim do anno.

Entretanto, o Conselheiro, quereendo a todo o custo arredar do espirito da filha a idéa de casar com o irmão, pensava em attrahir gente á casa, para ver se despertava nella o desejo de escolher outro noivo. A difficuldade

estava em arranjar as festas; sim, porque para receber os convidados só podia contar, além de Magdá, com a irmã, D. Camilla. Mas D. Camilla era uma solteirona velha, muito devota, muito exquisita de genio e sem geito nenhum para fazer sala. — Uma verdadeira « barata de sachristia » como lhe chamava nas bochechas o despachado do Dr. Lobão, medico da casa e amigo particular do conselheiro.

— Ora, se Magdá tivesse um pouco mais de idade, considerava este, estaria tudo arranjado. Como porém encarregar uma menina de deseseis annos de fazer as honras de um baile?

Salvou a situação pedindo a um seu amigo velho, o Militão de Brito, homem pobre, casado e pae de tres filhas solteiras já de uma certa idade, que fosse e mais a familia passar algum tempo com elle. — A casa era grande e não haviam de ficar de todo mal accommodados.

Para justificar o pedido, observou que a filha estava na flôr da juventude, precisava distrahir-se, e que lhe

doia a elle, como pae, trazel-a enclausurada na idade em que todas as moças gostam de brincar. O Militão, que tambem era pae, comprehendeu a intenção da proposta, aceitou-a de braços abertos e teve até a franqueza de confessar que aquelle convite vinha do ceu, porque elle igualmente via as suas raparigas, coitadinhas, muito pouco divertidas.

Mudou-se pois a familia do Militão para a casa do conselheiro, e Magdá, adivinhando os planos do pae, sorriu intimamente. Inauguraram-se os bailes, e os pretendentes á sua mão não se fizeram esperar muito. Pudera! uma menina que não é pobre, com uma certa educação, algum espirito, e linda como a filha do Sr. Conselheiro Pinto Marques, encontra sempre quem a deseje.

O primeiro a apresentar-se foi um tal Martinho de Azevedo, rapaz de vinte e poucos annos, filho de um consul em não sei que parte da Europa; ares de fidalgo; bigode loiro e olhos de mulher; não tinha nada de feio, ao contrario, chegava a ser im-

pertinente com a sua inalteravel boniteza risonha; e vestia-se como ninguem, graças a alguns annos que passara em Paris, estudando um curso que não chegara a concluir.

Magdá esteve quasi a desenganal-o, antes mesmo que o sujeito se lhe declarasse, resolveu porém deixar isso ao cuidado do pae, que não embirrava menos com elle. Com quem o conselheiro não embirrou, e mostrou até sympathisar, foi com um certo ministro argentino, levado a sua casa por um collega que já lá se dava; mas este segundo pretendente não foi mais feliz do que o primeiro, nem do que os outros que se apresentaram depois.

E todavia as festas continuavam, e já por fim a casa do conselheiro Pinto Marques era tida e havida entre a melhor gente como das mais distinctas e bem frequentadas do Rio de Janeiro; e Magdá classificada ao lado das estrellas mais rutilantes do empyreo de Botafogo.

Assim se passou o resto do anno.

Ah! com que anciedade não contou

a pobre menina os dias que precederam a formatura do irmão! Como aquelle coraçãozinho não palpitou de susto e de esperança ao lembrar-se de que em breve o seu Fernando, o unico que elle lhe pedia para esposo, o unico que aos olhos della parecia bom, delicado, intelligente e sincero, tinha com uma só palavra de apagar todas as duvidas que a torturavam, ou destruir-lhe por uma vez todos os sonhos de ventura.

Sim, porque a filha do conselheiro, agora nos seus desesete annos, estava bem certa de que amava Fernando; mais se convencera dessa verdade nesses ultimos tempos em que elle se mostrara indifferente e esquivo. Só agora podia avaliar o bem que lhe faziam aquellas tranquillias palestras que tantas vezes desfructara com elle, ora nos bancos da chacara, ora assentados junto á janella, perto um do outro, ou em volta da pequena mesa de vieux-chêne que havia em uma saleta ao lado do gabinete do conselheiro, e onde ella costumava ler e estudar no bom tempo em que Fernando

se comprazia em dar-lhe licções de preparatorios.

As licções! . . . Quanto desvello de parte a parte! Com que gosto elle ensinava e com que gosto ella aprendia!

Magdá, logo ao deixar o collegio das irmãs de caridade, entrou a estudar com o irmão, e foi nesse contacto espirital de tres horas diarias que os dous mais se fizeram um do outro, e mais se amaram, e mais se respeitaram. Todavia, nesse tempo ella ainda não lhe tinha observado as feições, nem notado a inteireza de character, nem a delicadeza do genio; habituara-se a estimal-o, e acceitava-o quasi que pela fatalidade da convivencia ou pela natureza affectiva do seu proprio temperamento; mas depois, quando teve occasião de contemplal-o a certa distancia; quando teve occasião de comparal-o com outros, amou-o por eleição, por entender que elle era o melhor e o mais preferivel de todos os homens.

Agora, depois daquelles frios mezes de retrahimento, Fernando se lhe afigurava ainda mais bello e mais dese-

javel; aquella transformação inesperada foi como uma dolorosa ausencia em que os boas qualidades do rapaz ganharam novo prestigio no espirito de sua irmã, assumindo ahi proporções excepcionaes. Magdá esperava pelo dia da formatura, como se aguardasse a chegada do seu noivo; tinha lá para si que o seu amado reapareceria então como d'antes, meigo, communicativo e amigo de estar ao lado della. Agora o idolatrava; todo o grande empenho do conselheiro em o substituir por outro apenas conseguia encarecel-o ainda mais, fazendo-o mais desejavel, mais insubstituivel. Ella já não podia comprehender como é que por ahi se amavam outros que não eram Fernando; outros que não tinham aquella mesma barba que elle tinha; aquelles mesmos olhos tão intelligentes e tão doces; aquella mesma estatura bem conformada, forte sem ser grosseira; aquella bocca tão limpa, tão bem tratada, que logo se via não poder servir de caminho á mentira ou a uma palavra feia. E muita coisa, que até então não lhe notara, agora a impressionava;

a voz por exemplo, o metal da sua voz, em que havia uma certa harmonia corajosa; aquella voz velada, discreta, mas muito intelligivel; uma voz que não chamava a attenção de ninguem, mas que prendia a de todo aquelle que por qualquer circumstancia a escutava. — E a côr do seu rosto? aquelle moreno suave, de pelle muito fina, em que ia tão bem o cabello preto? — E aquelle modo intelligente de sorrir, quando elle descobria um ridiculô em outro? aquelle ar condescendente com que Fernando ouvia as frioleiras do Martinho de Azevedo ou as basofias do ministro argentino? aquelle sorriso inteiriço, de alma virgem, onde não havia o menor vislumbre de inveja por ninguem, nem contentamento proprio por vaidade; aquelle sorriso, que ella não sabia ver sem sorrir tambem; aquelle sorriso, que ella suppunha ser a unica a comprehender. A propria indifferença de Fernando agora a seduzia e namorava; achava-o por isso mesmo fóra do vulgar dos outros homens, um pouco mysterioso, como que guardan-

do, no fundo do seu coração alguma coisa muito superior, muito excellente, que elle não queria expôr ás vistas dos profanos e que só pertenceria áquella, que escolhesse para inseparavel companheira de sua vida.

Ah! Magdá contava que aquelle segredo ainda seria tambem della; sua alma estava aberta de par em par e não se fecharia enquanto não houvesse recolhido todo o conteúdo daquelle coração mysterioso; só se fecharia para melhor guardar em deposito as gemmas preciosissimas que dentro de sua alma despejasse a alma do seu amado.— Oh, quanto não seria bom ser a espoza daquelle homem, ser a sua creatura, ser a testemunha de todos os seus instantes! E ainda lhe passara pela mente a hypothese de uma traição por parte delle!... Mas onde tinha então a cabeça?... Pois Fernando lá seria capaz algum dia de dizer uma coisa e fazer outra?... Pois ella não via logo o modo pelo qual nos bailes de seu pae todas as moças solteiras procuravam requestral-o, sem nada conseguirem, nem

mesmo lhe alterar aquella fria abstracção de homem superior? ... Oh, sim, sim! a unica que elle queria, a unica que elle amava, era ella ainda e sempre! Tudo lh'o dizia; tudo lh'o confirmava! nem podia ser que tamanho sentimento continuasse a crescer e aprofundar-se no seu coração de donzella, se, do fundo da apparente indifferença de Fernando não viesse um raio de calor manter-lhe a vida!

Amparando-se nestes raciocinios, Magdá vio chegar a vespera da formatura, quasi tranquilla de todo. Nesse dia se recolheu mais cedo que de costume; ajoelhou-se defronte de um crucifixo de marfim herdado de sua mãe e do qual nunca se separara, e rezou; rezou muito, pedindo ao pae do ceu, pelas chagas do seu divino corpo, que a protegesse e fizesse feliz. Fallou-lhe em voz baixa e amiga, segredando-lhe ternuras e confidencias, como se se dirigisse a um velho camarada da infancia, bonacheirão, que a tivesse trazido ao collo em pequenina e que ainda se babasse de amores por ella. E contou-lhe o quanto

adorava o seu Fernando, o quanto precisava de casar com elle, — Deus não havia de ser tão máo que, só para a contrariar, estorvasse aquella união!...

No dia seguinte Fernando estava formado e a casa do conselheiro toda em preparos de festa; Magdá, que havia muito não se animava a dirigir-lhe a palavra, foi ter com elle e, depois de lhe dar os parabens, interrogou-o com um olhar cheio de anciedade. O moço fez que não entendeu, mas ficou perturbado.

— Então? disse Magdá.

— Então o que, minha amiguinha?

— Pois não estás formado afinal?

— E d'ahi?

— D'ahi é que havíamos combinado que me pedirias hoje em casamento...

Fernando perturbou-se mais.

— Ainda pensavas nisso?... gaguejou por fim, sem animo de a encarar. E accrescentou depois, percebendo que ella não se mexia: — Parto daqui a dias para a Europa e não sei quando voltarei...

Magdá sentio um calafrio percorrer-lhe o corpo; um punho de ferro tomar-lhe a bocca do estomago e subir-lhe até á garganta, suffocando-a.

— Bem!

E não poude dizer mais nada, virou-lhe as costas e affastou-se de carreira, como se levasse comsigo uma bomba acesa e não quizesse vel-a rebentar ali mesmo.

— Ouve, Magdá! Espera!

Ella havia alcançado já o quarto; atirou-se á cama. E a bomba estourou, sacudindo-a toda, convulsivamente, n'uma descarga de soluços que se tornavam progressivamente mais rapidos e mais fortes, á semelhança do ancioso arfar de uma locomotiva ao partir.

III

Terminada a crise dos soluços, Magdá sentiu uma estranha energia apoderar-se d'ella ; uma necessidade de reacção : andar, correr, fazer muito exercício ; mas ao mesmo tempo não se achava com animo de largar a cama . Era uma vontade que se lhe não communicava aos membros do corpo. Ergueu-se afinal , mandou chamar o pae, e este não se fez esperar. Ia pallido e acabrunhado ; é que estivera conversando antes com o filho a respeito do occorrido. A noticia do procedimento de Magdá fulminara-o ; suppunha-a já de todo esquecida dos seus projectos de casamento com o irmão e agora se arrependia de não haver dado as providencias para que este se apartasse d'ella ; sentia-se

muito culpado em ter sido o proprio a detel-o em casa, e doía-lhe á consciencia fazer soffrer daquelle modo á pobre menina. No emtanto, quando o rapaz lhe pedio licença para confessar a verdade á irmã, negou-a a pé firme, aterrado com a idéa de ter de corar diante da filha.—Não! Tudo, menos isso!

Fernando protestou as suas razões contra tal egoismo :

— Não era justo que se espatriasse amaldiçoado por uma pessoa a quem tanto extremecia, sem ter commettido o menor delicto para merecer tamanho castigo. Ah! Se o pae tivesse visto com que profunda indignação, com que odio, com que nojo, ella o havia encarado !...

— Não! nunca! Que se poderia esperar de uma filha, que recebesse do proprio pae semelhante exemplo de immoralidade ?...

Foi n'essa occasião que o criado o interrompeu com o chamado de Magdá. O conselheiro, quando chegou junto della, sentio-se ainda mais commovido : — Não seria tudo aquillo um

crime maior do que os seus passados amores com a mãe de Fernando? . . . Sim; estes ao menos não se baseavam em preconceitos e vaidade, baseavam-se nos instinctos e na ternura. E o misero, atordoado com estas idéas, tomou as mãos da filha, fallou-lhe com humildade, perguntou-lhe com muito carinho o que ella sentia.

— Quasi nada! Um simples abalo . . . Já não tinha coisa alguma . . .

E tremia toda.

— Queres que mande buscar o Dr. Lobão? Estou te achando o corpo esquentado.

— Não, não vale á pena; isto não é nada. Eu o chamei, papae, para lhe pedir um obsequio . . .

— Um obsequio? Falla, minha filha.

— Pedir-lhe um obsequio e fazer-lhe uma declaração . . .

E, brincando com os botões da sobrecasaca do conselheiro: — Sabe? Estou resolvida a casar com o Martinho de Azevedo; desejava que meu pae lhe mandasse communicar immediatamente esta minha deliberação . . .

— Temos tolice! . . .

— E queria que o casamento se realisasse antes da partida do Fernando . . .

— Estás louca?

— Se estiver, tanto peor para mim. Afianço-lhe que hei de fazer o que estou dizendo!

— Não sejas vingativa, minha filha, Fernando contou-me o que se passou entre vocês dous, disse-me tudo, e eu juro pela memória de tua mãe que o procedimento d'elle não podia ser outro . . . Foi correcto; fez o seu dever!

— O seu dever? Tem graça!

— Mais tarde verás que digo a verdade; o que desde já posso affirmar è que o pobre rapaz não tem absolutamente a menor culpa em tudo isto. Não o deves ver com maos olhos, nem lhe deves retirar a tua confiança e a tua estima . . .

— Mas falle por uma vez! não vê que as suas meias palavras me põem doida? . . .

— Não posso, é bastante que acredites em mim, e eu te juro que Fernando, negando-se a casar contigo,

cumpre o seu dever. Vou chamal-o e quero que...

— Não, não! atalhou a filha, segurando-lhe os braços.—Elle que não me appareça! que não me falle! Detesto-o!

— Não acreditas em teu pae!...

— Não sei, acredito é que entre o senhor e elle ha uma conspiração contra mim! Querem engodar-me com mysterios que não existem, como se eu fosse alguma criança! Ah! mas eu lhes mostrarei que não sou o que pensam!

— Então, minha filha, então!

— Creio que já disse bem claro qual é a minha resolução a respeito de casamento, e agora só me convem saber se meu pae está ou não disposto a tratar disso!

— Não digo que não, mas para que fazer as cousas tão precipitadamente?...

E o velho sentia o suor gelar-lhe o corpo.

— Custe o que custar, eu me casarei antes da partida d'aquelle miseravel! Se meu pae não fizer o que eu

disse, o escandalo será maior ! Ao me-
nos fallo com esta franqueza — não
tenho « mysterios » !

Ella se havia desprendido das mãos
do conselheiro e passeiava agora pelo
quarto, muito agitada, com as faces
em fogo, os labios seccos e os olhos
ainda humidos das ultimas lagrimas.
E em todos os seus movimentos ner-
vosos, em todos os seus gestos, se
sentia uma resolução energica, ativa
e orgulhosa.

— Não ha outro remedio ! pensou
o velho, limpando a fronte orvalhada e
fria de neve, não ha outro remedio !

E aproximou-se da filha, para lhe di-
zer quasi em segredo, com a voz es-
trangulada pela vergonha :

— Fernando não se casa contigo,
porque é teu irmão. . .

Magdá retrahio-se toda, como se lhe
tivesse passado por diante dos olhos
uma faisca electrica, e fitou-os sobre o
pae, que abaixou a cabeça, n'um an-
gustioso resfolegar de delinquente.

— Ora ahi tens . . . balbuciou elle,
depois de uma pausa, durante a qual
só se ouviam os soluços de Magdá que

se lhe havia atirado nos braços. — Já vêes que aqui o unico culpado sou eu; nunca devia ter consentido que vocês se criassem juntos, sem lhes ter exposto a verdade. Tua mãe ignorou sempre que Fernando fosse meu filho...

— Vá ter com elle... pedio Magdá, chorando—Que me perdôe! que me perdôe! Diga-lhe que eu não sabia de nada, e que sou muito desgraçada!

Quando o conselheiro sahio do quarto, ella tornou á cama, e d'ahi a pouco delirava com febre.

Transferio-se a festa; mandou-se chamar logo o Dr. Lobão, que recebeu; e, só á tarde do dia seguinte, a enferma deu accordo de si, depois de um somno profundo que durou muitas horas.

Despertou tranquilla, um pouco abstracta. — Tinha sonhado tanto!...

Levou um bom espaço a scismar, por fim soltou um fundo suspiro resignado e pedio que lhe conduzissem o irmão á sua presença. Elle foi logo, acompanhado pelo conselheiro, e asentou-se, sem dizer palavra, em uma

cadeira ao lado da cabeceira da cama. Magdá tomou-lhe as mãos em silencio, beijou-lh'as repetidas vezes, e em seguida levou uma dellas ao rosto e ficou assim por algum tempo, a descansar a cabeça contra a palma da mão de Fernando. Como por encanto, a sua meiguice havia se transformado da noite para o dia: já não eram de noiva os seus carinhos, mas perfeitamente de irmã. Não por isso menos expansivos, antes parecia agora muito mais em liberdade com elle; pelo menos nunca lhe havia tomado as mãos d'aquelle modo. Ainda fez mais depois: pousou a face contra o seu collo e cingio-lhe o braço em volta da cintura.

— E eu que cheguei a suppôr que eras um homem máo!... balbuciou, com uma voz tão arrependida, tão humilde e tão amiga, que o rapaz a apertou contra o seio e deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

Magdá estremeceu toda, teve um novo suspiro, e deixou-se cahir sobre os travesseiros, com os olhos fechados e a bocca entre-aberta. Chorava.

— Então, agora estão feitas as pazes? . . . perguntou o conselheiro, alisando com os dedos o cabelo da filha.

Esta ergueu as palpebras vagarosamente e deu em resposta um sorriso soffredor e triste.

— E ainda pensas no Martinho de Azevedo? . . . interrogou o velho, affectando bom humor.

Ella voltou o seu sorriso para Fernando, como lhe pedindo perdão d'aquella vingança tão tola e tão immerecida.

Todo o resto desse dia se passou assim, sem uma nuvem que o toldasse; a paz era completa, pelo menos na apparencia. Magdà não se queixava de coisa alguma. O Dr. Lobão, quando lá foi á noite, a encontrou de pé, muito esperta, conversando com a gente do Brito. O medico desta vez olhou para a rapariga com mais attenção e fez-lhe um cumulo de perguntas á queima roupa:—Se era muito impressionavel; se era sujeita a enxaquecas e dôres de cabeça; o que costumava comer ao almoço e ao jantar; se tinha bom

appetite; se usava o espartilho muito apertado; desde que idade frequentava os bailes; se as suas funcções intestinaes eram bem reguladas; e, como estas, outras e outras perguntas, a que Magdá respondia por prazer, afinal já importunada.

Ella embirrara sempre com o Dr. Lobão; tinha-lhe velha antipathia: achava-o systematicamente grosseiro, rude, abusando da sua grande nomeada de primeiro cirurgião do Brazil, maltratando os seus doentes, cobrando-lhes um despropósito pelas visitas, a ponto de fazer suppor que mettia na conta as descomposturas que lhes passava.

— A senhora tem tido muitos namorados? interrompeu elle, depois de a estudar, medindo-a de alto a baixo, por cima dos olhos.

Magdá sentio venetas de virar-lhe as costas e retirar-se.

— Não ouviu? Pergunto se tem tido muitos namorados!

— Não sei!

E ella affastou-se, enquanto o cirurgião resmungava:

— Que diabo ! Para que então me fazem vir cá ?...

— Já a sahir, quando o conselheiro foi ter com elle :

— E então ?

— Não é cousa de cuidado ; um abalo nervoso. Que idade tem ella ?

— Desesete annos.

— E'... ! mas não convem que esta menina deixe o casamento para muito tarde. Noto-lhe uma perigosa exaltação nervosa que, uma vez aggravaada, lhe póde interessar os orgãos encephalicos e degenerar em hysteria...

— Mas, doutor, ella me parece tão bem conformada, tão...

— Por isso mesmo. Ah ! Eu leio um pouco pela cartilha antiga. Quanto melhor fôr a sua compleição muscular, tanto mais deve ser attendida, sob pena de se sentir irritada e começar a esbravejar pr'ahi, que nem o diabo lhe dará geito ! E adeus. Passe bem !

— Mas voltou para perguntar : — E a barata velha, como vae ?

— Minha irmã...? no mesmo, coitada. Enfermidades chronicas...

— Ella que vá continuando com as colheradas de azeite todas as manhãs e que não abandone os cliysteres. Hei de vel-a n'outra vez; hoje não tenho mais tempo. Adeus, adeus!

E sahio com os seus movimentos de carniceiro, resmungando ao entrar no carro:

— Não tratam da vida emquanto são moças e agora, depois de velhas, o medico que as ature! Sucia! Não prestam p'ra nada! nem p'ra parir!

A festa de Fernando realisou-se na vespera da sua partida. Magdá nunca pareceu tão alegre e tão bem disposta de saude; pôz um vestido de cassa côr de rosa, todo enfeitado de margaridas, deixando ver em transparencia a eburnea riqueza do collo e dos braços.

Estava fascinadora: toda ella era graça, belleza e espirito; causou delirios de admiração. Essa noite dançou muito, cantou e, durante o baile

inteiro, mostrou-se para com Fernando de uma solícitude, em que se não percebia a menor sombra de resentimento ; dir-se-ia até que estimara haver descoberto que era sua irmã. Conversaram muito ; ella lhe contou, ora rindo, ora fallando a sério, as declarações de amor que recebera ; citou nomes, apontou individuos, pediu-lhe conselhos sobre a hypothese de uma escolha e declarou, mais de uma vez, que estava resolvida a casar.

No dia seguinte apresentaram-se alguns amigos para o bota-fóra. Magdá foi a bordo, chorou, mas não fez escarceu ; em casa compareceu ao jantar, comeu regularmente e até á occasião de se recolher fallou repetidas vezes do irmão, sem patentear nunca na sua tristeza desesperos de viúva, nem allucinações de mulher abandonada.

Só dous mezes depois foi que notaram que estava um tanto mais magra e e um tanto mais pallida ; e assim tambem que o seu riso ia perdendo todos os dias uma certa frescura sanguinea, que dantes lhe alegrava o rosto, e to-

mando aos poucos uma fria expressão de inexplicavel cansaço.

Alguns mezes mais, e o que nella havia de menina desappareceu de todo, para só ficar a mulher. Fazia-se então muito grave, muito senhora, sem todavia parecer triste, nem contrariada; as amigas iam vel-a com frequencia e encontravam-na sempre em boa disposição para dar um passeio pela praia, ou para fazer musica, dançar, cantar; tudo isto porem sem o menor enthusiasmo, friamente, como quem cumpre um dever. Depois lhe vieram intermittencias de tedio; tinha dias de muito bom humor e outros em que ficava impertinente ao ponto de se irritar com a menor contrariedade. Não obstante continuava a ser admirada, querida e invejada, graças ao seu inalteravel bom gosto, á sua linha activa de conducta e á sua aristocratica belleza. O pae votava-lhe já essa reverente consideração, que nos inspiram certas damas, cuja pureza de habitos e extrema correcção nos costumes se tornam legendarias entre os grupos com que convivem; tanto assim que,

em se vendo o Militão forçado a retirar-se mais a família para uma fazenda que ia administrar, o conselheiro não os substituiu por ninguém, e a casa ficou entregue a Magdá.

Quanto á saúde—assim, assim... A's vezes passava muito bem semanas inteiras; outras vezes ficava aborrecida, triste, sem appetite; appareciam-lhe nevralgias, acompanhadas de grande sobreexcitação nervosa. Então, qualquer objecto ou qualquer facto repugnante a indispunha de um modo singular; não podia ver sangue-sugas, rãs, morcegos, aranhas; o movimento vermicular de certos reptis causava-lhe arrepios de febre; se á noite, não estando acompanhada, encontrava um gato em qualquer parte da casa, tinha um choque electrico, perfeitamente electrico, e não podia mais dormir tão cedo.

Uma occasião pela madrugada, em que a tia foi accommettida de colicas horrórosas e sobresaltou a família com os seus gritos, Magdá soffreu tamanho abalo que, durante dous dias, pareceu louca. E desde essa época princi-

piou a soffrer de umas dôres de cabeça, que lhe produziam no alto do craneo, ora a impressão de uma pedra de gelo, ora a de um ferro em braza.

Agora tambem o barulho lhe fazia mal aos nervos : ouvindo musica desafinada sentia-se logo inquieta e apprehensiva ; o mesmo phenomeno se dava com o aroma activo de certas flôres e de certos extractos : o sandalo por exemplo quebrantava-lhe o corpo, o perfume da magnolia enfrenesiava-a , o almiscar produzia-lhe nauseas. Ainda outros cheiros a incommodavam : o fartum que exhala da terra quando chove depois de uma grande soalheira, o fedor do cavallo suado, o de certos remedios preparados com opio, ou mercurio, chloroformio ; tudo isto agora lhe fazia mal, porém de um modo tão vago, que ella muita vez se sentia indisposta e não atinava com a razão porque.

Notava-se-lhe tambem uma certa alteração nos gostos com respeito á comida : preferia agora os alimentos fracos e muito adubados ; tinha predilecções exquisitas : voltava-se toda

para a cozinhá franceza, gostava mais de assucar, mas queria o chá e o café bem amargos.

As cartas de Fernando não a alteraram absolutamente; a primeira emtanto fôra recebida com exclamações de contentamento. Elle se dizia feliz e divertido, apoquentado apenas pelas saudades da familia. Magdá escrevia-lhe de irmã para irmão, affectando muita tranquillidade, procurando fazer pilheria, citando aneddotas, dando-lhe noticias do Rio de Janeiro, fallando em theatros e cantores.

E assignava sempre « Tua irmãzinha que te estremece — *Magdalena.* »

IV

Decorreu um anno. O incidente romanesco do namoro entre os dous irmãos ia cahindo no rol das puerilidades da infancia ; Magdá já se lembrava delle com um criterioso sorriso de indulgencia.

— Criancices ! criancices !

Agora, no seu todo de senhora refeita, com as suas intransigencias de donã de casa, com as suas preocupações de economia domestica, ella estava a pedir um marido pratico, um homem de boa posição, que lhe trouxesse tanto ou mais prestigio que o pae ; mesmo porque este, ultimamente, e só por causa della, se havia alargado um pouco de mais com aquel-

las festas e começava a sentir necessidade de apertar os cordeis da bolsa.

— Não é bricadeira dar um baile por mez !

Foi essa a sua época mais fecunda em pretendentes ; appareceram-lhe de todos os matizes, desde o pingue senador do imperio, até ao escaveirado amanuense de secretaria; concorreram negociantes, capitalistas e doutores de varia especie. Ella porém, como se estivese brincando a « Cortina de amor » em jogo de prendas, não entregou o lenço a nenhum. Não os repellia com denodo, antes tinha sempre para cada qual um sorriso muito amavel ; mas—repellia-os.

Todavia, de quando em quando, lhe vinham reacções. — Precisava acabar com aquillo por uma vez, decidir-se por alguém. E fazia intimos protestos de resolução, e empregava todos os esforços para se agradar deste ou daquelle que lhe parecia preferivel ; mas na occasião de dar o « Sim » hesitava, torcia o corpo, e afinal não se dispunha por ninguem.

— Ah ! Magdá sabia claramente

que era preciso tomar uma resolução ! bem percebia que o pae, coitado, já estava fazendo das fraquezas forças e morto por vel-a encaminhada; além disso o Dr. Lobão, com aquella brutalidade que todos lhe perdoavam, como se ella fosse um privilegio, por mais de uma vez lhe dissera: « E' preciso não passar dos vinte, que depois quem tem de aguentar com as maçadas sou eu ! comprehende ? »

Sim, ella comprehendia, comprehendia perfeitamente. — Mas por ventura teria culpa de estar solteira ainda ? Que havia de fazer, se entre toda aquella gente, que o pae lhe mettia pelos olhos, nem um só homem lhe inspirava bastante confiança ? — Não era uma questão de amor, era uma questão de não fazer asneira ! Lá illuções a esse respeito, isso não tinha: sabia de ante-mão que não encontraria nenhum amante extremoso e apaixonado; não sonhava nenhum heróe de romance. — A época dessas tolices já lá se havia ido para sempre; sabia muito bem que o casamento naquellas condições, era uma questão de interes-

ses de parte a parte, interesses positivos, nos quaes o sentimento não tinha que intervir; sabia que no circulo hypocrita das suas relações todos os maridos eram mais ou menos ruins; que não havia um perfeitamente bom. — De accordo! mas queria dos males o menor!

Casava-se, pois não! estava disposta a isso, e até comprehendia e sentia melhor que ninguem o quanto precisava, por conveniencia mesmo da sua propria saúde, arrancar-se daquelle estado de solteira que já se ia prolongando por demais. Estava disposta a casar, que duvida! mas também não queria fazer alguma irreparavel doidice, que tivesse de amargar em todo o resto da sua vida... Nem se julgava nenhuma criança, para não saber o que lhe convinha e o que lhe não convinha! Emfim, a sua intenção era, como se diz em gíria de boa sociedade, « Casar bem. »

Sim! uma vez que o casamento era arranjado daquelle modo; uma vez que tinha de escolher friamente um homem, a quem se havia de entregar

por convenção, queria ao menos escolher um dos menos difficeis de aturar; um homem de genio supportavel, com um pouco de mocidade e uma fortuna decente.

Bastava-lhe isto !

Nada porém de se decidir, e o tempo a correr. Os vinte annos vieram encontral-a sem noivo escolhido ; o pae principiava a inquietar-se e o Dr Lobão a dizer-lhe : « Olhe lá, meu amigo, é bom não facilitar ! E' bom não facilitar ! . . . »

Que injustiça ! o pobre conselheiro não facilitava ; não fazia mesmo outra coisa senão andar por ahi arrebanhando para a sua casa todo o homem que lhe parecia apto para casar com a filha ; e tanto que a roda dos seus amigos crescia a olhos vistos, e as suas festas amiudavam-se, e as suas despezas reproduziam-se.

Uma noticia má veio porem enlutar-lhe a casa e fechar-lhe as portas por algum tempo — a morte de Fernando. O rapaz nas ultimas cartas já se queixava da saúde : dizia que andava a procura de ares mais convenientes

aos seus bronchios. Fugira da Allemanha para a França, de França para a Italia, desta para a Hespanha, e fôra morrer afinal em Portugal.

O conselheiro ficou fulminado com a noticia, aparentemente mais sentido do que a propria Magdá. Esta a recebeu como se já a esperasse; saltaram-lhe as lagrimas dos oihos, mas não teve um grito, umá exclamação, um gemido; apenas ficou muito apprehensiva, aterrada, com medo do escuro e da solidão. Durante noites seguidas foi perseguida por terríveis pesadelos, nos quaes o morto representava sempre o principal papel, mas, durante o dia, não tinha uma palavra com referencia a elle.

Não obstante, duas semanas depois, passeiando na chacara, vio pular diante de si um sapo; e foi o bastante para que explodisse a reacção dos nervos. Estremeceu com um grande abalo, soltou um grito agudo e sentio logo na bocca do estomago uma pressão violenta. Era a primeira vez que lhe dava isto; accudiram-na e carregaram-na para o quar-

to. Ella porém não socegava: o peso do estomago como que se enovelava e subia-lhe por dentro até á garganta, suffocando-a n'um desabrido estrangulamento. Esteve assim um pouco, afinal perdeu os sentidos e começou a espolinhar-se na cama, em convulsões que duraram quasi uma hora.

Tornou a si nos braços das amigas da visinhança, attrahidas ali pelos formidaveis gritos que ella soltava. O pae e o Dr. Lobão tambem estavam a seu lado; o doutor, muito expedito, com os oculos na ponta do nariz, suado, rabujava emquanto a soccorria:

— Que dizia eu? Ora ahi tem! E' bem feito! Ainda acho pouco! Quem corre por seu gosto não cansa! Se fizessem o que recommendei, nada disto succederia! Agora — o medico que a ature!...

E, voltando-se para uma das visinhas que, por ficar muito perto delle, lhe estorvava ás vezes o movimento do braço, exclamou com arremeço: — Saia d'ahi! Tambem não sei que têm de cheirar cá! Melhor seria que

estivessem em casa cuidando das obrigações!

— Cruzes! disse a moça, fugindo do quarto—Que bruto! Deus te livre!

Por este tempo Magdá era acommettida por uma explosão de soluços, e chorava copiosamente, o peito muito opprimido.

— Ora até que emfim! rosnou o doutor. E, erguendo-se, soprou para o conselheiro, a descer as mangas da camisa e da sobrecasaca, que havia arregaçado:—Prompto! Estes soluços continuam ainda por algum tempo, e depois ella socegará. Naturalmente hade dormir. O que lhe póde apparecer é a cephalalgia...

— Como?

— Dôres de cabeça. Mas para isso você lhe dará o remedio que vou re- ceitar.

E sahiram juntos para ir ao escri- ptorio.

— E' o diabo! ... praguejava en- tre dentes o brutalhão, enquanto atravessava o corredor ao lado do conselheiro, enfiando ás pressas o seu inseparavel sobretudo de casemira

alvadia.— E' o diabo! Esta menina já devia ter casado!

— Disso sei eu... balbuciou o outro—E não é por falta de esforços de minha parte; creia!

— Diabo! Faz lastima que um organismo, tão rico e tão bom para procrear, se sacrifique deste modo! Emfim — ainda não é tarde; mas, se ella não casar quanto antes — um, um!... Não respondo pelo resto!

— Então o doutor acha que...?

O Lobão inflammou-se: — Oh! o conselheiro não podia imaginar o que eram aquelles temperamentozinhos impressionaveis!... eram terríveis, erão violentos, quando alguém tentava contrariar-os! Não pediam — exigiam! — reclamavam!

— E, se não lhes dão o que reclamam, proseguio, — aniquilam-se, estrangulam-se, como leões atacados de colera! E' perigoso brincar com a fera que principia a despertar... O monstro deu já signal de si; e, pelo primeiro berro, você bem póde calcular o que não será quando estiver de veras assanhado!

— Valha-me Deus ! suspirou o pobre conselheiro, que hei de eu fazer, não dirão ?

— Ora essa ! Pois já não lhe disse ? E' casar a rapariga quanto antes !

— Mas com quem ?

— Seja lá com quem fôr ! O utero, conforme Platão, é uma besta que quer a todo o custo conceber no momento opportuno ; se lh'o não permitem—damna ! Ora ahí tem !

— Visto isso, o hysterismo não é mais do que a hydrophobia do utero?...

— Não ! Alto lá ! isso não ! A hysteria póde ter varias causas, nem sempre é produzida pela abstinencia ; seria asneira sustentar o contrario. Convenho mesmo com alguns medicos modernos em que ella nada mais seja do que uma nevrose do encephalo e não estabeleça a sua séde nos órgãos genitales, como queriam os antigos ; mas isso que tem que ver com o nosso caso ? Aqui não se trata de curar uma hystérica, trata-se é de evitar a hysteria. Ora, sua filha é de uma delicadissima sensibilidade nervosa ; acaba

de soffrer um formidavel abalo com a morte de uma pessoa que ella estremeceia muito, está por conseguinte sob o dominio de uma impressão violenta; pois o que convem agora é evitar que esta impressão permaneça, que avulte e degenerere em hysteria; comprehende você? Para isso é preciso, antes de mais nada, que ella contente e traga em perfeito equilibrio certos órgãos, cuja exacerbação iria alterar fatalmente o seu systema psychico; e, como o casamento é indispensavel áquelle equilibrio, eu faço grande questão do casamento!

— De accordo, mas...

— Casamento é um modo de dizer, eu faço questão é do coito!—Ella precisa de homem!— Ora ahí tem você!

O conselheiro respirou com força, coçou a cabeça. Os dous penetraram no gabinete, e o doutor, depois de escrever a sua receita, acrescentou, como se não tivesse interrompido a conversa: — Em outras circumstancias, sua filha não soffreria tanto... nada d'isto teria até consequencias perigosas; mas, impressionavel como

ella é, com a educação religiosa que teve, e com aquelle caracterzinho orgulhoso e cheio de intransigencias, se não casar quanto antes, irá padecer muito ; irá viver em lucta aberta com sigo mesma !

— Em lucta ? como assim, doutor ?

— Ora ! A lucta da materia que impõe e da vontade que resiste ; a lucta que se trava sempre que o corpo reclama com direito a satisfação de qualquer necessidade, e a razão oppõe-se a isso, porque não quer ir de encontro a certos preceitos sociaes. Estupidez humana ! Imagine que você tem uma fome de tres dias e que, para comer, só dispõe de um meio—roubar ! Que faria n'este caso ?

— Não sei, mas com certeza não roubava . . .

— Então—morria de fome . . . Todavia um homem, de moral mais facil que a sua, não morreria, porque roubava . . . Comprehênde ? — Pois ahi tem !

V

Depois do ataque, Magdá sentio um grande quebramento de corpo e pontadas na cabeça. O conselheiro, quando a vio em estado de conversar, fallou-lhe com delicadeza a respeito de casamento, apresentando-lhe as doutrinas do Dr. Lobão, vestidas agora de um modo mais conveniente.

— Mas eu estou de accordo ! repon-tou ella, estou perfeitamente de accor-do ! A questão é haver um noivo ! Eu não posso casar sem um noivo ! . . .

— Tens rejeitado tantos . . .

— Porque não me convinha ne-hum dos que me apresentaram ; hoje porém estou resolvida a ser mais facil de contentar, e creio que me ca-sarei.

— Ainda bem, minha filha, ainda bem!

E abriram-se de novo as salas do Snr. Conselheiro, e começaram de novo as festas, e de novo começou aquella canceira de arranjar um—marido.

E espalhem-se convites para todos os lados! E corra a gente á confeitaria e aos armazens de bebidas! E contrate-se orchestra! E chame-se a costureira! E ature-se o cabellereiro! —Que maçada!

Que insupportavel maçada!

Entre os novos arrebanhados, appareceu o Snr. Commendador José Furtado da Rocha, velhote bem disposto, orçando pelos cincoenta, mas dando tintã ao cabello e escañoando-se com muita perfeição. Era portuguez, e havia se opulentado no commercio, onde principiara brunindo pesos e balanças. Magdá accetou-lhe a côrte quasi por brincadeira, a rir; ou talvez para não contrariar ao pae, que se mostrava muito affeioado por elle; ou, quem sabe, talvez ainda na esperanza de ver sur-

gir de um momento para outro um novo pretendente.

O velhote parecia adora-la e falava, com meias palavras e sorrisos de mysteriosa intenção, em arranjar títulos, deitar palacio, correr a Europa inteira e comprar objectos d'arte.

Um gajo! mas, quando o conselheiro, em nome do amigo, perguntou á filha se estava resolvida a casar com elle, Magdá sorriu, espreguiçou-se, e afinal, para não deixar o pae sem resposta, tartamudeou :

— Não digo que não, mas... sabe?... é cedo para decidir... Havemos de ver! havemos de ver!...

Trez mezes depois, o commendador, já desenganado, se casava em S. Paulo com uma viuva ainda moça, professora de piano.

Apresentou-se então, solicitando a mão de Magdá, o Dr. Tolentino. Não tinha a metade do dinheiro do outro; mas tambem era muito mais novo. Muito mais! E com um bello prestigio de homem de talento e um futuro na advocacia administrativa, se os seus pulmões lh'o permittissem.

Sim senhor, porque o Dr. Tolentino não gosava boa saúde. Era ainda jovem e parecia velho; extremamente magro, vergado, um pouco gibboso, olhos fundos, faces cavadas, cabello pobre e uma tosse de a cada instante. Todo elle respirava longas noites de estudo, sobre os grossos livros de direito ou defronte das carunchosas pilhas dos autos; todo elle estava a pedir, com o seu magro pescocinho, um longo cache-nez bem quente; e as suas mãos, extensas e magras, queriam luvas de lã; e os seus pés, longos e espalmados, exigiam sapatos de borracha. Não produzia lá muito bom effeito o vel-o assim desmalmado, muito comprido dentro da sua sobrecasaca abotoada de cima a baixo, olhando tristemente para a vida por detraz dos seus oculos de myope.

Muito bom effeito — não, não produzia; mas tambem não produzia muito máo, graças á delicadeza dos seus gestos e á expressão intelligente do seu rosto côr de palha de milho. Cheirava a doença; mas, palavra d'hoíra, fallava que nem o José Bonifacio!

Não! definitivamente merecia a fama de homem illustre!

O seu namoro á filha do conselheiro foi calmo, correcto e persistente. Porê m inutil: Magdá, depois de muita negação, muita hesitação e muito constringimento, resolveu não o aceitar.

Já lá se ia entretanto quasi que meio anno depois do primeiro ataque, e ella começava a torcer o nariz á comida, a fazer-se mais magra, mais irritavel e mais sujeita a sobresaltos nervosos.

Abatia.

O drama, a musica triste, o romance amoroso, provocavam-lhe agora um choro, que principiava pela simples lagrima e acabava sempre em soluços convulsivos. Ao depois — ahi estavam as pontadas no alto da cabeça, o embrulhamento do estomago, os terrores infundados, o exagero de todos os seus actos e um estranho desasocego do corpo e do espirito, que a fazia andar irriquieta por toda a casa, sem parar tres segundos no mesmo ponto.

— Temol-a travada! exclamava o seu medico; até que, uma occasião,

furioso, avançando de punho fechado contra o conselheiro, gritou-lhe, cerrando os dentes e arreganhando-os: — Que diabo, homem ! case esta pobre rapariga, seja lá com quem fôr !

— E' boa ! respondeu o outro— Ainda mais esta!... Pois você acha que, se houvesse apparecido com quem, eu já não a teria casado?...

— Ora o que, meu amigo ! As minhas observações não me enganam: ella tem qualquer amor contrariado, que me não confessa ; e você com certeza sabe de tudo e cala o bico por conveniencia... E' que o sujeito, naturalmente, é algum typo sem eira nem beira... Ah ! Eu comprehendo estas coisas... mas, em todo o caso, fique sabendo para o seu governo que você está mas é preparando uma doida de primeira ordem ! Ora ahi tem !

O conselheiro deu a sua palavra em como não sabia de nada, e affirmou em boa fé que a filha não tinha namoro occulto, nem claro ; que, se o tivera, já elle o haveria descoberto.

— Pois se não tem, é preciso arranjar-o e arranjar-o já !

Surgio então o Conde do Vallado.

Trinta a trinta e cinco annos. Elegante, loiro, meio calvo, barba rente, espetando no queixo em duas pontas de sacarolha ; olho azul, monoculo, o esquerdo sempre fechado ; uma ferradura de ouro, guarnecida de pequeninos brilhantes, na gravata, que tambem era toda sarapintada de ferraduras ; luvas de pelle da Suecia com tres riscões negros em cima ; sapatos inglezes, mostrando meias de cõr, onde havia ainda pequenas ferraduras bordadas a sêda.

Este, quanto ao chamado vil metal, não tinha nem pouco, nem muito ; era pobre, pobre como o paiz onde nascera ; mas descendia em linha recta de uma familia portugueza muito illustre pelo sangue, e em cujos primeiros galhos até principes se apontavam. Vivia á custa de um cavallo, igualmente puro no sangue e na raça, com o qual apostava no Prado. De resto — fallava inglez, fumava cigarrilhos de Havana, bebia cerveja como qualquer doutor

formado na Allemanha, e tinha o distinctissimo talento de encher cinco horas só a tratar de jockey-club.

Magdá ficou muito impressionada quando o vio pela primeira vez passar a meio trote na praia de Botafogo, fazendo corcovear a redea tesa o seu alazão pur-sang. Achou-o irresistivel de botas de verniz, elegantemente enrugadas sobre o tornozello, calção de flanela branca abotoado na parte exterior da côxa, jaleco de pellucia cõr de pinhão com passantes e botões de prata, chapéo alto de castor cinzento e luvas de camursa. Por muitos dias conservou no ouvido o echo daquelle estallar methodico e compassado, que as patas do cavallo feriam no calçamento da rua. E, em familia, tanto e com tamanha insistencia fallou do tal conde, que o pai, máo grado as informações contrarias que obtivera a respeito d'elle, deu providencias para o attrahir a sua casa.

Foi uma cõrte sem treguas a do Vallado. Perseguiu Magdá por toda a parte; passava-lhe a cavallo pela porta todos os dias; convidava-a para todas

as valsas; fazia-lhe declarações de amor em todas as occasiões.

— Então? perguntou o conselheiro á filha, depois de lhe communicar que o conde acabava de pedir a mão della.

— Não sei, respondeu Magdá. — Mais tarde, mais tarde terão a resposta... E' bem possível que aceite...

Deram todos como certo o casamento da filha do conselheiro com o estroina do conde. Fizeram-se comentarios, reprovações. Mas, nessa mesma semana, uma noite, estando aquella ao piano e o outro ao seu lado, a virar-lhe as folhas da partitura, ella de repente deixou de tocar, soltou um grito e foi logo accommettida por um novo ataque, ainda mais forte que o primeiro.

Havia descoberto, a passeiar no collarinho do fidalgo, um pequenino insecto da côr do jaquetão com que elle se exhibia a cavallo. Accudiram-na de prompto com sães e algodões queimados. Fez-se uma desordem geral na sala; Magdá foi carregada a pulso para o quarto, dando de pernas

e braços por todo o caminho. E, d'ahi a pouco, se levantava a reunião e retiravam-se os convidados.

Não pôde erguer-se da cama no dia seguinte, nem no outro, nem nos cinco mais proximos. Detinham-na grandes dôres de cabeça, amollecimento nas pernas, e uma ligeira impressão dolorosa na espinha dorsal.

— Olhe! disse o Dr. Lobão ao conselheiro— Isto ainda não é precisamente a tal fome de tres dias, mas para isso pouco lhe falta!...

O pae de Magdá resolveu aproveitar a primeira estiada da molestia para casar a filha com o conde.

— De certo! de certo! approvara o medico.

Todavia a caprichosa, ainda de cama, declarou que —definitivamente— não se casaria com semelhante homem.
— Nunca!

— Não! exclamou, com este é tempo perdido! Façam o que quiserem, eu não me caso!

— Mas porque, minha filha?...

— Não sei, não quero!

— Elle te deu algum motivo de desgosto? . . .

— Ora! Já disse que não quero!

E ninguém, nem ella propria, sabia explicar a razão porque. — Era lá uma scisma.

Quando se levantou estava desfeita; appareceram-lhe nauseas depois da comida e uma tosse secca que a perseguia emquanto estivesse de pé.

Foi então que o Dr. Lobão, enfurecido com a sua doente, porque se recusara a entregar-se ao conde, aconsellhou o tal passeio a Europa.

VI

A viagem, como ficou dito, pouco lhe aproveitou ao systema muscular e aggravara-lhe sem duvida o systema nervoso. Magdá voltou mais impressionavel, mais vibrante, mais electrica. De novo, verdadeiramente novo, o que se lhe notava agora era só uma exagerada preocupação religiosa: estava devota como nunca fôra, nem mesmo nos seus tempos de pensionista das irmãs de caridade. Mostrava-se muito piedosa, muito humilde e submissa aos preceitos da egreja. Fallava de Christo pondo na voz infinitas doçuras de amor.

E' que, enquanto percorrera as velhas capitaes do mundo catholico, visitando de preferencia os logares

sagrados e as ruínas, seu espirito, como se peregrinasse em busca do idéal, fôra lentamente se voltando para Deus. Preferira sempre os ermos silenciosos e propicios ás longas concentrações mysticas. As multidões assustavam-na com a sua grosseira e ruidosa actividade dos grandes centros da industria e do commercio; o verminar das avenidas e boulevards, as enchentes de theatro, a concurrencia dos passeios publicos, a agglomeração das officinas e dos armazens de moda, o cheiro do carvão de pedra, o vai-e-vem de operarios, o zum-zum dos hotéis; tudo isso lhe fazia mal. Agora, a sua delicadissima susceptibilidade nervosa reclamava o taciturno recolhimento dos claustros; pedia uma vida obscura e contemplativa, toda occupada com um perennal idyllo da alma com a divindade.

Em França chegou a fallar ao pai em recolher-se a um convento. O conselheiro disparatou :

— Estava douda? Pois elle tinha lá criado uma filha com tanto esmero para a ver freira?... Não lhe faltava

mais nada ! Ah ! bem se quizera oppôr áquellas incessantes visitas aos mosteiros, aos cemiterios e ás egrejas ! Não se oppuzera — ahí estavam agora as consequencias !— Ser freira ! Tinha graça ! Não havia duvida — tinha muita graça que a Sra. D. Magdalena fosse a Pariz para lá ficar em um convento. Mas era bem feito !... era muito bem feito, porque, desde o dia em que se deu o que se dera com a visita ao tumulo de Eloysa e Abelardo, que elle devia estar prevenido contra semelhantes passeios e tomar providencias a respeito daquella mania religiosa !

A visita ao tumulo dos legendarios amantes fôra com effeito muito fatal á filha do conselheiro. Esta, depois de o contemplar em silencio e por longo tempo, estactica, com os olhos immoveis sobre as duas figuras de marmore, abrio n'um pranto muito soluçado, findo o qual, ella se pôz a dansar e a cantar, n'um rythmo, que ia aos poucos se accelerando. O pae quiz contel-a; Magdá fugio-lhe, correndo pelo cemiterio, saltando pelas sepulturas,

tropeçando por aqui e por alli, tão depressa cahindo como se levantando, a soltar gritos que pareciam uivos de féra esfaimada. Afinal, já sem forças e com as roupas em frangalhos, abateu por terra, offegante, mas escabujando ainda n'um rosar convulsivo, até perder os sentidos, e logo pegar em somno profundo, do qual só despertou vinte e tantas horas depois, já no hotel, para onde a levaram sem que ella dêsse acôrdo de si.

Entrava no periodo da choréa e das convulsões.

Este accidente, porém, em vez de lhe servir de lição e afastal-a de tudo que lhe pudesse causar novas crises, foi ao contrario como que o ponto de partida da sua declinação para as cousas religiosas. Começou desde então a se sentir opprimida por uma anciedade sem objectivo nem causa apparente; ás vezes uma grande magua a suffocava, enchendo-lhe à garganta de soluços indissolúveis; outras vezes eram titilações por todo o corpo: uns pruridos que a irritavam, que lhe mettiam vontade de morder as carnes,

de açoitar-se, de beliscar-se até tirar sangue. E, quando cessavam estas tyrannias da materia, voltavam de novo as maguas, e então o que a consumia era um desejo exquisito, que lhe comia por dentro, onde e porque não sabia dizer; e depois: uma esperança sem esperança de conforto, um como idéal despedaçado no seu interior, cujas incalculaveis particulas se lhe espalhassem por todo o ser e procurassem fugir, transformadas em milhões de suspiros.

Valia-se então das supplicas religiosas e ficava longo tempo a rezar, banhada em lagrimas, os olhos injectados, os labios tremulos, o nariz frio de neve. Porém a oração não a confortava, e a infeliz pedia a Deus que a matasse naquelle mesmo instante ou lhe enviasse dos céos um allivio para as suas afflicções.

Foi neste estado que Magdá tornou ao Rio de Janeiro. A velha Camilla, cuja beatice emperrara com o tempo e já tresandava a idiotia, rejubilou ao vel-a assim; durante a viagem da sobrinha, ella se havia recolhido ao con-

vento de Santa Thereza, onde tinha amigas e onde costumava d'antes ir passar dias e ás vezes semanas inteiras, no tempo em que ainda não estava tão mal de saude. Qual não seria pois o seu gosto, quando Magdá, fechando-se com ella no quarto, abrio o coração e franqueou á devota todas as vagas mortificações e mysticos arrebatamentos da sua pobre alma enferma?

— Fizeste tu muito bem, minha filha! applaudio a tia, abraçando-a transportada.—Fizeste muito bem em te voltares para a egreja! Deixa lá fallar teu pae, que não entende disto e está tão contaminado de heresia como qualquer homem deste tempo. Deixa-o lá e entregá-te ás mãos de Deus, que terás bemaventurança na terra, como mais tarde a pilharás no céu!

E, porque Magdá se queixasse depois dos seus tremores, das suas palpitações e dos seus sobressaltos de todo o instante:— Quanto a isso, não tens que receiar, vou ensinar-te uma oração, que é só a trazer de cór e rezal-a de vez em quando — e has de ver que tudo se vae embora!

A sobrinha fallou em casamento.

— Se encontrares marido, respondeu a velha, e entenderes que deves casar — casa, menina, que essa é a vontade de teu pai; mas tambem se não casares, nem por isso serás menos feliz, uma vez que já estejas na divina graça de Nosso Senhor Jesus Christo...

E, depois de cruzar as mãos sobre o peito e revirar os olhos para o céu, acrescentou:— Não tenho eu vivido até hoje tão solteirinha como no dia em que nasci?... E, olha rapariga, que o homem nunca me fez lá essas faltas! Ainda em certa idade, quando andava no fogo dos meus vinte aos trinta, vinham-me assim umas venetas mais fortes de casamento; mas, que fazia eu?— Disfarçava; mettia-me com os meus santinhos; resava á Nossa Senhora do Amparo, e com poucas—nem mais pensava em semelhante porcaria! A cousa está em tirar uma pessoa o juizo d'ahi! Olha: decóra a oração que te vou ensinar, e reza-a sempre que sentires os formigueiros na pelle e comichões por dentro!

A oração constava do seguinte:

« Jesus, filho de Maria, Príncipe dos céos e Rei na terra, senhor dos homens, amado meu, esposo de minha alma, vale-me tu, que és a minha salvação e o meu amor! Esconde-me, querido, com o teu manto, que o leão me cerca! Protege-me contra mim mesma! exconjura o bicho immundo que habita minha carne e suja minha alma!— Salva-me! Não me deixes cair em peccado de luxuria, que eu sinto já as linguas do inferno me lambendo as carnes do meu corpo e enfiando-se pelas minhas veias! Vale-me, esposo meu, amado meu! Vou dormir á sombra da tua cruz, como o cordeirinho immaculado, para que o demónio não se approxime de mim! Amado do meu coração, espero-te esta noite no meu sonho, deitada de ventre para cima, com os peitos bem abertos, para que tu me penetres até ao fundo das minhas entranhas e me illumines toda por dentro com a luz do teu divino espirito! Por quem és, conjuro-te que me não faltes, porque, se não vieres, arrisco a cair em poder dos teus contrarios, e morrerei sem estar no gozo

da tua graça ! Vem ter commigo, Jesus ! Jesus, filho de Deus, senhor dos homens, Principe dos céos e Rei na terra ! Vem, que eu te espero. Amen.»

Magdá decorou isto e, desde então, todas as noites, antes de dormir, ficava horas esquecidas ajoelhada defronte do seu crucifixo de marfim, a repetir em estasi aquellas palavras que a entonteciam com a sua dura sensualidade ascetica. E os olhos prendiam-se-lhe na chagada nudez do filho de Maria e ungiam-lhe ternamente as feridas, como se ella contemplara com effeito o retrato do seu amado. Mas aquelle corpo de homem nú, alli, no mysterio do quarto, lhe trazia estranhas conjecturas e máos pensamentos, que a misera enxotava do espirito, corando envergonhada da sua propria imaginação.

Foi a partir desse tempo que deu para andar sempre vestida de luto, muito simples, com o cabello apenas enrodilhado e preso na nuca ; um fio de perolas ao pescoço sustentando uma cruz de ouro ; e mais nenhuma outra joia. E, assim, a sua figura ainda pare-

cia mais delgada e o seu rosto mais pallido. A tristeza e a concentração davam-lhe á physionomia uma severa expressão de orgulho; dir-se-ia que ella, á medida que se humilhava perante Deus, fazia-se cada vez mais altiva e sobranceira para com os homens. O todo era o de uma princeza trahida pelo amante, e cuja desventura não conseguira abaxar-lhe a soberbia, nem lhe arrancar dos labios frios uma queixa de amor ou um suspiro de saudade.

Os seus actos mais simples e os seus mais ligeiros pensamentos se resentiam agora de um grande exagero. Nunca se mostrara tão intolerante nos principios de dignidade e na pureza dos costumes; nunca fôra tão aristocrata, tão zeladora da sua posição na sociedade, nem tão convicta dos seus merecimentos e dos seus creditos.

Uma conducta irreprehensivel! Se soffria ou não para sustentar os deveres de mulher honesta, só o sabia a discreta imagem de marfim, a quem unicamente confiava os segredos das suas lutas interiores, os desesperos

e as miserias da sua carne; se tinha desejos, tragava-os em silencio com a mais inflexivel nobreza e o mais afincado orgulho. Ao vel-a, na singela gravidade do seu traje, o rosto descolorido pela molestia, os movimentos demorados e sem vida, sentia a gente por ella um profundo respeito compassivo, uma *sympathia* discreta e duradoura. O triste ar de altiva resignação que se lhe notava nos olhos, outr'ora tão ardentes e tão talhados para todos os mysterios da ternura; a desdenhosa expressão de fidalguia daquelles labios já sem côr, instrumentos que a natureza havia destinado para executar a musica idéal dos beijos e cujas cordas pareciam agora frouxas e embambecidas; aquella respiração curta e entrecortada de imperceptiveis suspiros; aquella voz, poderosa na expressão e fraca na tonalidade, onde havia um pouco de supplica e um pouco de arrogancia—supplica para Deus e arrogancia para os homens; enfim—tudo que respirava da sua adoravel figura de deusa enferma; tudo nos conduzia a amal-a em segredo, reve-

rentemente, como um soldado a sua rainha.

Agora a bem poucos dava a honra de uma conversa; fallava sempre sem gesticular e em voz baixa, e ninguém, a não ser o pae, lhe alcançava um sorriso. A dança, o canto, o piano, tudo isso foi posto á margem; as partituras dos seus autores favoritos já se não abriam havia longos mezes; a sua caixinha de tintas vivia no ostracismo; os seus pinceis de aquarella, d'antes tão companheiros della, já lhe não mereciam sequer um beijo. Iam-se-lhe agora os dias quasi que exclusivamente consumidos na leitura, lia mais do que d'antes, muito mais, sem comparação, mas tão sómente livros religiosos ou aquelles que mais de perto jogavam com os interesses da igreja; gostava de saber as biographias dos santos, deliciava-se com a «Imitação de Jesus Christo», e não se fartava de ler a Biblia, o grande manancial da poesia que agora mais a encantava; decorara o «Cântico dos Cânticos» de Salomão, principalmente o capítulo V que principia deste modo:

« Venha o meu amado para o seu jardim, e coma o fructo das suas macieiras.

« Eu vim para o meu jardim, irmã minha esposa; seguei a minha myrrha aromatica; comi o favo com o mel; bebi o meu vinho com o meu leite. Comei, amigos, e bebei, e embriagai-vos, carissimos!

« Eu durmo e o meu coração vela; eis a voz do meu amado que bate, dizendo: — Abre-me, irmã minha, pomba minha, immaculada minha, porque sinto a cabeça cheia de orvalho, e me estão correndo pelos anneis do cabello as gottas da noite. »

E estes, como todos os outros versiculos de Salomão, lhe punham no espirito uma embriaguez deliciosa, atordoavam-na como um perfume capitoso e mellifluo de flôres orientaes ou como um vinho saboroso e tépido que a ia penetrando toda, até á alma, com a sua doçura avelludada e cheirosa. E, depois de os repetir muitas e muitas vezes, corria a tomar nas mãos a imagem de Christo, e abraçava-a, e cobria-a de beijos, soluçando e mur-

murando: « Meu amado, meu irmão, meu esposo ! » E dizia-lhe em segredo, n'um delírio crescente: « Eu sou a tua pomba immaculada ; sou o mel de que teus labios gostam ; sou o leite fresco e puro com que tu te acalmas ; tu és o vinho com que me embriago ! »

— Isto acaba mal ! Isto com certeza acaba muito mal ! exclamava entretanto o Dr. Lobão, furioso contra o conselheiro, sobre quem elle fazia recahir toda a responsabilidade do estado de Magdá. — Pois já não bastavam os terríveis elementos que havia para aggravar a molestia ?... Como então deixar nascer e desenvolver-se o demonio daquella beatice, que só por si era mais que sufficiente para derreter os miolos a qualquer mulher ? !

Uma tarde, na semana santa, ella sahio em companhia da velha e voltou sem sentidos no fundo de um carro. Tinham ido ouvir um sermão na capella imperial, e Magdá fôra ahi mesmo accommettida por um ataque de convulsões com delirio.

O conselheiro revoltou-se formalmente contra a irmã :

— Aquillo era um abuso que orçava pela petulancia ! era um desrespeito ao que elle determinava dentro de sua casa e com relação á sua propria filha ! Por mais de uma vez havia declarado já que a Sra. D. Magdalena não podia ir á egreja e muito menos se demorar ahi horas e horas ; e fazia-se justamente o contrario ! Se D. Camilla não podia passar sem isso, que fosse sozinha ! Podia lá ficar o tempo que quizesse, fartar-se de sermões e rezas, deliciar-se com aquella bella atmosphera impregnada de incenso e bodum de negros ! Que fosse ; ninguem a privava de ir, mas, com um milhão de raios, não arrastasse consigo uma pobre doente para a pôr naquelle estado ! Era muito bonito, não havia duvida ! Elle em casa a se desfazer em cuidados de mezes e mezes para minorar os soffrimentos da filha, a fazer sacrificios para a ver boa ; e a beata da irmã a destruir tudo isso em poucas horas ! Não ! não tinha geito ! A continuarem as cousas por aquelle modo, elle se veria obrigado a tomar serias providencias contra semelhante abuso ! Se D.

Camilla, se não queria conformar com o que ditava o bom senso, que tivesse paciência, mas voltaria para o convento direitinha como um fuso !

E o que mais o irritava era o modo fraudulento porque tudo aquillo se fazia ; eram as confidencias secretas, as combinações em voz mysteriosa, a especie de conspiração que havia contra elle, entre Magdá e a velha. Enganavam-no : sabiam para «dar um passeio pela praia», e agora ficava descoberto o que eram os taes passeios ! Roubavam-lhe até o amor e a confiança de sua filha !— D'antes, Magdá não dava um passo, nem mesmo pensava em fazer fosse o que fosse, sem ir primeiro consultal-o, ouvil-o ; e agora—evitava-o ; fallava-lhe em meias palavras ; parecia ter segredos confessaveis ! Dissimulava !

— Tudo isso é da molestia ! explicou o Dr. Lobão, cujas visitas á casa do conselheiro rareavam ultimamente, porque o feroz medico vivia muito preocupado com o estabelecimento de uma casa de saude, que acabava de montar fóra da cidade. Mas o pobre

pae não se consolava com a explicação do doutor e soffria cada vez mais por amor da sua estremecida enferma. Magdá, com effeito, estava agora toda cheia de dissimulações e reservas ; parecia viver só e exclusivamente para uma idéa secreta, um idéal muito seu, que ella collocava acima de tudo e de todos. Fazia-se muito manhosa, muito amiga de subtilezas de disfarce, empenhando-se em esconder as suas mais simples e justificaveis intenções e fazendo acreditar que existiam outras de grande responsabilidade. Os passeios clandestinos que continuava a dar com a tia, cegando a vigilancia do conselheiro, para estar algum tempo na egreja, tinham para ella um irresistivel encanto de fructo prohibido, e a preocupação em escondel-os constituia o melhor interesse de sua existencia.

As duas saham em passo de quem vae esparecer um pouco pelas immedições de casa, mas a certa distancia acceleravam a marcha, apressavam-se, conversando em segredo os seus assumptos religiosos. A rapariga, á

medida que se approximava do templo, ia ficando excitada, palpitante, olhando repetidas vezes para traz, como se receiasse que a seguissem. Afinal chegava, offegante, com o coração na garganta e, depois de verificar que não era perseguida por ninguém, entrava na igreja, tremula e assustada, como se entrasse no latibulo de um amante. E aquelle silencio das naves; aquella meia sombra em que rebrilhavam os oiros dos altares; aquella solidão compungida; o ar fresco dos logares de tecto muito alto; tudo isso lhe punha no corpo um meigo quebranto de voluptia sobresaltada.

Ajoelhava sempre em um ponto certo; tinha já a sua imagem predilecta, era um grupo da mater dolorosa, de tamanho natural, com o Christo deitado ao collo, morto, todo nú, os braços pendentes, o sangue a escorrer-lhe pelas faces e pela eburnea rigidez do corpo. Adorava este Christo, amava-o, preferia-o, tinha intimas predilecções por elle; achava o mais formoso do que todas as outras imagens

sagradas. Embriagava-se com ver-lhe aquelle rosto muito pallido, aquelles olhos de palpebras mal fechadas, adormecidos no negrume dos martyrrios, aquelles labios róxos, immoveis, aquelles longos cabellos que lhe cahiam pelos hombros, aquella barba nazarena que parecia ter bebido de cada mulher da terra uma lagrima de amor.

E ella, no murmurio das suas orações, lhe dizia ternuras de esposa; pedia-lhe consolos e confortos, que elle lhe não podia dar; fallava-lhe com o maguado orientalismo do « Cantico dos Canticos; » e suas palavras eram quentes como beijos e ternas e doloridas como suspiros de quem ama. Por aquella imagem querida accentuava na sua imaginação a melancolica figura desse ente perfeito e desejado, de que na Biblia lhe fallavam as filhas de Jerusalém. Era esse o amado que, em sonhos, lhe pedia para abrir a porta, porque lhe estavam correndo pelos anneis do cabello as gottas da noite; era esse o amado candido e rubicundo, escolhido entre milhares; era esse, cujos olhos são ternos e doces, nem

como as pombas que, tendo os ninhos ao pé do regato das aguas, estão lavadas em leite e se acham de assento junto das mais largas correntes dos rios; era esse o amado, cujas faces são iguaes a canteiros de flôres aromaticas e cujos labios destilam a mais preciosa myrrha; era esse de mãos superfínas, feitas ao torno, cheias de jacinthos; esse de ventre de marfim, guarnecido de safiras; esse de pernas de marmore sustentadas sobre bases de oiro; esse que era escolhido como os cedros e cuja figura a languida e chorosa mulher da Biblia comparava ao Libano.

Era a esse que ella suppunha amar; a quem suppunha dar tudo o que seu coração e sua alma possuíam; e, vendo-se descoberta e prohibida de ir ás mysticas entrevistas com elle, foi logo tomada por um grande desgosto, sobrevivendo as convulsões, e tendo de guardar a cama por muitos dias, porque lhe appareceu então uma febre de character especial, apresentando todos os symptomas da pyrexia commum, mas que todavia não se subordinava

aos medicamentos que a esta combatem.

— Ora ahí tem ! E' a febre hysterica ! classificou logo o Dr. Lobão. E, em resposta ás perguntas do conselheiro, despejou um chorrilho de nomes technicos, dizendo que « Aquillo não podia ser febre typhoide, nem ter a sua origem na phlegmasia encephalica, nem tão pouco na alteração de algum orgão splanchnico, porque uma meningite, ou uma encephalite ou mesmo a febre typhoide commum, não poderia chegar áquelle gráo, pois que não havia doente capaz de resistir ! »

O certo é que Magdá, ao se levantar da tal febre, estava reduzida a uma fraqueza extrema. Voltaram-lhe a dôr da espinha, a tosse e a inappetencia completa ; se insistia em comer, vomitava in-continenti. O Dr. Lobão, na sua veneravel pretensão de medico antigo, declarou sem cerimonia que « pela contracção tonica dos musculos, presentia a approximação da lethargia. »

— A lethargia ! Agora é que eram

ellas! Ahi estava o que elle menos desejava que viesse!

Depois de praguejar contra todo o mundo e ralhar ruidosamente com o conselheiro, aconselhou a este que levasse a doente para um outro arrabalde mais campestre, onde não houvesse egrejas perto de casa e onde ella pudesse estar mais em liberdade e mais em movimento. E, logo que se sentisse melhor, convinha despertar-lhe o gosto por qualquer occupação manual. « Nada de bellas artes, nem leituras! exclamava o cirurgião — Jardinagem, serviço de horta, jogos de exercicio, como o bilhar, a caça, a pesca! E passeios! muitos passeios ao ar livre, pela fresca da manhã, sem chapéo, sem muito medo de apanhar sol! E, se os passeios fossem depois de um banho bem frio—melhor seria! Era preciso que Magdá não deixasse de tomar ferro e aquelle xarope de Easton, que elle havia receitado. Na alimentação devia procurar sempre comer um pouco de carne sangrenta, mariscos, e tomar bom vinho Madeira».

— Ora, ahi tem! Faça isto, con-

cluiu elle, e veja se consegue escon-
der-lhe o diabo dos taes livros religio-
sos, que ella tem lido ultimamente.

E resmungou ainda, depois de novas
pragas : — Pena é que se lhe não
possa esconder tambem aquella barata
velha, que é ainda peor do que todas
as cartilhas da doutrina christã !

VII

A mudança estava marcada para d'ahi a quinze dias. Iriam refugiar-se na Tijuca, em um casarão, que o conselheiro possuia para essas bandas. Sobrado muito antigo e de apparencia tristonha, todo enterrado no fundo de uma chacara, enorme e tão destratada, que em alguns pontos até parecia matto virgem. Janellas quasi quadradas; paredes denegridas pela chuva e pelo tempo. Nas grades da escadaria principal heras e parasitas grimpavam livremente; as trapoerabas cobriam os degráos e alastravam por toda a parte. E lá no alto, á beira desdentada do telhado, habitava uma republica de andorinhas.

Para chegar á casa, tinha-se de atravessar uma longa e tenebrosa alameda de mangueiras, que começava logo no portão da entrada e se ia estendendo por ali acima, lugubre como um caminho de cemiterio. Era triste aquillo com os seus altos muros de pedra e cal, pesados, cobertos de limo, e transbordantes de copas d'arvores velhas. O casarão, olhado pelas costas ou pelo flanco esquerdo, deixava-sever em toda a sua grosseira imponencia, porque dava esses lados para a rua, fazendo esquina com as suas proprias paredes. Mettia afflicção entrar lá: um pavoroso silencio de egreja abandonada enchia os enormes quartos nús e enxovalhados de pó; um ar frio e encanado, como o ar de corredores de claustro, enregelava e opprimia o coração naquelles longos aposentos sem vida. Tudo aquillo transpirava cheiro de velhice, cheiro de molestia; sentia-se a friagem da morte e a fedentina humida das catacumbas.

O conselheiro porém mandou correr uma limpeza geral na casa; fez ir para lá os moveis e objectos necessarios;

e, uma bella tarde, metteu-se afinal n'um landeau com a filha e mais a velha Camilla, e os tres abandonaram Botafogo.

Foram com o carro fechado até certa altura do caminho, porque Magdá, de tão incommodada que passara a noite da vespera, não tivera animo de pôr uma outra roupa e apenas enfiara um sobretudo de casimira e agasalhara a cabeça e o pescoço com uma sahida de baile.

Chegaram pouco antes do crepusculo. O sol acabava de retirar-se, mas a terra ainda palpitava na luz. As aves iam-se chegando aos seus penates; toda a natureza se aninhava para dormir; só as vadias das cigarras continuavam espertas, a cantar, fazendo sobressahir o seu interminavel lá menor d'entre os pacatos bocejos da matta que se espreguiçava ali mesmo, a dous passos da casa, tranquilla e submissa como um animal domestico. Magdá sentio-se ternamente impressionada pelo taciturno aspecto do casarão que, lá naquellas alturas, se lhe afigurava um velho mosteiro igno-

rado. A circumstancia da hora tambem contribuiu para isso ; aquella hora sem dono, que não pertence ao dia nem a noite — era della ; chamou-a a si, como se recolhesse um engeitado, e tomou-lhe carinho. Era o momento predilecto para as suas concentrações e para os seus êstases : em tudo descobria a essa hora o carpir de uma saudade ; cada moita de verdura ou cada grupo de arvores tinha para a filha do conselheiro suspiros e queixumes de amor. Parecia-lhe que a terra, nesse lamentoso e supremo instante em que o sol morre, se vestia de luto e chorava a perda do esposo que além se afogava; em pleno horizonte, atirando-lhe de longe os seus ultimos beijos de fogo. Magdá ouvia então os abafados soluços da viuva e sentia-lhe o frio orvalhar do pranto.

O pae despertou-a :

— Bem, minha filha, vamos para cima, que já cae sereno.

Ella havia escolhido para seus aposentos uma sala e dous commodos do andar superior. O quarto da cama era quadrado, muito singelo, uma ver-

dadeira cella, em que o seu inseparavel crucifixo de marfim assentava ao ponto de impressionar ; tinha uma só janella, essa mesma gradejada de ferro e sem vista, porque ficava justamente defronte de uma grande pedreira em exploração. O conselheiro teve de contrariar a filha para dar a estas salas um pouco de conforto e elegancia.

— Para que ? dizia ella, não é preciso ! Em qualquer parte a gente vive e morre . . .

Como estava transformada ! Ainda assimse lhe notava nas maneiras a mesma correcção fidalga e nos gostos a fina escolha e apurada sobriedade, que d'antes a distinguiam tanto entre as suas amigas. D. Camilla foi tambem para o andar de cima, fazendo-se acompanhar por uma côrte de santos de varias especies, tamanhos e virtudes. Além dos escravos, apenas se levou uma criada branca, para tratar de Magdá.

Installados, o conselheiro tomou um homem para lhe arranjar o jardim e occupou os seus negros na reparação da chacara, acompanhando elle pro-

prio o serviço, na esperança de despertar igual desejo no animo da filha.

Mas qual! Ella, desde o momento em que se enterrou ali, parecia até mais desanimada, mais triste e mettida comsigo. Agora dava para não ir á mesa e fechar-se no quarto, comendo pedacinhos de pão de instante a instante, roendo queijo secco, chupando fructas acidas e mastigando goiabas verdes. E sempre a scismar.

O pae em balde protestava contra isto; em balde lhe dizia que ella se estava preparando para uma seria irritação de estomago; em balde queria arrastal a para a mesa nas horas da comida; em balde lembrava passeios pela manhã ou ao cahir da tarde, a pé, a cavallo, de carro, como ella escolhesse. Era tudo inutil: Magdá continuava agarrada ao quarto — scismando.

— Então, ao menos, que acordasse mais cedo; fosse para baixo conversar com elle na chacara; tomar leite mungido na occasião; ver o pombal que se estava fazendo; dar uma vista d'olhos pelo gallinheiro e pela horta.

Magdá promettia, resmungava:

— Que sim, que sim, porque não? Do outro dia em diante estaria de pé logo ao amanhecer!

Mas no dia seguinte, quando a iam chamar ao quarto, á uma hora da tarde, respondia de máo humor:

— Deixem-me em paz! Oh!

— Nesse caso vamos de novo para Botafogo! exclamou afinal o conselheiro, perdendo a paciencia.— Eu, se vim encafuar-me aqui, foi na esperança de fazer-te mudar de regimen e com isso alcançar-te algumas melhoras! Vejo porém que é muito peor a emenda que o soneto!

Ella teve um tremor de musculos, e ficou muito impressionada com o tom quasi aspero que o pae puzera nestas palavras.

— Não sei que desejam de mim!... disse.

— Desejo que fiques boa. Ahi tens tu o que eu desejo!...

— Só parece que julgam que me faço doente para contrariar aos outros! Se estivesse em minhas mãos, seria mais agradavel a todos; não me ponho

melhor e bem disposta, porque não posso!...

— Está bom, está bom, balbuciou o conselheiro, acarinhando-a, arrependido por não ter sido tão amavel desta vez como das outras.— Não te vás agora affligir com o que eu disse... Aquillo não teve a intenção de magoar-te...

Ella proseguio em tom infeliz e resentido :— Se vim para cá, foi porque me trouxeram... não reclamei nada... Não me queixei ainda de coisa alguma... Sinto-me aqui perfeitamente... dou-me até muito bem, e só peço e supplico que não me contrariem; que me deixem em paz pelo amor de Deus; que me não apoquentem; que...

Vieram os soluços e Magdá principiou a êxcitar-se.

— Então, minha filha, que tolice é essa?...

— E' que eu não posso ouvir fallarem assim commigo!... Bem sabem que estou nervosa! bem sabem que estou doente!

— Sim, sim, tens razão... Passou! Passou!

E o conselheiro, de véras sorpreso com aquellas exquisitices da filha, espantado por vel-a fazer-se tão humilde, tão coitadinha, puxou-a brandamente para junto de si e affagou-a como se estivesse a consolar uma criança.

— Acabou! Acabou!

Magdá chorava com a cabeça pouxada no collo d'elle.

— Então, então, não te mortifiques... Aqui ninguem faz senão o que fôr do teu gosto... Vamos, não, chores deste modo...

Magdá chorava mais.

— Então, minha filha, então!

Qual! o resultado foi passar peor esse dia e augmentarem as suas rabugices no dia immediato:— Que desejava morrer! dizia—Acabar logo com aquella miseravel existencia! Que ali todos já estavam fartos de a supportar! Que todos se aborreciam com ella e procuravam meios e modos de contraria-la, só para ver se a despachavam mais depressa! Que bem se quizera recolher a um convento, mas que não deixaram! Pois antes tivessem consen-

tido, porque agora até a propria criada parecia lhe fazer um grande obsequio, quando era obrigada a ter um pouco mais de trabalho com ella.

No fim de contas appareceu-lhe de novo a tal febre de character especial; agora porém com delirios e movimentos luxuriosos, sobrevindo uma profunda lethargia, contra a qual eram inuteis todos os recursos do medico.

Parecia morta. No fim de longas horas de esforços, o Dr. Lobão, já desesperado, teve, a contra gosto, de aceitar o conselho de um seu collega ainda moço e de idéas modernas — a compressão do ovario.

Effeito prompto: Magdá tornou logo a si depois da operação, livre já perfeitamente das impertinencias e infantis rabugices, que tivera antes da febre. Voltara á sua habitual gravidade, ás suas maneiras austeras de fidalga enferma; mas começou a sentir-se vagamente maguada nos melindres do seu pudor: queria parecer-lhe, adivinhava, que, durante a inconsciencia da sua anesthesia, o insolente medico a devassara toda; sentia ainda

nos logares mais vergonhosos do corpo a impressão de mãos estranhas que os apalparam e comprimiram. E a idéa de que alguém a vira descomposta e que lhe tocara nas carnes, revoltou-a como imperdoavel ultrage feito á sua honra e ao seu orgulho de mulher pura. Todavia não se achava com coragem de interrogar ninguem a esse respeito e, foi tal o seu vexame, que a infeliz se escondeu no quarto, a chorar de acanhamento e raiva.

— Oh! exclamou o doutor, quando o conselheiro lhe deu conta disto— Eu a punha esperta e sã em pouco tempo, se me déssem carta branca para isso! A questão dependia toda do enfermeiro que lhe arranjasse! Aquellas lamurias e aquellas lagrimas se iriam logo embora com a primeira semana de lua de mel!

No entanto, Magdá continuava a soffrer: a tosse não a deixava senão quando ella se recolhia á cama; deitada não tossia nunca, mas em compensação apparecia-lhe uma especie de asthma. Agora, uma das suas manias era se pôr á janella do quarto e

ahi permanecer horas e horas esquecidas, a ver o serviço da pedreira que ficava defronte, olhando muito entretida para os cavoqueiros, e ouvindo a toada que elles gemem quando estão minando a rocha para lhe lançar fogo. Parecia gostar de ver os trabalhadores; como que lhe aprazia aquella rica exhibição de musculos tesos que saltavam com o peso do macete e do furão de ferro, e daquelles corpos nús e suados, que reluziam ao sol como se fossem de bronze polido.

E, se alguém a ia chamar para a mesa ou para conversar com o pae, respondia zangada, sem tirar os olhos da pedreira:

— Não posso ir! Deixem-me!

E, se insistiam:— O' senhores, que maçada! Não posso ir, já disse! Estou doente!— Oh!

Depois do ataque de lethargia, lhe foram voltando pouco a pouco as exquisitices de genio e os caprichos de criança estragada com mimo; quasi nunca se desprendia do quarto e, nas poucas vezes que lhe surgia por lá alguma camarada dos bons tempos;

ella por tal modo se mostrava secca e até grosseira, que a amiga tratava de abreviar a visita e sahia sem a menor intenção de voltar.

Nem mesmo a criada a queria já supportar mais, apesar de muito bem paga. «Pois não! Éra uma impertinencia de todo o dia! um repellão por da cá aquella palha! — Se a gente não ia logo correndo saber o que a serrazina queria quando chamava — tome sara-banda! — Oh! Insupportavel! o que se pôde chamar — insupportavel! Uma verdadeira furia! De mais a mais a «barata velha» ultimamente tambem dera para ficar peior, e havia quasi duas semanas que se não desgrudava da cama nem á mão de Deus Padre!»

Pobre velha! consumia-se n'uma infernal complicação de molestias; eram intestinos, era cabeça, eram pernas, era o diabo! Parecia uma decomposição em vida: fedia como coisa podre! Já se não alimentava pela bocca; os seus gemidos eram arrotos de ôvo chôco, e os humores que ella expellia por toda a parte do corpo empestavam a casa inteira.

— Esta já não tem mais que esperar! declarou bem alto o Dr. Lobão, olhando-a desdenhosamente por cima dos olhos, como se a misera fosse já um defunto e não lhe pudera ouvir a deshumana prophécia.— Está despachada! A consumpção deu-lhe cabo do canastro!

Mettia dó. Veio uma velhinha, sua camarada de muitos annos, ajudal-a a morrer, e consigo trouxe duas escravas, especialistas em servir a enfermos desenganados, porque a senhora tinha a mania de acompanhar os ultimos instantes de todas as amigas que se iam antes della. A casa parecia um hospital: sentia-se cheiro de enfermaria e andavam todos sarapantados, cheios de terror pela morte; de manhã á noite faziam-se rezas em torno da doente. O conselheiro quiz que a filha se affastasse daquelle espectaculo e fosse passar algum tempo em outra parte; Magdá oppôz-se a pé firme e deixou-se ficar ao lado da tia, rezando com tamanho empenho, que fazia crer que só com os seus esforços contava para lhe salvar a alma.

O medico dissera a verdade : quatro dias depois da sentença lavrada por elle, D. Camilla pedio um padre, muito afflicta. Era já a morte que pegava de agonial-a.

Correu-se a chamar Nosso-Pae.

Não veio logo; e a moribunda, como quem está com o pé no estribo para uma longa viagem e arrisca a partir sem levar um objecto que lhe ha de fazer muita falta em caminho, remexia inquieta a cabeça sobre os travesseiros, lançando continuos olhares de impaciencia para a porta do quarto.

O viatico demorava-se.

O conselheiro ia de vez em quando até á janella de uma das salas que davam para a rua e passeiava ancioso pelo segundo andar.

— Chegou ! disse por fim, retornando ao aposento da irmã.

Houve uma enternecida agitação. Ouvio-se o toque de uma campainha echoando nos corredores da casa, e a velha Camilla teve um suspiro de allivio. — Já não partiria sem a sua extrema-uncção !

O padre entrou com os ajudantes,

muito cerimonioso debaixo do pallio, agazalhando a hostia consagrada junto ao peito, com os cuidados de quem traz uma vasilha cheia até ás bordas e não a quer entornar. Fez-se em redor d'elle e da paciente respeitoso silencio; apenas se ouviam, além dos rancos da moribunda, a voz abafada do sacerdote, resmungando n'uma alternativa de sussurros, ora mais alto, ora mais baixo, sem fazer pausas, como se estivesse contando interminaveis algarismos.

A cerimonia durou pouco e, quando o religioso se retirou com a sua comitiva, a velha parecia tranquiila, nem que houvesse tomado um milagroso remedio de effeito immediato. Magdá, por detraz dos pés da cama, orava, ajoelhada defronte de uma mesinha coberta por alva toalha de rendas, sobre a qual havia um crucifixo, entre duas velas de cêra que ardiam com pequenos estallinhos seccos; tinha os olhos muito abertos e póstos sobre a imagem do crucificado, transbordando lagrimas que lhe rolavam silenciosas pela face; as mãos cruzadas sobre

o peito n'uma postura de estase. O conselheiro puxou uma cadeira para junto do leito da irmã e assentou-se, collocando a sua mão direita por debaixo do humido craneo da moribunda; esta começou a se agitar de novo nos travesseiros. Então : a velhinha amiga della ajoelhou-se do lado opposto e obrigou-a a segurar nos dedos já sem vida uma das velas, que acabava de tirar de cima da mesa, e pôz-se a rezar em voz baixa. Camilla rouquejava gemidos que se iam transformando em um pigarro continuo; as suas pupillas estavam já immoveis e veladas; escorria-lhe das ventas e da boca aberta, como um buraco feito na cara, uma grossa mucosidade esverdinhada e fedentinoso. Assim levou algum tempo, arquejando; até que afinal a respiração lhe foi aos poucos amortecendo na garganta, e até que os olhos espremeram a ultima lagrima e os pulmões sopraram o derradeiro folego.

Nessa occasião, Magdá acabava de se levantar e marcava compassos de musica com o dedo sobre a mesinha, dansando com o corpo de um para o

outro lado, n'uma cadencia inalterável, sem tirar a ponta dos pés do mesmo lugar e movendo os calcanhares suspensos do chão.

— Um! dous!—Um! dous!— Um! dous!

Era um novo ataque de choréa.

VIII

Com a morte da velha Camilla despedira-se da casa a mulher que estava ao serviço de Magdá e fôra substituída uma rapariga ali mesmo da vizinhança.

— Justina, uma sua criada, para a servir.

Portuguesa, das ilhas, forte, rechonchuda e muito amiga de conversar. Teria trinta annos, era viuva, com tres filhos: o mais velho já encaminhado n'uma officina de encadernador; o immediato morando com a madrinha em Belém, e o mais novo, que ainda mal se aguentava nas pernas, acompanhava-a para onde ella ia.

— Não! que isto de crianças, quando estão pequenas, as mães devem atural-as! como não?

Diziam que fôra sempre mulher de bons costumes, e com effeito parecia, ao menos pela cara. Muito risonha, corada, dentes claros, e olhos castanhos, um pouco recalhidos para o lado de fóra com uma natural expressão de lastima, que aliás não perturbava em nada a alegre vivacidade da sua physionomia. Tinha papadas, e fazia ros-cas no cangote; uma pennugem de fructa na polpa do queixo e dous pin-ceis de aquarella nos cantos da bocca. Quando andava tremiam-lhe os qua-dris como immensos limões de cheiro feitos de borracha.

Logo ás primeiras palavras que ella trocou com Magdá mostrou-lhe sym-pathia. E' que era justamente uma dessas creaturas vindas ao mundo para cuidar de doentes; naturezas que só amam de véras áquelles a quem devem muitas canceiras; que só amam depois de grandes sacrificios; depois de muita noite perdida e muito somno interrompido. Nascera enfermeira,

nascera para os fracos; gostava de encarregar-se de crianças e, quanto mais achacadazinhas fossem estas, tanto melhor. Os rachiticos, os aleijados, eram a gente da sua predilecção. Com o leite do seu ultimo pequeno criara um fedelho, que estava morrenão-morre quando lhe foi parar ás mãos; pois ella, depois de lhe salvar a vida, a custo de longos mezes de desvello sem descanso, tomou-lhe tal carinho que o queria mais do que ao proprio filho, um maroto este, forte e sadio como um bezerró. «Um coisinha ruim! affirmava rindo— Não ha mal que lhe entre! Nunca vi!— nem chora, o brutinho, Deus me perdôe!»

Magdá quiz saber onde é que ella estivera até então empregada; qual a casa donde vinha.

— Em parte alguma, não senhora. Morava com a tia Zefa ali mesmo de frente, naquella casinha de duas janelas com entrada pela estalagem.

— Que gente vem a ser essa?

— A tia Zefa é filha da velha Custodia; lavadeiras, como não? Vêm já de traz estas amigas! Nós, por bem

dizer, fomos criadas pela tia Zefa; foi de lá que eu sahi para casar, e minha mana, a Rosinha, vosmecê não conhece, essa ainda mora com ella.

— Ah! Tem uma irmã...

— Então! Muito mais nova do que eu. Solteira, mas já tem o seu noivo. Não é por ser minha irmã, porém é uma rapariga que se póde ver! O Luiz...

— Bem, bem! Você então traz um filho em sua companhia?

— Ora coitado! Não ha de incomodar... E, se se fizer tolo, carrego-o logo lá p'ra defronte, que a velha é perdida por elle. Se o é! Dá-lhe um tudo! Não vio vosmecê aquelle chapeuzinho de pluma com que elle veio hontem? Pois quem foi que o deu? Foi ella!

E rio-se toda.

— Bem, bem, trate de ir buscar o que é seu e tome conta desse quarto ali ao pé, porque, não sei se sabe, você me tem de fazer companhia á noite. Ando muito doente e ás vezes é preciso que me dêem o remedio, comprehende?

— Como não, minh'ama ? Póde vosmecê ficar descansada por esse lado, que esta que aqui está não lhe dará razões de queixa !

E já parecia radiante com aquella expectativa de ter uma enferma á sua guarda. Uma enferma nas condições da filha do conselheiro era o seu idéal. E, por cima de tudo « bom ordenado, comida com fartura, seu copo de vinho ao jantar e d'ahi até, quem sabe, talvez seu vestidinho de vez em quando . . . »

— Não ha duvida, concluo, foi um achado !

Um achado ! Ella é que foi um bom achado para Magdá. Esta nunca houvera tido criada tão alegre, tão amorosa e tão diligente no serviço.

Além de que : muito sã, muito limpa e muito seria. Perto daquella figura socada, de carne esperta e luzente, a pobre senhora ainda parecia mais magra e mais pallida ; gostava porém de a sentir ao seu lado, aquecer-se naquelle calor de saude, parasytar um pouco daquelle humus resumbrante de seiva, sorver aquella forte exhalação sanguinea de femea refeita e bem adubada.

Nunca entravam em confidencias e palestras, que a orgulhosa filha do conselheiro não dava para essas coisas; mas a mesquinha enferma gostava de deitar-se sobre um tapete no chão, defronte da janella do quarto, e ahi ficar, scismando nos seus tedios, com a cabeça pousada no morno e carnudo regaço da criada. A's vezes adormecia assim, e então se abraçava com ella e enterrava o rosto entre as almofadas dos seus peitos, respirando com um regalo inconsciente de criança que já não mama, mas ainda gosta de sentir ao pegar no somno a calentura do collo materno.

Em breve, a Justina era tão indispensavel para Magdá, quanto uma ama a um orphãozinho recém-nascido. A infeliz moça passava agora muito melhor; conseguia ficar com alguma coisa no estomago e tinha certa regularidade no somno. Um dia, em que a rapariga lhe pedio licença para ir a Belém ver o filhinho que estava á morte, ella quasi que tem um ataque, tal foi a sua contrariedade.

— E' por pouco tempo... esclare-

ceu aquella—Eu volto logo. Tres dias ou quatro, quando muito; de mais deixo um'outra no meu logar. . .

Foi, sempre foi, mas á senhora tanto custou a sua ausencia, que jurou nunca mais consentir que de novo se separassem. Ficou nervosa e impertinente que causava pena. Veio-lhe outra vez a mania das rezas, voltaram-lhe os monologos a meia voz e os sobresaltos sem causa apparente.

— Maldito pequeno! Lembrar-se de cahir doente! e logo agora!

A Justina demorou-se mais do que contava. Uma semana depois da sua partida, Magdá, que não havia comparecido ao almoço, fez voltar o lunch das duas da tarde, que o pae lhe mandara levar ao quarto.

— Não me aborreça! gritou ella á substituta da Justina; uma sujeita alta, ossuda, de nariz comprido e mal encarada. Cheirava a morrinha de cachorro. Magdá não a podia ver.

— Sáia d'aqui! Não ouviu?

A mulher observou com a sua voz grossa e compassada:

— O senhor disse para a senhora

não deixar de tomar ao menos o caldo, que foi temperado por elle.

— Papae que me deixe em paz! Ponha-se lá fóra! Ponha-se lá fóra!

A criada sahio, teza que nem um granadeiro, a resmungar com a bandeja nas mãos; e Magdá fechou a porta sobre ella, com estrondoso impeto, atirando-se depois no divan e sacudindo a cabeça como se estivesse sufocada.

— Que gente, meu Deus! Que gente!

E levou uma boa hora a fitar um só ponto, com os olhos apertados e as sobrancelhas franzidas e mais retorcidas que um recamojaponez. Ergueu-se afinal, inteiriçada n'um espreguiçamento suspirado e longo, deu em seguida alguns passos indolentes pela alcova, tomou um resto de leite frio que havia n'uma chicara sobre a mesa, e encaminhou-se sonambulamente para a janella. Ahi encostou o rosto entre dous varões da grade e segurou-se com as mãos nos outros que ficavam mais proximos.

— Ah!...respirou, igual ao cego que

obtem, depois de grandes esforços, chegar ao ponto em que deseja. E olhou atôa para os fundos de céu que se estendiam lá por detraz do horizonte. E seu olhar errou pelo espaço, perdido como andorinha doida a que roubassem o ninho, percorrendo inquieto e tonto, de um só vôo, leguas e leguas de azul, até ir afinal cahir prostrado, de azas bambas, no cimo da pedreira que lhe enfrontava com a janella.

Prendeu-lhe toda a attenção o que se passava ali: Os trabalhadores suspendiam por instante o serviço, alvoroçados com a chegada de uma raparigona que lhes levava o jantar — Que alegria! A cachopa era sem duvida mulher de um delles, o mais alto e mais barbado, porque ella, mal soltou no chão o cesto da comida, lhe arrumou com uma caricia de gado grosso um murro nos rins, e retrahio-se logo, a rir, toda arrepiada, esperando que o macho correspondesse. Este cascalhou uma risada de gôzo alvar e ferrou-lhe na anca a sua mão bruta, de cavoqueiro, tão encrostada e escaimosa, que se não podia abrir de todo.

Depois : acercaram-se de um pedaço de pedra, em que a mulher foi depondo o que trouxera na cesta ; e de cocaras, ao lado uns dos outros, puzeram-se todos a comer sofregamente, no meio de muito rir e palavrear de bocca cheia.

Magdá, sem conseguir escutar o que elles tanto conversavam, não lhes tirava os olhos de cima, profundamente entretida a ver aquillo. E, coisa estranha, em tal momento daria de bom grado os melhores diamantes que possuia para ter ali um pouco do que elles comiam lá no alto da pedreira com tamanha vontade. Ella, que já não podia soffrer os imaginosos acepipes da mesa de seu pae, sentia vir-lhe agua á bocca pela comida dos trabalhadores, e até, parece incrível, tinha desejos de beber da mesma garrafa em que elles bebiam pelo gargalo, fazendo questão para que nenhum lo-grasse ao outro.

No dia seguinte, justamente áquellas horas, apresentou-se ao pae, já vestida e prompta para sahir.

— Bravo ! exclamou o conselheiro,

sorpreendido pela novidade.—Bravo ! muito bem !

E marcou apressado a pagina do livro que estava lendo e, como se temesse que a filha mudasse de resolução, correu logo a buscar o chapéo e a bengala. « Ora até que emfim aquella preguiçosa se resolvia a passeiar ! »

Quando se acharam na rua, Magdá foi tomando a direcção da pedreira ; o pae acompanhou-a sem proferir palavra. Só pararam lá perto.

O morro, com as suas entranhas já muito á mostra, arrojava-se para o céo, como um gigante de pedra violentado pela dôr ; via-se-lhe o amago cinzento reverberar á luz do sol, que parecia estar doendo. E enormes avalanches de granito, ruidas e arremecadas pela explosão da polvora, acavallavam-se de cima á base da rocha, lembrando estranha cachoeira que se houvera petrificado de subito. Cá em baixo, d'aqui e d'ali, se ouviam retinir ainda o picão e o miacete, e lá no alto, no escalavrado cume do penhasco, quatro homens, agarrados com todos os dedos a um immenso furão de ferro,

abriam penosamente uma nova mina no granito, gemendo em tom monotonico e arrastado uma toada lugubre.

De cada vez que elles suspendiam a formidavel barra de ferro para a deixar cahir novamente dentro do furo, recommençava o côro lamentoso que, de tão triste, parecia uma supplica religiosa.

— Vamos lá? . . . propôz Magdá ao pae, depois de admirar de perto aquelle monstro que ella contemplava todos os dias da janella gradeada do seu quarto.

— Onde, minha filha? . . . perguntou o conselheiro, sem animo de acreditar no que ouvia.

— Lá em cima, onde aquelles homens estão brocando a pedra. Quero ver aquillo.

— Estás sonhando, ou me suppões tão louco que consentisse em tal temeridade? Esta pedreira é muito alta!

— Não faz mal. . .

— Sentirias vertigens antes de chegar ao fim!

— Mas eu quero ir!

— Deixa-te disso.

— Ora que me hão de contrariar em tudo!

— E' que é uma imprudencia sem nome o que desejas fazer, minha filha!

Já amuada, ella se soltou do braço do pae e correu para os lados por onde se subia á montanha.

— Espera ahi! gritou o velho, tentando alcançal-a, espera ahi, caprichosa! Eu te acompanho!

A caprichosa havia galgado o primeiro lance de pedra.

A subida foi penosa.

Ah! o caminho era muito estreito, irregular e coberto de calhãos. O pé ás vezes não encontrava resistencia, porque o cascalho rodava debaixo delle.

Mas subiam. Magdá, sem querer dar parte de fraca, segurava-se arquejante ao braço do pae; este mesmo porém, sabe Deus com que heroismo conseguia não perder o equilibrio.

— Vamos adiante! Vamos adiante! dizia ella, quasi sem folego.

— Descansemos um pouco, minha filha.

Não, ella não descansaria, emquan-

to não alcançasse o morro. Felizmente o caminho em cima era quasi plano e com pequeno esforço chegava-se d'ahi ao logar onde trabalhavam os quatro homens. Mas um arranco, e lá estariam.

Afinal conseguiram chegar. Mas, ah! quando a pobre Magdá, toda tremula e exausta de forças, já no tope da pedreira, defrontou com o pavoroso abysmo que se precipitava debaixo de seus pés, soltou um grito rapido, fechou os olhos, e teria cahido para traz, se o conselheiro não a acode tão a tempo.

— Magdá, minha filha! Então! então!

Ella não respondeu.

-- Está ahí! está ahí o que eu receiava! Lembrar-se de subir a estas alturas!... E agora a volta...?

— Póde voxencia ficar tranquillo por esse lado, arriscou um dos cavaqueiros, que se havia approximado, a coçar a cabeça —Se voxencia quizer, eu cá estou para pôr esta senhora lá em baixo, sem que lhe aconteça a ella a menor lastima.

— Ainda bem! respondeu S. Ex. com um suspiro de desabafo.

O trabalhador que se offereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos annos, vigoroso e bello de força. Estava nú da cintura para cima e a riqueza dos seus musculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independencia de estatua. Os cabellos, empastados de suor e pó de pedra, cahiam-lhe em desordem sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe á cabeça uma satyrica feição de sensualidade ingenua.

— Vamos! Vamos! apressou o conselheiro, entregando-lhe a filha.

O rapaz passou um dos braços na cintura de Magdá e com o outro a suspendeu de mansinho pelas curvas dos joelhos, chamando-a toda contra o seu largo peito nú. Ella soltou um longo suspiro e, na inconsciencia da syncope, deixou pender mollemente a cabeça sobre o hombro do covoqueiro. E, seguidos de perto pelo velho, lá se foram os dous, abraçados, descendo, pé ante pé, a ingreme irregularidade do caminho.

Era preciso toda atenção e muito cuidado para não rolares juntos; o moço fazia prodígios de agilidade e de força para se equilibrar com Magdá nos braços. De vez em quando, nos solavancos mais fortes, o pallido e frio rosto da filha do conselheiro roçava na cara esfogueada do trabalhador e tingia-se logo em côr de rosa, como se lhe houvera roubado das faces uma gotta daquelle sangue vermelho e quente. Ella afinal teve um dobrado respirar de quem acorda, e entreabriu com volupia os olhos. Não perguntou onde estava, nem indagou quem a conduzia; apenas esticou nervosamente os musculos n'um espreguiçamento de gôso e estreitou-se em seguida ao peito do rapaz, unindo-se bem contra elle, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço com a avidez de quem se apega nos travesseiros aquecidos para continuar um somno gostoso e reparador. E cahio depois n'um fundo entorpecimento, bambeando as palpebras; os olhos em branco; as narinas e os seios offegantes; os labios seccos e despregados, mostrando a

brancura dos dentes. Achava-se muito bem no tépido aconchego daquelle corpo de homem; toda ella se penetrava do calor vivificante que vinha delle; toda ella aspirava, até pelos poros, a vida forte daquelle vigorosa e b a carnadura, criada ao ar livre e quotidianamente enriquecida pelo trabalho braçal e pelo prodigo sol americano. Aquelle calor de carne só era uma esmola atirada   fome do seu miseravel sangue.

E Magd , sentindo no rosto o resfolegar ardente e acelerado do cavoqueiro, e nas carnes macias da garganta o ro agar das barbas delle, asperas e mal tratadas, gemia e suspirava baixinho como se a estivessem acarinhando depois de longa e assanhada pugna de amor.

Quando o moço, já em baixo, a dep z em um banco de pedra que ahi havia, a enferma abriu de todo os olhos, deixou escapar um grito e cobriu logo o rosto com as mãos. Agora não podia encarar com aquelle homem de corpo n , que ali estava defronte della,

a tirar com os punhos o suor que lhe escorria em bagas pela testa.

Chorou de pejo.

O seu pudor e o seu orgulho revoltavam-se, sem que ella soubesse determinar a razão porque. Uma colera repentina, um sofrego desejo de vingança, enchiam-lhe a garganta com um novello de soluços. O pranto parecia suffocal-a quando rebentou.

— Eu magoei-a, ó patrôazinha?... perguntou o trabalhador com humildade, quasi sem poder vencer ainda o seu cansaço. E o imprudente tocou com a mão no hombro de Magdá, procurando, coitado, dar-lhe a perceber o quanto estava consumido por vel-a chorar daquelle modo. Ella estremeceu toda e fugio com o corpo, nem que se lhe houvessem chegado um ferro em braza; e abraçou-se ao pae, escondendo no peito deste os seus soluços que agora lhe borbottavam sem intermittencia.

O pobre cavoqueiro, ainda com o peito p'ra cima e p'ra baixo, quedava-se a olhar para os dous com uma cara palerma de desgosto. E assim que

elle fazia o menor movimento de corpo, a senhora retrahia-se assustada e enterrava mais a cabeça entre os braços do conselheiro. Foi preciso que este o afastasse d'ali, dizendo-lhe que lhe apparecesse logo mais em casa para receber uma gorgeta.

Mal se pilhou no quarto, Magdá foi estaçalhando as roupas, como se as trouxera incendiadas ; mas sentia tambem nos seus cabellos, no seu rosto, em toda ella, o mesmo cheiro de animal suado, o mesmo enjoativo bodum de carne crúa. Parecia-lhe mais—que a sua propria transpiração já tresandava áquelle mesmo fartum do moço da pedreira.

— Diabo ! diabo ! diabo !

E os movimentos que fazia para saccar a camisa eram tão violentos, que ella parecia querer arrancar até a propria pelle do corpo.

Um mal-querer desnordeado, contra tudo e contra todos, se apoderou do seu espirito. Estava furiosa e mais ainda por não saber contra quem e contra o que. Não se podia queixar a ninguem, nem de ninguem, e sentia-se

no entanto offendida, ultrajada, no seu orgulho e no seu pudor. A vontade que tinha era de mandar matar no mesmo instante aquelle maldito homem—para nunca mais o ver, para nunca mais o sentir.

Só depois de muito bem lavada e coberta de perfumes, recolheu-se á cama, ainda estrangulada de raiva. Tambem, foi só adormecer e começou logo a sonhar com o amaldiçoado ca-voqueiro.

IX

Sonhou com elle a noite inteira; mas que sonhos ! E o melhor é que então o pobre diabo não lhe apparecia mais por um prisma repugnante; ao contrario: imaginando-se ao lado d'quelle corpo robusto, Magdá sentia todo o seu organismo rejubilar de satisfação, ainda melhor do que quando se aninhava no collo da Justina. Perto d'elle gozava em sonho um bem-estar de calmo conforto, como o dos tísicos junto aos bois, na morna atmosphera dos curraes.

Tanto o amaldiçoara acordada, quanto o extremecera durante o sonho; este comtudo nem sempre foi agrada-

vel e em certas phases orçara até pelas horripilações do pesadelo.

Começou vendo-se no alto da pedreira, a olhar para o espaço, justamente como acontecera na realidade; mas a pedreira afigurava-se-lhe agora tres ou quatro vezes maior. De repente — falta-lhe o terreno debaixo dos pés, e ella cae, não para traz e sim bem de frente — no ar. Nisto, uma garra fortissima lhe empolga as roupas das costas, sustentando-lhe a vertigem da quédia, sem todavia impedir que ella continue a resvalar; mas já não cae, deslisa suavemente, como se estivesse voando. Um braço musculoso cinge-lhe as curvas dos joelhos, um outro a toma pela cintura, e seu collo é recebido em cheio por um largo peito nú, onde ha cabellos que lhe põem cocegas na pelle. Magdá ri com as cocegas, e sua cabeça repousa n'um taureo pescoço de Hercules, cujo suor lhe humedece as faces. E, assim abraçados, deslisam voluptuosamente no espaço, descendo n'uma embriagadora delicia de vôo continuo.

O vôo dura um tempo infinito. E

ella, como receiando ficar desamparada trata de agarrar-se ao outro o melhor que póde. Estreitam-se mais.

E mais.

Ha já um principio de phrenesi no modo porque se estreitam. A moça procura com ancia unir-se bem ao corpo do covoqueiro; quer que seus peitos lhe fiquem bem collados ao peito; quer que seus braços sintam em toda a extensão a carne das espaduas do homem; que a sua barriga se ajuste á delle e que as suas côxas lhe apalpem os rins.

E continuam a descahir, a descahir, sem parar nunca. Magdá sente nas faces uma impressão desagradavel de frio; sella immediatamente o rosto contra o outro rosto, e deixa-se aquecer ao calor de beijos. Então: seus olhos desmaiam de gosto; suas narinhas arfam com mais força, porque ella não póde respirar pela bocca, que está toda tomada pela outra bocca. Um arrepio percorre-lhe o corpo, agitando-lhe até a mais pequenina fibra; e o seu sangue enlouquece; e suspiros que-

bram-se-lhe na garganta, desfazendo-se em gemidos.

E estreitam-se mais. E unem-se. E confundem no ar os membros enleados e tremulos. O covoqueiro soluça, arqueja; ella não tem mais uma só parte de si em que não o sinta. E, de improviso, um violento sopro de vida a invade toda, esquentando-a por dentro, penetrando-lhe as visceras, soprando-lhe nas veias um calor estranho, alheio, que a resuscita e faz saltarem-lhe dos olhos lagrimas de gôzo.

Terminaram cahindo ainda abraçados aos pés do conselheiro, que os esperava lá em baixo, vestido com uma tunica vermelha e agitando na mão, colericamente, a sua grossa bengala de canna da India. Magdá escondeu o rosto. Mas desta vez não era o moço da pedreira quem lhe fazia vexame, era o proprio pae; não foi pois o collo deste que ella agora procurou para occultar o orvalho do seu pudor, foi o collo do outro.

Houve um duro silencio, durante o qual S. Ex., cujas barbas haviam cres-

cido muito, e cuja calva reluzia que nem a de um patriarcha da biblia, olhava, ora para a filha, ora para o rapaz, como se os estivesse comparando.

— Com effeito!...

E sacudia a cabeça, e esticava os beiços, sem desviar a vista. No capricho do sonho o pobre conselheiro tinha perdido as suas maneiras distinctas e affaveis, e até no modo de se exprimir era grosseiro e burguez.

— Com effeito!... repisou elle, estallando um riso de sarcasmo—E' até onde póde chegar o aviltamento!... Dar-se a um trabalhador da mais baixa especie!... E' inacreditavel!

— A culpa não foi minha, papae...

— Cale-se! Não sei onde estou, que lhe não quebre esta bengala nas costas!

— Creia, patrão, que... ia a arriscar o rapaz.

— O' tratante! berrou o velho

— Ainda te atreves a abrir-me o bico? Ora espera que te ensino!

E avançou sobre o moço, que o esperou sem tugar nem mugir, com o

aspecto resignado de uma besta que tem dono. Magdá porém já se havia mettido entre os dous e, de joelhos, chorando, abraçava-se ás pernas do patriarcha.

— Piedade, meu pae! piedade!

— Qual piedade, nem qual carapuças! Não fosse tão assanhada!

— Tenha compaixão de dous infelizes, cuja falta foi só uma e unica...

— E acha pouco, sua desavergonhada? Acha talvez que esta não basta para me fazer subir ao arame! Tem graça!

E, enquanto a filha soluçava, sem erguer os olhos:— Ingrata! Eu a matar-me para a fazer gente; para lhe dar uma certa educação — e ella a metter os pés! Criar uma filha com tanto carinho, para a ver depois se entregar a um homem de pedreira!...

— Perdõe, meu pae!

— Não perdôo nada!

— Juro-lhe que não tenho culpa do que succedeu...

— Perversa! Eu a sacrificar-me para a instruir e arranjar-lhe um fu-

turo, e ella a se sujar de lama e a cobrir-me de vergonhas!

— Não fui eu, papae, foi a minha natureza; foi a minha carne; foram os meus sentidos!...

— Qual carne, nem qual sentidos! A patifaria tem sempre desculpas!

Fez uma pausa e proseguio depois, commovendo-se a máo grado seu: — Dei-lhe tudo o que se póde desejar! foi já o professor de piano; foi já o professor de canto; foi já o mestre de desenho! E venha o explicador de francez! E venha outro para historia e geographia patria! E — outro para isto! E — outro para aquillo! E compre se mais este dictionario! E assigne-se mais este jornal! E corra-se ao Castellões a buscar o camarote do lyrico! E olhe o carro que não esqueça! E veja essa luva de vinte botões que sáia! E venha a bella da joia! E venha o bello do vestido de sêda! E olhe o chapéo á Sarah Bernhardt! E olhe as regatas! E olhe as corridas! E dêm-se festas todos os mezes! E façam-se viagens á Europa! — E tudo isto afinal p'ra que?—Sim!

tudo isto p'ra que?! Só quero que me digam de que servio tanto sacrificio!

— Perdôe-me!

— Não! não perdôo, nem devo perdoar! Se se queria casar, ha muito tempo que o podia ter feito; o que lhe não faltou foram pretendentes! A senhora torceu o nariz a todos! E, logo que o Dr. Lobão me fez ver a necessidade urgente de unil-a a alguem, trouxe-lhe o meu amigo José Furtado!

— Um velho!

— Não será uma criança, mas tambem não é nenhum bisavô! Outra qualquer o teria agarrado com unhas e dentes! Um homem de conta, peso e medida!

— Pudera! Principiou a vida a limpar pesos e balanças!

— É o que tem isso? Um homem honrado, trabalhador e economico. Entrou na vida com um barril ás costas, mas hoje é uma das mais solidas fortunas do Rio de Janeiro!

— Não é de dinheiro que eu preciso!

— Pois então casasse com o Dr. Tolentino...

— Um defunto!

— Defunto! Não terá uma saúde perfeita, coitado, mas é uma das mais bem constituídas cabeças do Brazil. Muito talentoso, muito illustrado! membro da sociedade de geographia de Lisboa, e consta até que vae receber diploma de socio não sei de que importante congregação scientifica da Belgica!

— Também não é de sciencia que eu preciso!

— Nesse caso porque não se casou com o Conde do Vallado?

— Um libertino!

— Não é tanto assim!

— Um vicioso commum que, se deixa de fallar um instante em cavallos, é para discutir cocotes.

— Que exagêro! Não direi que os seus costumes sejam tão puros como os do commendador José Furtado ou como os do Dr. Tolentino; mas é um moço illustre, descendente em linha recta de uma das mais importantes casas de Portugal. Seus avós figuram todos na historia e o seu nome tornaria fidalga a mulher que o possuísse!

— Eu não preciso de nobreza !

— Não precisas de nobreza; não precisas de sciencia; não precisas de dinheiro ! Então de que diabo precisas tu ?

— De um homem . . .

— Um homem ! Quanta desfaçatez ! Do que precisavas, grandissima desavergenhada, era de uma boa carga de pão, para te apagar o fogo do rabo !

E o velho, possuindo-se de novo acesso de colera, estendeu o braço, enxotando a filha e mais o moço da pedreira.

— Já ! Rua, seus bandalhos ! E que eu nunca mais lhes ponha a vista em cima ! Estão amaldiçoados !

— Meu pae ! meu pae !

— Aqui já não ha pae, nem mãe ! Não sou pae de mulheres atôa ! Põem-se a andar, e que sejam muito felizes ! Boa viagem !

— Deixe-me ao menos ir lá dentro buscar as minhas joias, um pouco de roupa e os meus livros . . .

— Joias, roupas, livros ! para que ? A senhora já não tem tudo o que de-

seja, para que mais nada?... As boas roupas fizeram-se para os nobres; as joias para os ricos, e os livros para os sabios! A senhora nada tem que ver com esta gente e com estas coisas! Só queria «Um homem» pois já o tem! E' andar! Elle que lhe compre joias; que se encarregue de vestir-a, de sustentar-a e de consolal-a. Tem obrigação disso; e, se não dispõe de meios, invente os—trabalhe! Se a não puder tratar a bicos de rouxinol, comam feijão com carne secca, que a senhora tem obrigação de contentar-se com o que elle lhe der! E' o « seu homem, » e por conseguinte é quem de hoje em diante a governa com direito de vida e de morte! Obedeça-o cegamente, acompanhe-o submissa para onde elle fôr, seja para o inferno ou seja para o paraíso! A partir deste momento—o seu destino é o d'elle! E deixem-me!

— Meu pae!

— Foi tempo! Nada mais ha de commum entre nós! Para continuar a ser seu pae seria preciso que eu me fizesse pae tambem daquelle pedaço

d'asno ; e eu não quero ter filhos de tal especie!

E S. Ex., notando que Magdá não se resolvia a largar-lhe as pernas e continuava a chorar, ordenou, voltando-se para o covoqueiro :

— Olá, seu coisa ! Tome conta dessa mulher !— E' sua ! Póde leval-a para onde bem entender !

— Ah ! exclamou a filha, cahindo por terra, de borco, com os braços estendidos no chão ; enquanto que o velho, arrepanhando a sua tunica da côr *sympathica* ás *hystericas*, se affastava para casa, muito fresquinho e muito senhor de si, assoviando de cabeça impertigada, nem como se a coisa tivera sido com elle.

Magdá permanecia de bruços, a soluçar. Então o moço da pedreira se inclinou sobre ella e deu-lhe com toda a delicadeza um osculo nos cabellos. E depois a tomou ao collo, e pôz-se a caminhar, vagarosamente, muito vagarosamente, em direcção da fatal montanha onde elle trabalhava. E toda a natureza, que parecia haver entristecido e tomado luto com a maldi-

ção do velho, se começou a reanimar, a rir de novo, tingindo-se de luz purpurea e entoando em voz baixa epithalamios sensuaes. E os dous, abraçados, formando um só grupo, lentamente penetraram em uma deliciosa alameda de lorangeiras, cujos galhos se vergavam na sua passagem para lhes beijar a fronte, derramando-lhes sobre a cabeça uma odorifera chuva de flôres desfolhadas. E do céo baixava doce harmonia religiosa, que parecia balbuciada por uma nuvem de anjos.

Nisto—despertou.

Circumscreveu o olhar em torno de si, reconhecendo a custo a propria alcôva. Seu pequeno relógio Luiz XV, de bronze doirado, marcava no mostrador de porcellana de Sèvres esmaltada, meia hora depois do meio-dia. Uma cortina cinzenta, de sêda de Lyão, quebrava na janella a luz que batia de fóra e dava ao quarto o tom opalino de um crepusculo de inverno. Magdá suspirou, espreguiçando-se. O drama fantástico de toda aquella noite se dissolveu; theatro e personagens desap-

pareceram. Mas ouvia-se ainda, bem distintamente, o tal cõro religioso que baixara dos céos para solemnisar a sua passagem na encantada alameda; a moça soergueu-se no leito, concheando a mão no ouvido que ficava do lado da janella e, meio maravilhada, pôz-se a escutar com attenção aquella tristonha cantilena que persistia ali, na vida real, como um prolongamento do sonho.

Cahio logo em si: era a toada melancolica dos trabalhadores que minavam a pedreira. E ella se deixou tombar de novo sobre os travesseiros e ali permaneceu, com os olhos muito quietos; enquanto duas lagrimas lhe serpeavam ao comprido das faces.

Oh! Sentia-se profundamente envergonhada do que sonhara a noite inteira.

— Minh'ama, rosnou a nova criada, affastando o reposteiro da porta com a cabeça — O senhor mandou perguntar como voçumcê passou de hontem p'ra hoje.

— Diga-lhe que pôde vir d'aqui

a pouco, e você volte já para me vestir.

Quando se achou preparada, foi esperar o pae na saleta contingua á sua alcôva.

— Então, minha filha, como passaste a noite ?

— Bem, respondeu ella, beijando-lhe a mão.

— Dormiste ?

— Bastante.

— Parece-me no entanto fatigada... Como te sentes hoje de humor ?

— No mesmo.

— Aquella loucura de hontem... !

Magdá estremeceu e abaixou as palpebras. Dir-se-ia que o paelhe lançava em rosto uma falta humilhante.

— Ficaste tão apprehensiva com a tal subida da pedreira, que...

— E' melhor não fallarmos mais nisso...

E tomou as mãos do conselheiro, fazendo-o chegar-se para bem junto della. E, depois de o contemplar em silencio com um meio sorriso, abraçou-o, demoradamente, como se procurasse ficar convencida por uma vez

de que aquellas tolices do sonho não tinham o menor fundamento, e que seu pae, o seu extremoso pae, a quem tanto queria do fundo do coração, ainda ali estava a seu lado, para a amar como sempre e protegel-a contra o maldito intruso que habitava dentro della e que a consumia para se alimentar.

— O senhor é muito meu amigo, não é verdade, papae?...

— Ora que pergunta, minha filha!

— Diga!...

— Pois ainda não tens certeza disso?

— E o senhor seria capaz de abandonar-me, capaz de desprezar-me, fosse lá pelo que fosse?...

— Mas que lembrança é esta, Magdá? Desprezar-te, eu? Enlouqueceste!

— Ama-me muito, não é verdade? Por coisa alguma desta vida seria capaz de enxotar-me da sua companhia, não é assim? Responda.

— Deixa-te de criancices, minha flôr, e olha!— toma o teu chocolate que está ali esfriando ha meia hora.

Mas que é isto?... Choras?... Então ! então ! Que sentes tu, Magdá ? Falla, meu amor.

Ella começou a soluçar.

— Nada ! nada ! nervoso ! Acordei hoje muito nervosa !

— Mas não te afflijas deste modo. Vamos—toma o teu chocolate e desce commigo ao jardim. Anda ! Vê se consegues não pensar em coisas que te façam mal... Não sejas criança...

O conselheiro, a força de carinhos, conseguiu que ella levasse, além de meia chavena de chocolate, uma colherada do xarope de Easton, que o Dr. Lobão havia receitado.

E arrastou-a para a chacara.

Mas, pobre senhora, mal acabava de descer a escada do jardim, deu logo, cara a cara, com o moço da pedreira, que ia buscar a esportula prometida pelo conselheiro.

— Ah ! exclamou toda tremula, corando e abaixando as palpebras. E tratou de abraçar-se ao pae e esconder a cabeça no collo deste, como na vespera depois da syncope.

O bom velho não pôde comprehender o que era aquillo.

— Tens alguma coisa? perguntou

— Sentes alguma novidade? Falla.

— Voltemos para cima! Voltemos para cima! dizia a moça, afflicta, sem mostrar o rosto.

O trabalhador, muito vendido, continuava defronte delles; com os olhos em terra, a torcer vexadissimo entre as mãos o seu seboso casquete de pelle de lebre.

— O patrão, se quer, eu appareço n'outra occasião... gaguejou— Não é pressa!...

— Sim, sim, é melhor, volveu o conselheiro, muito occupado com Magdá.

— Não! acudio esta, sempre com o rosto escondido — Despache-o por uma vez! Para que fazer este homem voltar ainda aqui?

Ao perceber uma pequena parte destas palavras, o cavoqueiro fez uma careta que tanto podia ser de surpresa como de lastima, e resmungou meio resentido:

— Voxencia queira desculpar, mas

X

O covoqueiro ficou a esperar no jardim, encostado p'rali n'uma arvore, e a fazer lá as suas considerações.

— Que macacos o lambessem se entendia aquella gente! A tal dos «me deixes» ficara a modos que assanhada quando elle lhe pôz a vista em riba! Pois estava que não havia razão de zangar, antes pelo contrario — havia pr'agradecer: Sim! Prestara-lhe um serviço; não era lá nenhum grande serviço, mas emfim, que diabo, na occasião, ella não tinha quem a puzesse cá em baixo!

Tecia este raciocinio quando sentio no hombro uma palmada de mão polpuda.

- Estás a scismar, ó Luiz !
- Olá, S'óra Justina ! Bons olhos a vejam ! Como chegou vósmcê ?
- Ella chegara bem, gracias a Deus.
- E o pequeno ? Como ficou ?
- Ora ! Prompto p'ra outra !
- Vosmcê está chegando agora ?
- Não. Já lá estive na estalagem com a tua gente. Estão muito apertadas de serviço com a roupa de uma familia que embarca depois d'amanhã. E tu ? não foste hoje ao trabalho ?
- Já se vê que sim. Puz o casaco para vir aqui, mas volto.
- Isto é novidade . . .
- Não é nada, é que hontem a senhora ahi de cima . . .
- Minh'ama . . .
- Deve ser — foi passeiar lá a pedreira e . . .
- Ah ! Ella subio á pedreira . . . ?
- Subio, mas cahio logo com um faniquito ; eu a carreguei cá p'ra baixo. Vai então o pae—disse-me que lhe apparecesse para me dar uma gorgeta, e eu vim. Ora ahi tem vosmcê !
- 'Stá direito. Já fallaste ?

— Já, mas não entendo esta gente. Se a s'óra Justina chega um bocadinho antes havia de presenciar o mais bonito!

— Qu'houve?

— Pois a moça não fez aqui umas partes?...

— Que foi, Luiz?

— Pois não! Vinha descendo muito bem a escada e assim que me bispou—zás!

—Zás— como?

—Abrio a chorar que nem uma criança, e agora o verás!

— Coitada! Eu sei — é molestia!

E a Justina commoveu-se. Sempre que lhe tocavam na ama apertava mais as sobranceiras e ficava com uma cara de profunda lastima.

— Arrenego de tal molestia! replicou o trabalhador— Uma coisa que dá para espantos, nem que a gente fosse alma do outro mundo! Olhe que se o pae não me dissesse para esperar aqui, juro-lhe que já cá não estava! Diabo de uma esganiçada, que parece que está parte não parte pelo meio! Hontem quando a trouxe tive medo

de chegar cá em baixo com um pedaço em cada mão!

— Não sejas má lingua, Luiz! Não seria a primeira vez que perdesse por fallar de mais! Se não fôra semelhante balda estarias a est' hora casado já com a Rosinha...

— Ora, sua mana mesmo foi que teve a culpa! Ella gosta mais de fallar do que eu!

— Como teve a culpa, se tu é que andavas todo o santo dia a debicar o commendador? Pois não dizias a todo o mundo que elle era um sapo-boi e não o arremedavas lá na estalagem para quem queria ver?... A caçoadá chegou aos ouvidos do homem, e elle deu o dito por não dito — não quiz mais ajudar o casamento da afilhada... Fez muito bem! Tu, no caso d'elle, farias o mesmo! Como não?

— Sim, mas se sua irmã não fosse lá contar o que se fazia na estalagem, o homem não bufava e teria cahido com os cobres para o enxoval!

— Fez de tôla!

— Ah! mas deixe estar que o ca-

sorio ha de ser, mesmo sem a ajuda do sapo velho! O pobre tambem vive!

A outra era do mesmo parecer: — Como não? que isto de raparigas, a gente as deve despachar logo, antes que o demo as tente!

E, vendo que um escravo do conselheiro descia á escada:— Olha! Ahi vem o negro com a tua gorgeta.

Com effeito eram dez mil réis que o pae de Magdá mandava ao covoqueiro.

— Que fica muito obrigado, ouviu? E quando precisar, lá estou ás ordens.

O escravo affastou-se.

— Vê lá agora se te mettes hoje em alguma bebedeira!... observou Justina, a bater-lhe no hombro. — E até logo, que ainda me não apresentei á patrôa!

Já a certa distancia, parou, para gritar:

— Olha! dize a tia Zefa que não me deixe o pequeno socar-se muito de aipim, que foi isto o que derrubou o outro!

E galgou de carreira a escadaria do conselheiro, n'um activo remeximento de quadris em evidencia.

— Vou comprar um bilhete inteiro! deliberou consigo o Luiz, guardando a cedula na algibeira.

Luiz era filho da tia Zefa, e morava com esta, mais a avó e mais a Rosinha, irmã de Justina e noiva d'elle, na tal casita de duas janellas, com entrada pela estalagem que ficava em frente da chacara do Sr. conselheiro. Viéra novo para o Brazil, onde se achava perfeitamente acclimado; não sabia ler nem escrever; tinha porém força e saude «que é o principal para quem deseja ganhar a vida». O seu casamento estava já para se realisar havia um anno, porque Luiz queria fazer coisa aceiada. «Não! Que para um homem atrazar a vida, junto com a da mulher, antes ficar solteiro! A pequena que esperasse, que o que tinha de ser della ás mãos lhe chegaria! Com outra não se casava — isso é que era dos livros! Ah! se a fortuna se lembrasse d'elle, já tudo estaria feito; mas o diabo da sorte andava arisca: todos os vigesimos da loteria, que elle comprava ás occultas da mãe e da avó, sahiam-lhe brancos... Só mesmo po-

dia contar com o triste peculiozinho do trabalho; o verdadeiro por conseguinte era ir se preparando aos poucos—hoje com uma coisa, amanhã com outra ; conforme dêsse o cobre e conforme as pechinchas que apparecessem. Seu padrinho de baptismo, um velhote apatacado que emprestava dinheiro a juros, esse promettera entrar com uma famosa cama de jacarandá, que tinha em casa e da qual não se servia desde a morte da mulher. Ah! este não era o commendador ! Muito seguro, muito apertado, não havia duvida ! mas tambem, promettendo, podia a gente contar com o bruto!—A cama era certa ! Ora pois, com o dinheiro que lá estava na caixa economica, elle teria um fato novo e um arranjo de roupa branca. Vinte e cinco mil réis seriam para um relógio de prata doirada, dos modernos — Isso era sagrado ! Porque elle não admittia que ninguem se casasse sem ter relógio e corrente. Corrente já tinha — um cordão de ouro que foi do pae e que vivia fechado na commoda da tia Zefa ao lado dos oiros da familia.»

E estava a ver defronte dos seus olhos todo aquelle thesouro: grandes rosetas redondas e abertas, do tamanho de moedas de vintem; anelões de chapa em cima; um crucifixo de trazer ao pescoço em dias de festa; uma figa que era uma riqueza, no peso; um alfinete de peito representando um anjo a tocar trombeta; tres pulseiras lisas e polidas; outras de coral com feixo de oiro; varios objectos de filagrana de prata fabricados no Porto; um paliteiro e tres castiças tambem de prata, sem contar com dois diamantezinhos que a vovó ganhara aos vinte annos, quando se casou, e que fazia questão de leval-os nas orelhas para a sepultura. «Era lá mania da velhinha—respeitava-se!»

«Ora... a Rosinha, além de tudo tinha tambem os seus cobritos juntos; porconsequente Luiz, com mais algum tempo e economias, bem que se podia casar com ella.» Foi sacudido por este risonho raciocinio que o cavaqueiro, já de volta do serviço, entrou em casa ás sete da noite, mais satisfeito que de ordinario, graças á

gorgeta do pae de Magdá, e talvez por haver tomado depois do trabalho alguns martellos de vinho com os companheiros.

A pequena sentio-lhe cheiro de bebida logo que elle entrou.

—An... an... ! Você hoje entortou o cotovello, heim, seu Luiz? Muito bonito !

— Um nada ! Foi para beber á saúde da moça d'ali defronte . . .

— A filha do conselheiro... Ah ! E deram a molhadura ?

— Já se deixa ver que sim. Mas aviem-me esse jantar, que estou a tinir !

E assentou-se á mesa, que a tia Zefa cobria nesse instante com uma toalha de linho grosso ; enquanto a Rosinha corria a buscar lá dentro a tigella da sôpa. A avó chegou-se tambem para o ver comer, como fazia todos os dias. Uma velhinha engraçada, a vovó Custodia ! —secca, pequenita, a pelle enrugada que nem um genipapo maduro; a cabeça que era um algodão ; a bocca fechando e abrindo sempre, e toda cheia de prégas, tal qual a bocca de um sacco fechado. Mas toda ella ainda

esperta, agarrando-se á vida com as unhas, que os dentes já lá se tinham ido.

Sentia-se ali um cheiro especial de roupa engommada e de roupa lavada. Justificando este cheiro, viam-se accumuladas por toda a parte, sobre as mesas, sobre as cadeiras, pilhas de camisas dobradas, montões de peças de roupa branca, e, dependuradas de uma corda, pelo cós, muitas anaguas, e muitas saias, penteadores bordados, e vestidos delinho com guarnições de renda. Um candieiro de kerozene illuminava a pobre sala de duas braças de largura e tres de comprimento, toda caiada de cima a baixo, e com uma pequena barra de rôxo-terra. Havia um armario de pinho sem pintura, onde se guardava a louça, aquella grossa louça de doze vintens o prato, e aquellas canecas de pó de pedra, onde elles tomavam café antes de levantar o dia. Na parede — uma gaiola de pindoba com um gaturamo. A casa constava ainda de duas alcovas e uma outra salinha; ao fundo um pequeno quintal que dava para o cortiço. Era proprie-

dade da mãe de Luiz; deixou-lh'a o marido, um ferreiro que morreu de desastre.

O que o rapaz, enquanto jantava, fallou a respeito das exquisitices da filha do conselheiro causou grande impressão na sua gente. Quizeram pormenores; crivaram-no de perguntas : « Se Magdá tinha cara de doida; se era bonita; se se dava ao respeito.» Luiz respondia a tudo, devorando colheradas de feijão amassado com farinha.

— Pois a mana Justina diz que ella é muito bôa, observou Rosinha—E o caso é que lhe tem dado muita coisa! Ainda ha dias mostrou-me um anel, que...

— Um anel? De oiro?

— Sim, senhora, de oiro! Juro por esta luz! Eu vi! Lindo! Com umas pedrinhas em cima!

A noticia do anel abriu um silencio commovido.

A tia Zefa observou afinal :

— Aquella chorou na barriga da mãe! Tem muita sorte o diabo da ra-

pariga! Hão de ver que ainda encontra marido, apesar dos filhos...

— Ora se encontra, respondem Luiz

— Isso é tão certo como me achar eu aqui! Pois não se vê como está o Manoel das Iscas por ella?... Não falla n'outra coisa! «Porque a s'óra Justina p'ra cá! a s'óra Justina p'ra lá!» Até já fede!

— Que me estás tu a dizer, rapaz?

— Ora! Cahidinho! E, se ella o souber levar, apanha-o mesmo!

— Uma sorte grande! O Iscas tem já alguma cousa de seu!

— Olá! Só aquelle correr de casas, que elle fez agora, dá-lhe com que passar mais duas vidas!...

Depois do Iscas, a filha do conselheiro tornou a entrar para assumpto da conversa, e discutiram-se com assombro os presentes dados por ella á Justina. Por fim o covoqueiro ergueuse da mesa, tomou a sua viola e foi esperar pela hora de dormir, assentado á porta da estalagem, repinicando o seu fado favorito. Rosinha acompanhou-o logo e installou-se ao lado d'elle como costumava fazer; ao passo

que as duas velhas, tomando cada qual a sua cadeira, ficaram defronte uma da outra, a fallar, entre bocejos e cochilos, no que tinham trabalhado esse dia e no que iam trabalhar no dia seguinte. D'ahi a pouco já não diziam palavra, e a propria Rosinha dava marradas no noivo, cabeceando de somno. Só a viola do covoqueiro continuava bem acordada, quebrando o denso recolhimento das nove e meia com o seu «tir-lim-tim-tim» monótono e embebido de saudade.

Luiz cantava :

« O sol prometteu á lua
Uma faixa de mil côres ;
Quando o sol promette á lua,
Que dirá quem tem amores !... »

Tir-lim-tim-tim ! Tir-lim-tim-tim !

« Tu a amar-me, e eu a amar-te,
Não sei qual será mais firme !
Eu como sol a buscar-te,
Tu como sombra a fugir-me ! »

Esta cantilena chegava até á casa do conselheiro reduzida a uma toada érrante e tão languida que entrustecia. Magdá escutava-a da sua alcôva, dei-

tada no collo da Justina, a espera do somno.

E, quando lá pela meia-noite, conseguiu adormecer, continuou logo a sonhar com o moço da pedreira.

XI

O sonho ligava se ao da vespera. Tornou a ver-se no collo do rapaz, abandonando a casa paterna e dirigindo-se vagarosamente para a montanha; esta porém lhe surgia agora defronte dos olhos, não como pedreira esbrugada, mas em plena effervescencia de verdura e toda coberta de flores.

Começaram a subir. Uma floresta virgem abria-se defronte delles, para lhes dar passagem, e logo se fechava sobre seus passos, como cortinas de um leito de folhas. O moço parecia não cansar com o peso que levava, e Magdá por sua vez sentia-se leve, muito vaporosa; e, á proporção que ella se affastava de casa e ia se entra-

nhando na mätta, fazia-se melhor, mais satisfeita e feliz.

E subiam, subiam, sem consciencia do tempo, nem da direcção que tomavam. Era como se tivessem escapado ás relações da vida commum e penetrassem na eternidade: havia em tudo uma paralysação geral; uma existencia ethérea, em que senão envelhecia; uma existencia de além tumulo; alguma coisa de paraiso, antes da idéa da morte.

Afinal deram com uma planicie. Haviam chegado ao cimo da montanha; ahi o circulo de verdura que os guardava abrio em clareira, destoldando o azul, onde o sol resplandecia, transbordante de oiro por entre espumas de prata. Reinava na luz um meio tom suave e communicativo: tudo era dôce, temperado e calmo; as vozes da natureza chegavam aos seus ouvidos apenas balbuciadas; as folhas e as azas cochichavam, como se temessem acordar alguém; perto corria um regato sussurrando.

O moço pousou Magdá sobre a rel-

va e assentou-se ao lado della, tomando-lhe as mãos entre as suas.

— Como te sentes agora, minha flôr? segredou-lhe, approximando o rosto.

— Melhor, muito melhor... respondeu a filha do conselheiro com um suspiro — Sinto-me ainda um pouco fraca, mas conto que estes ares me restituirão as forças...

— Em breve estarás perfeitamente bôa e serás completamente feliz! disse o outro, e soltou-lhe um beijo na bocca. Magdá percebeu então que o halito do moço tinha o perfume da murta, e que as barbas delle eram agora mais macias do que os arminhos da sua sahida de baile. E, encantada com a descoberta, notou ainda que as mãos do cavoqueiro já não eram duras e mal tratadas, mas bem torneadas e de uma flexibilidade muito energica e nervosa; que o cheiro do seu corpo já não tresandava a cavallo suado, mas rescendia a um odôr fecundo de carne sadia e limpa, lembrando o cheiro do leite fresco; que os seus dentes eram alvos e puros como as areias da praia; que

o seu peito era mais branco e mais rijo que o granito da pedreira; que os seus cabellos, roçando nella, acordavam desejos, e que os seus braços eram cadeias de fogo em que toda ella se abrazava de amor.

— Gostas de me ter ao teu lado?... perguntou elle.

— Tu me restitues a vida... respondeu Magdá, cingindo-o pelos rins e pousando o rosto abatido e frio sobre o collo vigoroso e largo do amigo.

— Oh! balbuciou depois, aconchegando-se mais — Como eu me sinto bem assim! Com a cabeça aqui! A gozar nos meus peitos o calor do teu corpo! Deixa-me ficar ainda! Deixa-me ficar um instante, meu senhor e meu amado!

E apertava-o nos miseros braços, fechando os olhos e aspirando com força, como se quizesse sorver de um só hausto, a vitalidade que elle de si exhalava, mais capítosa que o vapor de um vinho velho fervendo ao fogo.

— Tu és só meu?

— Todo teu e para sempre!

— Nunca amarás outra mulher?

— Não, Magdá, nunca!

— Se me esquecesses por outra, eu morreria de ciúmes, antes que as fêras me devorassem aqui! Olha! Vê como, só com pensar nisto, tremo toda...

Elle a puxou de vez para o seu collo e affagou-a.

— Não chores, disse — Descansa, que nunca mais nos separaremos. Eu serei eternamente o teu companheiro, o teu amigo, o teu esposo! Quando te sentires com força, irás a pé, pelo meu braço, passeiar ao outro lado da montanha, que é ainda mais bello do que este. Depois chegaremos até lá em baixo, no valle, onde encontrarás tudo o que de melhor ha na vida: os mais saborosos fructos, as flôres mais mimosas, as aves mais lindas, as aguas mais puras, o sol mais carinhoso e os seres mais bemfasejos da natureza. Lá tudo é nosso amigo; tudo nos ama; nenhum ente da terra te fará mal, porque aqui tu és a rainha e eu sou o rei. Não tenho para te offerecer aposentos como os de teu pae; não tenho carruagens, nem sêdas, nem baixelas de prata; mas em compensação nenhuma outra

te disputará o poder sobre estes teus dominios, nem o amor deste teu escravo ! Quando sentires vontade de comer, eu irei buscar os pomos mais succulentos e gostosos ; quando tiveres sêde, eu trarei nas minhas mãos a agua mais crystalina das nossas fontes ; quando te sentires cansada, eu te carregarei nos meus braços. Eu percorrerei o mundo inteiro para te matar um desejo ! E, quando dormires, estarei a teu lado pedindo a Deus que te dê bons sonhos e encha tua alma de consolações.

— Como sou feliz agora, meu amigo...

— Sim, tu serás muito feliz, porque aqui não haverá odios nunca, nem invejas, nem ambições, nem vícios; aqui só o amor existe ! Este é o seu reino; nada aqui vive senão d'elle e para elle ! Amarmo-nos será o nosso unico destino e o nosso unico dever. Desde que o não fizessemos, seriamos logo expulsos deste paraiso por indignos e máos, e teriamos de ir chorar a nossa miseria lá na outra existencia, onde os homens se detestam e atraçoam a todo

o momento. Vês estas arvores, estes passaros, todo este mundo alegre e feliz que canta em torno dos nossos beijos? pois todo elle vive só para se amar! Vê! repara como todos crescem aos pares; como concebem e como produzem! Olha para cima da tua cabeça; olha para debaixo dos teus pés; olha para os lados, e observa! — Está tudo amando! Em cada beijo que damos um infinito de vidas se fórma entre nossos labiós!

— E ha quanto tempo vives aqui neste reino encantado do amor?

— Não sei; não me lembra como vim ao mundo, nem conheci o autor dos meus dias; porém, á força de pesquisas, cheguei a crer que sou o mais recente producto de uma geração privilegiada, que chegou mais depressa do que as suas congeneres ao meu estado de aperfeiçoamento. O fundador da minha dynastia era de sílex, nasceu com o mundo, e no entanto meu pae era já nada menos do que um quadrumano; de mim não sei ainda o que sahirá...

— Mas tu então não és o moço da pedreira?...

— Tôlinha! Aquillo foi o disfarce que tomei para te poder alcançar.

— Como assim?

— Desejei-te e jurei que te havia de possuir. Mas como me approximar de ti?... Lembrei-me da pedreira que fica defronte da tua janellã, tomei a fórma de um cavoqueiro e comecei a namorar-te, a empregar todos os meios para te attrahir a mim. Tu a principio te negaste; eu porém não desanimei e todos os dias te chamava cantando. Afinal, uma bella tarde, não pudeste mais resistir, e lá foste. Estava ganha a victoria! Fiz logo que perdeses os sentidos; offereci-me a teu pae para te transportar nos meus braços e, assim que te pilhei no collo, penetrei-te com o meu desejo e com o meu amor; enleei-te toda no meu querer, e então, quando já te não pussuias, fui buscar-te n'um sonho, e hoje és minha para sempre!

— Sim, sou tua, toda tua, não ha duvida; és o meu dono, pertenço-te; mas uma coisa não comprehendo...

— Que é?

— A razão porque, para me seduzires, tomaste a fôrma de um grosseiro trabalhador de pedreira e não a de elegante e gentil cavalheiro, que houvesse penetrado nas salas de meu pae e de mim se ápossado licitamente, por meio do casamento . . .

— Tão tôlo não sou eu que cahisse na asneira de namorar-te sob a fôrma de um homem de sociedade; porque, se assim fizesse, lograria apenas impressionar-te o espirito, já tão viciado pela propria sociedade, e não conseguiria pôr em jogo os teus sentidos, como obtive disfarçado em simples trabalhador, de corpo nú, forte, inteiro, e homem para toda a mulher! Se eu tomasse a fôrma de um janota, não estarias a estas horas aqui commigo, porque tu não me seguiste seduzida por minha intelligencia, que te não mostrei; nem por minha riqueza de caracter, que a escondi; mas vieste pura e simplesmente arrastada por minha belleza varonil e pela masculinidade do meu corpo! Se eu me tivesse apresentado a ti sob a fôrma de um ele-

gante rapaz, desconfiarias de mim, como desconfiaste de tantos outros que te pretenderam; havias de supôr-me tão corrompido e tão inutilizado como os mais; não acreditarias na integridade do meu sangue, na sinceridade de minha saúde, e ainda menos na do meu amor. E, quanto ao facto de justificar a nossa união pelo casamento, para que e porque semelhante formalidade pueril e ridícula?... O casamento é a prova publica do amor, e nós por enquanto não temos publico! Deixa isso lá para a tua mesquinha sociedade, onde se casam enganando uns aos outros; onde se casam sempre por qualquer interesse, que não é o da procreação.

— Não! Lá também ha casaes que se amam...

— Muito raros. Além disso o meio que os cerca é quanto basta para os corromper em pouco tempo e fazel-os tão ruins como os outros. Viverão a primeira lua de mel em pleno amor, mas na seguinte já o marido procura com quem trahir a esposa, e esta já precisa chamar em seu soccorro toda

a energia de que é capaz para ver se consegue não enganar o marido! Ah! — Uma gente adorável, não ha duvida!

— E achas que Deus não se zangará commigo por eu não ter ido á igreja receber a sua benção antes de acompanhar-te?

— Zangar-se contigo! Quem, Deus? Que loucura! Elle ao contrario, filhinha, longe de amaldiçoar-te porque me amas deste modo, mais ainda te estimará por isso. Elle quer que as suas creaturas se amem como nós dous nos amamos! Seu coração é um grande manancial de ternura, que se derrama noite e dia, a todo o instante, sobre nossas almas, para as fecundar, como o sol se derrama sobre a terra. Quando, em longas noites de luar, ficavas scismando esquecida á janella do teu quarto e suspiravas sem saber por quem, era elle que me trazia de longe os teus beijos errantes e solitarios com o mesmo sopro bemfazejo com que conduz a cada momento de uma a outra flôr o pollen doirado e fecundo!

— Deus?

— Sim, Magdá, tudo o que vem das suas mãos de pae traz o germen do amor, que é a vida. A propria terra nada mais é do que um grande ôvo, que elle incuba com a calentura do seu amor eterno! O Creador deu ao homem vesiculas seminaes, e ovario á mulher, para que elles se correspondessem, e se amassem, e se reproduzissem. Só nos amando assim, como agora nós amamos, podemos glorificá-lo, porque o amor é a perpetuidade da sua obra! E ainda me vens fallar em cerimonias de egreja! . . . Mas aqui, minha amada, eu não sou o moço da pedreira, nem tu és a filha de um conselheiro; aqui somos apenas um casal que se ligou pelos unicos laços que Deus creou para unir o homem á mulher—a cópula! Aqui somos o macho e a femea; aqui somos iguaes, porque somos e seremos igualmente puros, castos e eternos! A unica substancia da nossa vida nestas infinitas e deliciosas regiões do amor, é o proprio amor! nosso Deus — o amor! nosso idéal — o amor! Só por elle e para elle nos achamos aqui reunidos os dois,

assim abraçados e presos nos lábios um do outro!

E com estas palavras o moço estreitou Magdá contra todo seu corpo. E calaram-se ambos.

— Sim, disse ella afinal, quando recuperou a falla — Sim, que me importa a outra vida, se tudo o que de melhor concebem meu coração e meu cerebro é o teu amor? Desappareça tudo o mais; arrazem-se todos os mundos; apaguem-se todas as paixões; suffoquem se todas as crenças; aniquillem-se todos os instinctos; e este amor illimitado, ardente, sempre novo e sempre vivo, ha de sobreviver, como um espirito immortal, como um principio increado, uma força mais arbitraria e mais indomavel do que a força impulsiva da materia!

E seus lábios uniram-se de novo aos lábios d'elle, e seu corpo de novo estrebuchou na relva em convulsões de amor. Em volta a natureza festejava aquellas nupcias com uma orchestra em surdina de beijos e arrulhos. Um crescendo ancian de suspiros estalados ia se formando lentamente;

até que, de subito, um geral espasmo se apoderou de toda a montanha, levantando-lhe pela raiz a cabelleira verde. Encrespou-se-lhe o dorso. As arvores, com as folhas arrepiadas, extorciam-se, atirando-se umas ás outras e rangendo os galhos; as flôres palpitavam sob o doidejar das borboletas; os reptis corriam de rôjo por toda a parte, ródando, seguros e assanhados; vermes esfervilhavam, brotando aos cardumes do sólo humido; as rôlas acoitavam-se, gemendo de gosto e rufando as azas no chão; ouviam-se rouxinolar duettos de amor no fundo azul das mattas; insectos zumbiam vôando, agarrados no ar, aos pares; uma nuvem de poeira côr de fogo remoinhava no espaço, embebedando as plantas; e o sol, victorioso e potente, resplandescendo na sua armadura de oiro, emprenhava a terra na esplendida fornicação da luz.

XII

Acordou muito nervosa e muito triste. O sonho deixara-a n'um grande abatimento physico e moral; pungia-lhe um como remorso de quem se arrepende de haver passado a noite em claro, no deboche. Sentia-se humilhada.

— Maldito homem ! maldita a hora em que ella se lembrou de subir á pedreira !

Não é que não comprehendesse perfeitamente que tudo aquillo era devido ao seu lastimavel estado de doença ; mas, por melhores esforços empregados para se convencer de que lhe não cabia a mais ligeira responsabili-

dade em semelhantes extravagancias, um profundo vexame apoderava-se de seu espirito, constringendo-a de vergonha contra si propria. Reconhecia-se criminosa por aquelles delictos de uma sensualidade tão brutal e tão baixa; não podia conceber como era que ella—ella! a filha do conselheiro Pinto Marques, a intolerante, a escrupulosa por excellencia, a irreprehensivel nos seus gostos e nas suas predilecções, mantinha, segregadas nos meandros da sua fantasia, taes sementes de luxuria, que bastava cahir uma unica no mysterioso terreno dos sonhos para rebentar logo uma floresta inteira de concupiscencia. Lembrou-se de contar tudo com franqueza ao Dr. Lobão e pedir-lhe que lhe arranjasse um remedio contra aquelles desvarios; mas só a idéa de repetir, de confessar certas particularidades do seu delirio, faziam-na tremer toda, de pejo. « Ah! Se a tia Camilla ainda fosse viva!... » E o que ella não se animou de confiar ao medico, disse emconfidencia de alcôva ao seu crucifixo, pedindo-lhe entre lagrimas, pelo amor da Virgem Mãe

Santissima, que a protegesse; que a livrasse daquelles pensamentos impuros; que lhe mandasse dos céos todas as noites um dos seus anjos para lhe vellar o somno e impedir que a sua pobre alma, enquanto ella dormia, fosse vagabundear por ahi, como a alma de qualquer perdida.

Christo não a attendeu. A misera, depois de um dia como os outros, dia arrastado entre colheradas de remedio e tédios de enferma, sem um riso, nem a sombra de uma esperança de alegria, mal adormeceu, aninhada no collo da Justina, acordou em sonho nos braços do covoqueiro.

Continuava a sua existencia fantástica. Despertou com um beijo delle.

— Ah! disse, e olhou em torno de si, procurando reconhecer o sitio da sua chimerica felicidade.

Sorrio logo, satisfeita: era o mesmo logar em que na vespera havia pegado no somno acalentada pelo amante.—Era, que duvida!— lá estavam as mesmas arvores, agora tranquilladas e confortadas; as mesmas palmeiras sussurrantes, o inalteravel re-

gato de aguas diamantinas em que se destacavam os nenuphares, formando pequenas ilhas côr de esmeralda e guarnecidas de grandes flôres vermelhas e brancas. E, como para se certificar de que o seu amado ainda era tambem o mesmo, pôz-se a tatear-lhe a musculatura dos braços e do peito.

— Era elle mesmo! Era! Nem outro possuia aquella rigeza decarnes junto áquella maciez de pelle.

Apalpou-o todo. Depois, como se ainda não estivesse bem convencida, esfregou o rosto nas barbas delle, metteu os dedos por entre os anéis do seu cabello, cheirou-lhe a bocca.

— Era! Era o mesmo! cheirava a murta.

E beijou-o.

— Olha, fallou o moço — Emquanto dormias tu, andei por ahi colhendo estas fructas. Deves sentir fome.

— E' verdade, respondeu Magdá — Tenho uma fome enorme. Ha muito tempo que não como.

E ergueu-se a meio para o banquete.

— Vê como são boas . . . observou o outro, trincando um cajá e levando-lhe á bocca o pedaço que tinha entre dentes.

Ella comeu e pediu outro bocado, mas queria assim mesmo — de bocca para bocca.

— Como é bom! Como é bom! repetia batendo palmas.

— Estes, que estão picados de passarinho, são os mais dôces. Olha! experimenta.

Ella afinal se deitou no collo d'elle, para comer á moda das crianças. O rapaz escolhia os melhores fructos, mordia-os primeiro e dividia o pedaço com ella; ambos a rirem muito desta brincadeira.

— Mais! mais!

Elle mostrou uma grande manga.

— Oh! Que bella! exclamou a filha do conselheiro, tomando em cheio nas mãozinhas a immensa manga que o companheiro lhe apresentava. E, farta de admirar-a, lembrou com um repente:

— Vamos chupal-a os dous juntos?...

— Como?

— Deita-te aqui no chão, ao meu lado. Assim!

E, uma vez deitados, começaram, com o rosto muito unidos, a chuchurrar a manga, como se mamassem ao mesmo tempo por uma só teta. Magdá sentia com isto uma volúpia indefinível; de vez em quando despregava os labios da fructa, para poder olhar o amigo, soltava uma risadinha, e continuava a mamar. Quando se sentiram satisfeitos, elle foi buscar agua na parra de um tinhorão e deu de beber á companheira.

— Bem, disse depois — Agora vamos dar um passeio.

— Sim, mas eu não posso ir muito longe... Sinto-me ainda tão fraca...

— Eu te carregarei, quando não poderes andar. Encosta-te a mim.

Magdá ergueu-se e pôz-se a caminhar vagarosamente ao lado do amante, toda reclinada sobre elle; os braços na cintura um do outro. Ouviam-se então cantar as aves; e as plantas inclinavam-se com ternura e respeito por onde seguia o amoroso par; a fo-

lhagem tinha sorrisos; as boninas beijavam-lhes os pés.

Um cheiro delicado de baunilha enriquecia o ar.

Chegaram á beira do regato e Magdá mirou-se n'agua com faceirice de noiva. Ao seu lado reflectia-se a robusta figura do moço.

— Dá-me algumas flôres, pedio ella — Quero enfeitar-me para te parecer mais bonita. Estou tão magra!...

Elle se affastou e voltou logo com um braçado de rosas, magnolias, jasmims e resedás. O ambiente trescalou de aromas. Magdá soltou o cabello e depois, a rever-se na propria imagem reflectida a seus pés, fez novas tranças, em que ia intercalando flôres, com o mimoso capricho de quem faz uma obra d'arte. O moço olhava-a sorrindo.

— Vaidosa... murmurou.

— Ingrato! E' para te agradecer... E ella, quando deu por prompto o seu toucado, foi collocar-se defronte do amigo para receber os affagos da approvação.

— Senta-te aqui, disse este, em seguida a um beijo.

A amante obedeceu; elle se deitou na relva e pousou a cabeça no collo de Magdá, que começou de lhe affagar os cabellos, segredando ternuras, vergando-se sobre o seu rosto, para lhe alcançar os labios. Estiveram assim um tempo infinito; alheios e esquecidos de tudo, bebendo pela bocca um do outro o vinho da sua animalidade, embriagando-se de camaradagem, aos poucos, voluptuosamente; até que, ébrios de todo, se deixaram rolar ao chão e quedaram-se abraçados, mudos, inconscientes, quasi mortos na deliciosa prostração da coma venerea.

Só deram por si ao declinar do dia. Continuaram o passeio.

— Que ruído é este? perguntou Magdá, parando em certa altura da floresta.

— Não tenhas medo, meu amor, é o trapejar de uma cascata que fica do outro lado da montanha. Havemos de lá ir um dia.

— Espera! Parece que vae chover... Senti uma gotta d'agua cahir-me na face.

— Vae sim, mas não faz mal; nós nos recolhemos á gruta.

— Que gruta?

— Verás. Fica muito perto d'aqui. Vamos.

Principiava com effeito a choviscar. Elle tomou Magdá nos braços e correu para a gruta, que em verdade era muito perto d'ali. Consistia em uma grande rocha negra, toda encipóada de heras e parasitas e na qual se conseguia entrar por uma pequena fenda que mal dava passagem a uma só pessoa de cada vez. O covoqueiro transportou a brecha e em seguida fez entrar a companheira.

— Agora póde lá fóra chover a cantaros! declarou — Estamos perfeitamente agazalhados.

Magdá olhou em torno de si na meia escuridão da caverna, e notou que se achava em um logar muito aprazivel, de atmospheria de alcôva. Seus pés eram embebidos em armelina e doce alfombra; suas mãos tocavam nas paredes uma pennugem macia que lembrava a pluma do algodão. Era um ninho,

um verdadeiro ninho de musgo cheiroso, avelludado e tépido.

O rapaz deixou-se cahir em cheio sobre o tapete de relva, arrastando Magdá na queda. E, fechando-a nos seus braços, disse-lhe com o rosto unido ao della:

— Não ouves lá fóra um arrulhar mavioso e triste?...

— Sim, porque?

— E' o urú que annuncia a noite. Vamos dormir.

E ella sonhou que adormecia, justamente na occasião em que acordava na vida real. O gemebundo piaf das rôlas desdobrou-se na monotona e pezarosa cantilena dos trabalhadores da pedreira.

XIII

— Terceiro sonho!... Era já o terceiro sonho!... scismava Magdá, muito impressionada e ainda recolhida na sua cama de erable com esculpturas de mogno— Tres sonhos seguidos, de noite inteira com aquelle miseravel trabalhador!... E, não poder reagir contra semelhante violencia!... Não dispôr de um unico recurso contra esse mysterioso tyranno que a constrangia áquella convivencia extravagante, áquelle amor ignobil por um ente, que ella na vida real malqueria e desprezava! Terrivel captiveiro! Não poder dizer a sua imaginação: «Acommodate, demonio! Socega!» Isto com quem

não estava habituada a repetir uma ordem; com ella, que não fôra nunca desattendida nos menores caprichos, como nas maiores imposições!... Que desespero — ter de submeter-se ao jugo da sua carne! Que inferno — sentir-se todos os dias ao acordar humilhada por si mesma, indignada contra os seus proprios sentidos! E se aquillo dêsse para continuar?... Sim, como havia de ser, se nunca mais terminasse aquella nova existencia que ella agora vivia com o covoqueiro durante a noite?... Oh, antes a morte! antes a morte!

Justina abriu o cortinado da cama, para saber se a senhora queria já o chocolate.

— Que horas são?

— Meio-dia.

— Não consigo acordar mais cedo..

— E notava agora na bocca um gosto acre e dôce ao mesmo tempo, muito enjoativo, sabendo a sangue.

— Minh'ama sente alguma coisa... perguntou a criada, reparando que Magdá estalava com insistencia a lingua contra o céu da bocca.

— Um gosto exquisito.

— E' do estomago! Não tenho dito a vósmcê que não é bom estar paparricando goloseimas todo o dia?... Como não? Está ahí!

— Mas eu hontem nada comi que me pudesse fazer mal. Tomei um caldo e bebi um calice de vinho; e a tarde... Ah! talvez seja do xarope... diz o doutor que leva muita strychnina...

— Deve ser, como não? Estes remedios de hoje são todos uns venenos, Deus me perdôe!

— Prepara-me agua para lavar a bocca.

— Está tudo prompto.

Magdá ergueu-se da cama.

E, enquanto se preparava:— O' senhores! que frenesi me mette aquillo!

— Aquillo que, minh'ama?

— Aquella maldita cantilena!

— Ah! Os homens da pedreira! Coitados! Diz-que assim não sentem tanto o peso do serviço... Aquillo é um trabalho muito bruto! Vosmcê não imagina... Ainda outro dia...

— Sim, sim! Meu pae já sahio?

— Ainda não senhora, e já veio saber como minh'ama passou a noite.

— 'Stá bem.

— ... Ainda outro dia, o Luiz...

— Que Luiz...?

— Esse rapaz que está para casar com minha irmã, com a Rosinha; aquelle que desceu minh'ama da pedreira!... O Luiz, vosmcê conhece, como não?

— Sim, sim! Não quero saber disso... Dá-me o chocólate e o remedio.

Justina precipitou-se logo para fóra da alcôva, e Magdá, contra a sua vontade, repetia mentalmente: « O Luiz, esse rapaz que está para casar com a Rosinha... » Mas a physionomia não se lhe alterou e, como era do seu costume ao levantar-se do leito, tomou um espelhinho de mão e pôz-se a mirar de perto as feições. Açou-se extremamente abatida e muito descorada; em compensação sentia-se agora de melhor humor e até disposta a sair do quarto. O diabo era aquelle maldito gosto de sangue que lhe não deixava a bocca. Bebeu dous tragos de chocolate, rejeitou o frasco do xarope,

e em seguida desceu ao primeiro andar, mais animada que nos outros dias.

O pae fez um espalhafato quando a viu.

— Assim é que elle a queria !

E beijou-a na testa.— Assim é que Magdá devia fazer sempre ! Hoje até, acrescentou risonho e affagando-lhe o queixo, bem podias dar um passeio commigo, heim ? Mando buscar o carro ? Que dizes ?

— Onde o passeio ?

— Onde quizeres ; em qualquer parte. Está dito ?

Ella aceitou, com grande contentamento do conselheiro ; e a surpresa deste subio ao zenith quando viu a filha ordenar ao copeiro que lhe servisse um pouco d'um roast-beef que estava sobre a mesa.

— Bravissimo ! Bravissimo !

Magdá porém, logo que percebeu sangue não assado, repellio o prato, a estallar a lingua ; mas exigio que lhe dessem sardinhas de Nantes e comeu depois meia costelleta de carneiro, um pouco de pão, queijo com mostarda, um gole de vinho, e ainda tomou uma

chávena de chá preto. E não sentio náuseas.

O pae ficou louco de contente.

— O xarope está produzindo effeito! . . . raciocinou elle, esfregando as mãos.

Ella pôz um vestido de côr, o que havia muito tampo não fazia; e d'ahi a pouco embarcava no carro com o conselheiro.

Mandou tocar para o lado da cidade. — Ah! Estava farta de arvores e de florestas; agora precisava ver casas, ruas com gente, movimento de povo; para deserto lhe bastava o paraíso dos seus sonhos!

Durante o caminho mostrou-se de magnifica disposição, conversou bastante, chegou a rir mais de uma vez. Ao passar pelo Campo de Sant'Anna appetiteceu-lhe entrar no jardim. O carro ficou á espera defronte da estação de bombeiros.

Eram tres horas da tarde quando penetraram no parque. Fazia calor; a areia dos caminhos estava quente; os lagos reluziam, e os concavos taboleiros de grama, que dão

vontade á gente de rolar por elles, tinham reflexos de esmeralda nos pontos em que lhes batia o sol; os patos e os ganços amoitavam-se nas toceiras de verdura, á beira d'agua, procurando sombra; a molle compacta dos crotons parecia formada de incontaveis retalhozinhos de sêda de varias côres; os gordos cactos e as bromelias scintillavam como se fossem de aço polido. Mas toda esta natureza symetrica, medida, como que metrificada e até rimada, parecia mesquinha em confronto com as luxuriantes paysagens, que Magdá sonhára naquellas ultimas noites. Nem por isso todavia a deixou de impressionar, trazendo-lhe ao espirito recordações vexativas; por mais de uma vez sentio a moça subir-lhe o sangue ás faces, á maneira do criminoso que reconhece o logar do seu delicto; não fallou porém em retirar-se e apenas propôz ao pae que descansassem um pouco.

O conselheiro levou-a até á cascata. Ahi estava com effeito muito mais agradavel; fazia inteira sombra, e a agua, que cahia lá do alto esfarelando-

se contra os pedregulhos artificiaes, refrescava o ar e punha-lhe um tom humido de beira de praia. Magdá ficou um instante á entrada da gruta, apoiada na corrente da ponte, entretida a olhar os peixinhos vermelhos que nadavam em cardumes por entre as ilhotas de pedra. O velho esperava ao lado, em silencio, sem nenhuma expressão na physionomia, com uma paciencia de pae; ao penetrarem na gruta, elle percebeu que o braço da filha tremia.

— Sentes alguma coisa?...

— Não. E' que isto escorrega tanto...

Lá dentro havia um casal que se retirou com a chegada delles, conversando em voz baixa e affectando grande interesse na conversa. S. Ex. teve um gesto largo de quem admira; Magdá olhou indifferentemente o tecto de cimento, as grossas estalactites pingando sobre as estalagmites com um aprazivel ruido de noite de inverno. A humidade da gruta fez-lhe sêde; o conselheiro procurou uma bica e descobriu afinal uma caneca pendurada a

um canto, donde jorravam gotteiras mais grossas.

— Eu bebo ahi mesmo, disse Magdá, correndo para elle e arrepanhando as saias, porque o chão era nesse logar muito encharcado. O conselheiro notou a impropriedade daquellas estalactites em uma rocha que fingia ser de granito; Magdá não prestou nota á observação scientifica do pae e enfiou por um corredor á esquerda. Foi dar lá em cima; assentou-se cansada no rebordo onde está a entrada para a caixa d'agua. O velho ficou de pé.

— Aqui está bom, não achas? perguntou.

Ella não deu resposta. Olhava. A voz de um sujeito, que tinha subido pelo lado opposto, espantou-a; a nervosa soltou um pequenino grito e ficou ligeiramente tremula.

— E' melhor descermos... aconselhou S. Ex., vendo que dous vagabundos se approximavam com as suas calças de bocca muito larga, a cabelleira maior que a aba do chapéo e grossos porretes na mão.

Voltaram pelos fundos da cascata.

Um bebado dormia ahi, estendido por terra, meio descomposto, uma garrafa ao lado. O conselheiro fez um tregeito de contrariedade e seguiu mais apressado com a filha. Quando se acharam fóra da gruta, o sol declinava já e as ruas do parque enchiam-se de sombra. Corria então um fresco agradável. Anilavam-se as verduras mais distantes; desfolhavam-se os heliotrópios ao tépido soprar da tarde; as amendoeiras desfloreciam, recamando o tapete verde de pontos amarellos. Havia uma surda transformação nas plantas; reviviam as flôres amigas da noite e começavam a murchar as boninas e as papoilas; as arvores sacudiam-se, rejubilavam, alliviadas do mal que lhes fazia tanto sol; ouviam-se nas moitas suspiros de desabafo. Os patos e os ganços deslisavam agora victoriosamente, rasgando com o peito a brunida superficie dos lagos; chilreavam passaros, saracuras assustadas cortavam de vez em quando o caminho, olhando para os lados; ouviam-se gra-suar marrecos e frangos d'agua. Tudo estava mais satisfeito. Uma nuvem de

gaivotas pairava sobre os taboleiros verdes, bibicando na relva; as cambachilas saltitavam por toda a parte. Via-se apparecer ao longe, por detraz dos horizontes de folhagem, a agulha da igreja de S. Gonçalo, destacando-se do limpido azul do céu toda esmaltada pelo sol das cinco e meia.

Principiava a chegar gente; surgiam homens de palito na bocca, o collete desabotoado sobre o ventre; calcinhas brancas, curtas e mal feitas, mostrando botas empoeiradas; gorduras feias dos climas abrazados; hydrocelles obscenas; chapéos altos ensalitrados de suor. Mulheres da cidade nova, com umas caras reluzentes, vermelhas como se acabassem de ser esbofeteadas; portuguezas monstruosas, com umas bundas que pediam palmadas, os pés turgidos em sapatos de panno preto sem feitio. «Uma gente impossivel!» Magdá via-os a todos, um por um, enjoada, com o narizinho torcido e cheia de uma secreta vontade de chicoteal-os.

Deteve-se para contemplar o grupo muito pulha de L. Despret, logo á direita de quem sahe da gruta: Um

homem, auxiliado por um cão, a lutar com um tigre; mas o homem corta o peito da fêra como se estivesse talhando pão de lôt, e o cão raspa com os dentes a anca da mesma, como se tentasse morder um animal de bronze. Não obstante, Magdá parou defronte da esculptura e parecia interessada por ella. Aquelle homem de musculos athleticos prendia-lhe a attenção. Por que?— Sabia lá! O conselheiro, intimamente estranhado pela importancia que a filha dava a semelhante obra, fallou-lhe no museu do Louvre, nos bellos marmores que os dous mais de uma vez apreciaram juntos. Ella não ouviu e, depois de muito contemplar o lutador, disse:

— Não ha no mundo um homem assim como este, heim, papae?

— Assim como, minha filha?

— Assim forte, musculoso...

— Ah! de certo que não.

— Mas já houve...

— Ora, n'outros tempos; quando os guerreiros carregavam ao corpo armaduras de dez arrobas.

— E as mulheres dessa época? Deviam ser também bastante vigorosas...

— Com certeza! Pois se uns descendiam dos outros...

Nisto passou perto delles um bebado, muito esbodegado, a cambalear cantarolando; a camisa esbofada no estomago, o chapéo á ré; os punhos sujos a sahirem-lhe da manga do paletó, engolindo-lhe as mãos. O conselheiro desviou-se discretamente com a filha para o deixar passar; o borracho parou um instante, complimentou-os com toda a cerimonia, quasi sem poder abrir os olhos, e lá se foi aos bordos, empinando a barriga para a frente. Magdá soltou uma risada tão gostosa, que abysmou S. Ex.

— Definitivamente aquelle era o dia dos prodigios... pensou o extremo pae. E qual não seria o seu espanto quando ouviu a rapariga soltar a segunda, e a terceira, a quarta, e enfim uma crescente escala de gargalhadas continuas.

— Com effeito!... disse — Muita graça achaste tu naquelle typo!

Ella não podia responder; o riso a suffocava.

— Está bom, minha filha, não vá isso te fazer mal...

Magdá procurava conter a hilaridade, mas não conseguia. Os transeuntes olhavam-na, tomados de grosseira curiosidade; o conselheiro, meio vexado por ver que ella chamava a attenção de todos, repetia-lhe baixinho:

— Está bom... está bom...

Foi um capadocio quem afinal a fez calar; um que passou de sucia com outros, medindo-a de alto a baixo e que, depois de a mirar muito, começou por caçoada a remedar-lhe o riso. Magdá ficou furiosa. Subio-lhe sangue á cabeça, e teve impetos de... nem ella sabia de que!... fazer um disparate! tomar a bengala do pae e quebral-a na cara do tal sujeito.

— Atrevido! resmungava entre dentes cerrados, affastando-se com o conselheiro.

E, apesar dos esforços que este empregou para a distrahir, o resto do passeio foi todo feito sob a impressão daquelle incidente.

— Não penses mais nisso... insistia o velho, quando Magdá, já dentro do carro, se referia ao facto pela millesima vez.

Tocaram para casa; ella em toda a viagem não fallou n'outra coisa. Vinha-lhe agora uma inabitual vontade de brigar, de fazer escandalo. Esteve quasi a pedir ao pae que voltasse e fosse a procura do malcriado até o descobrir, para lhe pespegar duas bengaladas, mas bem fortes!

E jurava que, naquelle momento, seria capaz de estrangular o maldito. Não parecia a mesma. Ella, que fôra sempre tão inimiga de tudo em que transpirasse escandalo e barulho, sentia agora uma estranha sêde de provocações, de desordens; já não era com o capadocio do jardim, mas com qualquer pessoa. Quando entrou em casa, porque a Justina não respondeu logo á primeira pergunta que lhe fez, bradou tremula:

— Você tambem é um estafermo!

— Estafermo?

— Não me replique!

— Eu não estou replicando...

- Rua!
— Vosmcê despede-me?...
— Rua! Não a quero aqui nem mais um instante!
— Mas, minh'ama...
— Rua! Não ouviu?
O conselheiro interveio:
— Então, minha filha, não te mortifiques!
— Pois meu pae não vê como esta mulher me provoca, só pelo gostinho de me pôr nervosa?
— Tu parecias gostar tanto della...
— Nunca! Não a posso olhar! Tenho-lhe odio!

Justina, coitada, ia tentar a sua defesa, já banhada em lagrimas, quando o pae de Magdá lhe fez signal de que se affastasse; ao passo que a hysterica, fallando sozinha e praguejando contra tudo e contra todos, dirigia-se furiosa para o quarto.

— Uma sucia! Todos uma sucia! resmungava, enterrando as unhas na palma da mão. E fechou-se por dentro com arremeço, atirando-se á cama, desesperada e arquejante.

Justina enxugava as lagrimas no

avental, dando quinadas com todo o corpo a cada suspirado soluço que lhe vinha.

— Descanse que você não irá embora, disse-lhe o amo — Quando a Sra. D. Magdalena chamar por alguém, apresente-se e não se mostre resentida com o que se deu. Aquillo passa! E' da molestia! Vá!

— Uma coisa assim!... lamuriou a criada — Eu que tanto faço por agradal-a...

— S'tá bem, s'tá bem! já lhe disse que você não será despedida.

— Não é por nada, mas é pela aquella que a gente toma ás pessoas!... Eu estava já affeita com minh'ama, e ter de deixal-a assim de um momento p'ra outro, sem lhe ter dado motivo... dóe, como não dóe?

— Mas vá, vá socegada, que não haverá novidade!

Justina affastou-se chorando a valer.

O Dr. Lobão chegava nesse momento, e o conselheiro passou a narrar-lhe as ultimas exquisitices da doente. O medico escutou-o calado, fazendo bico com a sua bocca sem

labios ; olhando por cima dos oculos, com as sobrancelhas no meio da testa, arqueadas como duas sanguessugas.

— Ella tem tido as funcções mensaes com regularidade? . . . perguntou no fim da sua concentração. E rosnou, depois da resposta :— E' o diabo! é o diabo! . . . Preciso examinal-a de novo! E lembrar-me de que tudo isto se teria evitado com tão pouco sacrificio para todos nós! Pensam que é brincadeira contrariar a natureza! Agora — o medico que a aguenta !

Quando o doutor sahio, já a filha do conselheiro dormia a somno solto, e sonhava ; excusado é dizer com quem.

XIV

— Magdá, Magdá, repara que já é dia! Aqui não é permittido dormir assim até tão tarde! Vem ver despontar o sol! A passarada já está toda de fóra, não ouves? Não ha mais um só casal nos ninhos! Levanta-te! Sua Magestade ahi chega, esfogueado da viagem, pedindo a cada corólla uma gotta de orvalho para beber e accendendo em cada gotta de sangue uma centelha de amor!

A filha do conselheiro abriu os olhos — sonhando. A primeira palavra que lhe escapou dos labios foi o nome do trabalhador da pedreira.

— Bravo ! exclamou este, apanhando-lhe a bocca n'um beijo— Até que enfim te ouço dizer o meu nome !

— E' que o ignorava . . .

— E como o sabes tu agora ?

— Sonhei.

— Ah ! . . . sonhaste commigo ? . . .

— Todo tempo que levei a dormir.

— E que sonhaste, meu amor ?

— Que estava ainda na minha primitiva existencia, no mundo que troquei por este, e do qual não tenho saudades, a não ser por meu pae.

— E então ?

— Via-te a todo o instante ; levava-te commigo no pensamento para toda a parte ; vi-te até em estatua, lutando com um tigre . . .

— Fantasias de sonho . . .

— Sonhei com tudo isto que nos cerca neste nosso eden ; sonhei com esta gruta, com estas arvores, com estes lagos e com esta deliciosa luz sanguínea que me aviventa.

— Sim, sim, mas vae tratando de deixar a cama, que não havemos de ficar aqui mettidos o dia inteiro. Hoje

quero levar-te ao valle, onde passa o rio que nos separa da ilha do Segredo.

— Ilha do Segredo? Que vem a ser isso?

— Tu verás... E' encantadora.

— Muito longe d'aqui!...

— Não, e se fosse? Não estou eu a teu lado para te carregar?

— E' que me sinto tão fraca, tão pobre de coragem... tão magra!...

— Lá encontrarás novas forças. Vamos!

Ella se ergueu pela mão do companheiro, e sahiram da gruta. Repontava o dia. Tudo se enchia de vida: as abelhas sahiam para as suas obrigações; borboletas peralteavam já pelo ar, em troça, mexendo com as flôres; a pequenada dos ninhos reclamava o almoço, e os paes andavam por fóra, a tratar da vida, afflictos, preocupados, mariscando na humidade da terra o pão-nosso da familia. O sol erguia-se como um patrão madrugador e activo, acordando toda a sua gente e chicoteando a golpes de luz a matta inteira, folha por folha, para não deixar nenhum preguiçoso dormindo acoitado

pela sombra. Uma doirada nuvem de lavadeiras doidejava por sobre os lagos, picando a água com a cauda, de instante a instante, n'um crepitar frenético de azas.

— Então? perguntou Luiz, de braço passado na cintura de Magdá—Não é melhor estarmos aqui do que mettidos lá na gruta?

— Certamente, meu amigo.

— Ampara-te pois ao meu corpo e deixa o passeio por minha conta.

Puzeram-se a andar por entre a chilreada dos caminhos. De vez em quando paravam para colher um fructo, que dividiam entre si com a bocca.

Andaram muito. Quando a moça chegou ao valle estava prostrada de cansaço. O sol ia já bem alto no horizonte.

— Descansemos aqui á sombra deste tamarindeiro, para irmos depois até ao rio, propôz Luiz. E, enquanto Magdá repousava no chão, elle foi apanhar um côco e trouxe-lh'o já em estado de se lhe sorver o saboroso leite refrigerante. Quando a vio de todo

acalmada, principiou a descalçar-lhe os sapatinhos de setim.

— Que fazes?

— Vou despir-te.

E tirou-lhe as meias.

— Despir-me, para que? perguntou a filha do conselheiro com um retrahimento de pudor.

— Para atravessarmos o rio.

E foi logo lhe desabotoando o collo. Magdá não se animou a dizer que não, mas fez-se vermelha e abaixou os olhos. Luiz, todo vergado sobre ella, ajudou-lhe a desenfiar as mangas do corpinho e saccou-o fóra. Desácolchettou-lhe depois as saias na cintura e arrepanhou-as para debaixo das pernas della.

À moça levou as mãos ás roupas, assustada, olhando com receio para os lados, como se quizesse, antes de as despir, certificar-se bem de que não era vista senão pelo seu amante. Este comprehendeu o gesto e disse-lhe sorrindo e tocando-lhe com os dedos no alvo setim da espadua:

— Não tenhas medo... Aqui não ha mais ninguem além de nós! Pode-

mos ficar a nossa plena vontade; fazer o que bem quizermos; rolarmos nús e abraçados por estes taboleiros de relva; entregarmo-nos a todos os delirios do amor; enlouquecermos de prazer! Só Deus nos espreita, e Deus foi quem te fez para mim; para que eu te goze e te fecunde, minha flôr! Elle nos observa sat.sfeito, lá de muito alto, espiando pelas estrellas e sorrindo a cada beijo que damos! Quando nascer o fructo do teu ventre, elle descera logo em um raio de luz e virá abrir na bocca de nosso filhinho o seu primeiro riso e beber-lhe dos olhos a primeira lagrima. E' com esta lagrima e com esse riso das criancinhas que o bom velho fabrica todos os dias o mel e o perfume das flôres, o canto dos passaros e o azul dos céos.

E Luiz continuou a despil-a.

Magdá cruzou os braços sobre os peitos— elle acabava de lhe arrancar afinal a camisa— e fechou os olhos, toda vexada e retrahida. Mas depois, sentindo nas carnes o olhar ardente que a queimava, porque o moço permanecia a contemplal-a, embeveci-

do e mudo, torceu-se logo sobre o quadril esquerdo, repuxando para esconder a sua mimosa nudez as largas parras de um tinhorão que havia junto.

— Vergonhosa! . . . balbuciou o amante, ajoelhando-se aos pés della.

E, acrescentou em voz alterada, procurando alcançar com os labios o rosto que Magdá se empenhava em esconder:— Não deves ter desses escrúpulos commigo, esposa de minha alma! . . . Acaso não sou todo teu; não és toda minha? . . . Porque escondes o semblante? porque abaixas os olhos? Fita-os antes em mim e deixa-me beber o mel dos teus labios! Deixa-me abraçar-te bem! assim! toda inteira, toda núa, que eu sinta na minha carne a carne do teu corpo! Cinge-me nos teus peitos! Aperta-me! mais! mais ainda! Magdá— um beijo. . . Dá-me um bei. . . Ah!

— Tu me matas de amor! soluçou ella.

E, por entre o suspirado resfolegar dos dous, estalejava o secco farfalhar das folhas cahidas.

Seguiram ao depois para o rio. Elle

a levou de collo, porque Magdá não podia andar descalça; só a largou á margem d'agua.

— Mas eu não sei nadar... considerou ella, assustada.

— Sabes sim; todos sabem nadar. A questão é não ter medo.

— Ah! Eu tenho muito medo!...

— Irás commigo. Espera.

Luiz entrou no rio e disse á companheira que lhe passasse os braços em volta do pescoço. Magdá obedeceu.

— Ah! Não me soltes, heim?...

— Não tens confiança em mim?...

— Ui, ui, ui, meu Deus!

— Então!

— Ai, minha Nossa Senhora! E' agora!

— Medrosa! Não vêes como vamos tão bem?...

— Voltemos para terra! Voltemos!

— Olha que estás me apertando a garganta...

— Aqui já é muito fundo!... E' melhor voltarmos...

— Não sejas criança...

— A ilha está muito longe ainda?...

— Não a vêes defronte de ti?

— E' verdade! Oh! E como é linda!...

Calaram-se por instantes.

— Ainda tens medo?...perguntou depois o moço.

• Não. Ella agora estava até gostando daquella excursão.

— Não te dizia..?

— E tu, não te sentes cansado?

— Qual o que!

Parecia mesmo não cansar; nadava como um cysne, quasi sem se lhe perceberem os movimentos, de tão suaves que eram. E a outra perdera afinal inteiramente o medo, e, toda estendida á flôr das aguas, com os cabellos deramados pelo rosto e pelos hombros, lá ia fluctuando segura no amante, mais branca e leve que uma penna de gaivota arrastada pela corrente.

— Então?... consultou o rapaz, tomando váu á margem da ilha e passando o braço em volta de Magdá

— Que me dizes do passeio?...

— Delicioso.

— Aqui podes andar por teu pé, que o chão é todo de areia fina; mas vamos primeiro assentar-nos debaixo

daquellas juçareiras para repousarmos um instante. Tens fome?

— Não, respondeu a moça, contemplando a ilha.

Era esta encantadora com a sua praia argentina lavada em esmeralda. D'aqui e d'ali surgiam d'entre o salivar das espumas pequenos rochedos reverdecidos de musgo aquático, onde garças e guarás mariscavam tranquilamente. Um palmeiral sem fim nascia quasi á beira d'agua e, pouco a pouco, á medida que se entranhava pela terra, fazia-se mais compacto, até se fechar de todo com murmurosa cúpula de verdura suspensa por milhões de columnas. Mundos de parasitas serpenteavam em todas as direcções, já suspensas e pendentes, embaladas pelo vento; já dependuradas em arco, formando grinaldas; já grimpendo encaracoladas pelos troncos e alastrando em cima, como se quizessem quebrar a interminavel noite daquelle céu de folhas com um infinito de estrellas de todas as côres.

Magdá, ao transpor o assombrado atrio da floresta, deteve-se para fazer

notar ao companheiro o perfume activo que se respirava ali; um cheiro como o da magnolia, agudo e penetrante, que ia direito ao cerebro com subtil impressão de frio.

* — Vem dessas flôrinhas que vês aqui nos espiando de todos os lados; essas que ora são côr de rosa, ora avermelhadas, ora côr de laranja e ora côr de sangue. E' uma trepadeira; não ha canto da ilha em que não as encontres. Mas não toques em nenhuma dellas, porque, se colhesses alguma, nunca mais poderíamos sahir d'aqui.

— Ora essa! Porque?

— Não sei, é segredo! Foi Deus que assim o quiz... Repara: não se descobre uma só dessas flôres pelo chão, e tambem a gente não as vê nascer; quando vão murchando mudam de côr e revivem.

— E não dão fructo?

— Nunca.

— E' exquisito.

— E perigoso...

— Mas como é que ellas prendem a quem lhes toca?...

— Pois se é um segredo, como queres tu que eu saiba?... .

— E nunca tiveste desejos de descobri-lo !

— Para que? Sou perfeitamente feliz sem isso...

— Não és curioso...

— Sou, mas tenho medo de tornar-me desgraçado.

Nesta conversa haviam chegado á fralda de um oiteiro coberto de murta e empennachado por um frondoso bosque de bambús.

— Este morro divide a ilha em duas partes, explicou Luiz — Queres subir?

Magdá consentio, posto se visse já bastante fatigada e fraca; tanto que, do meio para o fim da viagem, foi preciso que o rapaz a carregasse. Sentia-se quasi desfallecida.

— Meu Deus, como estás tão palida ! disse elle, pousando-a á sombra dos bambús—Vou buscar-te um pouco d'agua ali á fonte. Espera um instante; eu volto já.

— Não, não! gemeu a moça, segurando-o com ambas as mãos — Não

te affastes de mim ! Não é de agua que eu preciso, é de um pouco de vida ! Sinto fugirem-me as ultimas forças ! Eu preciso de sangue !

E fazia-se côr de cêra, e fechava os olhos, e entreabria os labios, como um orphãozinho abandonado que morre á mingua do leite materno.

Cortava o coração !

— Magdá ! meu amor ! minha vida ! exclamou Luiz, tomando-a nos braços — Não desfalleças ! Não fiques assim ! Desperta !

Ella soergueu as palpebras, e murmurou baixinho, quasi imperceptivelmente :

— Sangue ! sangue ! sangue, senão eu morro ! . . .

— Ah ! fez o moço com vislumbre. E, sem sahir donde estava, quebrou um espinho de palmeira e com elle picou uma veia do braço. — Toma ! disse, apresentando á amante a gotta vermelha que havia orvalhado na brancura da sua carne — Bebe !

Magdá precipitou-se avidamente sobre ella e chupou-a com voluptia. Não se ergueu logo ; continuou a su-

gar a veia, conchegando-se mais ao amigo, agarrando-se-lhe ao corpo, toda grudada nelle, apertando os olhos, dilatando os póros, arfando, suspirando desafogadamente pelas narinas, como se matasse uma velha sêde devoradora.

Luiz, sem uma palavra, ouvia-lhe os estallinhos da lingua e o gluglutar sofrego de criancinha gulosa pela mamma.

— Ah! respirou emfim a filha do conselheiro, desprêndendo os labios do braço d'elle e sorrindo satisfeita e victoriosa — Agora sim! posso viver!

O amante encarou-a e recuou, não podendo conter a sua surpresa e a sua admiração. Magdá readqueria por encanto a frescura, a belleza e a saúde, que havia perdido nos ultimos annos. Reconstruia-se, revivificava-se á semelhança das flôrinhas feiticeiras da ilha.

Ergueu-se triumphante.

As suas faces eram de novo duas rosas que attrahiam beijos, como o matiz das flôres attrahe sobre a sua corôla o insecto portador do pollen; os

olhos rebrilhavam-lhe já com a seductora expressão primitiva. Os seus labios tremulos recuperaram logo o perdido sorriso dos tempos passados; a garganta carneou-se, reconquistando as linhas macias, as dôces flexibilidades da pelle sã; as curvas do desnalgado quadril retomaram energicas ondulações; os seios empinaram; as côxas enrijaram; e toda ella se retezou, se refez de musculos e nervos, n'uma subita revisceração deslumbradora.

Luiz cahio-lhe aos pés, beijando-lh'os com transporte.

— Como estás bella! Como estás bella! Abençoada gotta de sangue que te dei!

Magdá sorrio, estendendo-lhe os braços, agora carnudos e torneados. E, logo que elle se levantou, cingiram-se ambos, um contra o outro, n'um só arranco, em igualdade plethorica de ternura.

Passaram o resto da tarde á sombra dos bambús, celebrando a sua nova lua de mel com um opulentissimo banquete de amor. Sentia-se já a appro-

ximação da noite, quando resolveram abandonar a ilha.

Magdá quiz porém, antes de partir, lançar lá de cima um olhar de despedida sobre aquellas paragens encantadas. O companheiro levou-a ao ponto mais elevado do morro.

— Contempla os teus dominios! disse, desferindo no ar um circulo com a mão aberta.

Ella deixou cahir o seu olhar de rainha sobre a esplendida natureza virgem que a cercava. Bosques e bosques accumulavam-se n'uma interminavel agglomeração de tons, em que entravam todas as tintas da magica palheta do divino artista, dissolvidas em fogo, essa côr primordial que nenhum outro pintor possui. O horizonte ardia em chammas; o céu rasgava-se, deixando transbordar em jôrros uma cascata de luz que dava ao menor objecto da terra o brilho de um metal precioso. As florestas scintillavam. Gigantescos páos-d'arco bracejavam por entre as arvores vizinhas para mostrar bem alto a sua corôa de ouro; mas as palmeiras não se deixavam

vencer e reagiam victoriosamente por entre a espessura da matta, agitando no ar o seu pennacho indigena; a gameleira brava procurava erguer a cabeça engrinaldada de heras e parasitas; pinheiros seculares, cedros mais velhos que a religião, paineiras, angicos, peróbas, todos os gigantes da selva, pelejavam para sobresahir! Uma luta silenciosa e terrivel! Viam-se pururas que se rompiam de colera; sceptros que se despedaçavam de inveja! As timidias plantas escondiam-se de medo e os lyrios retrahiam-se, estremecidos e assustados, procurando occultar a candura das suas urnas embalsamadas atraz de rasteiros tinhorões e discretas folhas de begonia. Entretanto o indifferente rio, em preguiçosos torcicollos, rastreava lá em baixo, franjando de rendas de prata aquella immensa tunica de velludo verde-negro, que a montanha arrastava, estendendo-a sobranceiramente pelo valle. Afinal declinou a luta: era a noite que vinha já, com os seus cabellos sempre molhados, a sacudil-os, orvalhando estrellas pelo espaço e

apasiguando a terra debaixo das suas azas.

Ah! Como Magdá amava agora tudo isso! Como estremecia aquella montanha em que vivera os seus primeiros dias com Luiz! Era lá a patria da sua felicidade!

E ficou a scismar embevecida neste devaneio, revendo-se na sua fraqueza de então, quando ainda lhe não era permittido dar um passo sem o auxilio do amante. E veio-lhe uma grande saudade, uma forte vontade desensofrida de rever no mesmo instante aquelle logar querido, onde ella tanto padecera e gozara ao mesmo tempo! Ao seu lado, Luiz parecia tomado dos mesmos enlevos; e tão distrahidos estavam ambos, que a moça, sem reparar, colhera uma das taes flôrinhas feiticeiras, e elle a deixara colher sem dar por isso.

Mal porém a flôr se desprendeu da haste, um medonho estampido echoû pelo espaço, deslocando o ar e abalando a terra. Magdá estremeceu, soltou um grito e vio, em menos de um segundo, o rio que cercava a ilha

levantar-se com impeto e, ennovelando-se, arrojar-se para cima das margens oppostas e rebentar em pororocas, engolindo a terra. E a montanha, com a sua tunica real, e os monarchas da floresta, com os seus diademas cravejados de pedraria, e os prados com as suas candidas boninas, e os valles com os seus lyrios timidos; tudo defronte dos seus olhos se convertera rapidamente n'um oceano sem fim, onde enorme sol vermelho e tropego se atufava, arquejante, ensanguentando as aguas.

E Magdá, vendo a ilha isolada no meio de tamanho mar, atirou-se ao chão, escabujando em gritos e soluços, e por alguns instantes perdeu de todo os sentidos.

Voltou a si chamada por uma voz meiga que lhe dizia :

— Magdá, minha filha ! Valha-me Deus ! Valha-me Deus ! Até o demonio daquella pedreira havia de ficar defronte justamente aqui do quarto !...

E, reconhecendo a voz do conselheiro, reconheceu tambem a da Justina que exclamava :

— Pestes! Atacarem fogo á pedreira sem prevenir nada, sabendo que ha aqui uma pobre doente neste estado! E' maldade, como não?

Magdá, quando abriu os olhos, percebeu que estava nos braços do pae.

— Ora graças! Ora graças, minha filha, que recuperás os sentidos!

XV

De todos os seus sonhos este foi até ahi o que a deixou mais vencida pela fadiga e pela vergonha. Duas horas depois de acordada, ainda permanecia na cama, a scismar, sem animo de se erguer. Aquelle incidente da ilha, em que ella se via completamente despida, punha-lhe o espirito em dura revolta, contra a qual a desgraçada antejulgava que não encontraria consolações.

— Mas, pensava, que mal fizera a Deus para ser castigada daquella fórma? . . . Pois não bastavam já os seus padecimentos phisicos, os seus desgostos e os seus tédios? . . . Porque e para que ia então o Creador descobrir com tamanha falta de coração aquelle

novo modo de tortura?... Atacal-a no que ella mais encarecia — atacal-a no seu pudor!... Não! antes morrer; antes mil vezes, do que supportar por mais tempo semelhante desvario dos sentidos!

Felizmente veio a reacção; delibrou-se a abrir luta contra o sonho. E, para dar logo começo á campanha, resolveu passar a seguinte noite acordada.

— Minh'ama quer o seu chocalate? perguntou Justina pela terceira vez.

Magdá levantou-se afinal.

— Você porque se enfrasca deste modo em perfumes, sabendo que isso me faz mal?

— Eu, minha senhora?

— Então quem ha de ser?

— Juro por esta luz que não puz nenhum cheiro no corpo!

— Veja então se ha algum frasco de perfumaria por ahi desarrolhado! Está rescendendo, não sente?

— Não, minh'ama, não sinto, respondeu a criada a fungar forte, como um animal que procura descobrir al-

guma coisa pelo faro — Não sinto nada!...

— Que olphato tem você, benza-a Deus! Estou suffocada! Abra o diabo dessa porta, deixe entrar o ar!

Justina apressou-se a cumprir a ordem da senhora, mas o maldito cheiro continuava. E o mais estranho é que era aquelle mesmo perfume agudo da ilha do Segredo; aquelle perfume activo que lhe penetrava ao fundo do cerebro com agulhas de gelo.

— Veja se deixaram por ahí algumas flôres!... Sinto cheiro de magnolia!

Justina percorreu a alcôva e os aposentos immediatos, fariscando ruidosamente.

Nada! Não encontrava nada de flôres!

— Vá então lá em baixo saber o que é isto! Parece que estou n'uma fabrica de perfumarias!

A criada affastou-se, e Magdá ficou a estalar a lingua contra o céu da bocca. Era ainda o terrivel gosto de sangue que a não deixava.

— Oh! Quanta coisa desagradavel, meu Deus!

Lembrou-se então da extravagante passagem da ilha, em que ella sugara o sangue do trabalhador. Vieram-lhe engulhos, muita tosse, e acabou vomitando o chocalate que tomara nesse instante.

— E' o mesmo cheiro, não ha duvida, pensou depois indo á janella; o mesmo cheiro que eu sentia no sonho!

E respirava alto, com insistencia. — Sim, sim, é o mesmo perfume! Ora esta! parece que tudo tresanda a magnolia! Será muito bonito se eu agora, nem acordada, me possa livrar de semelhante perseguição!...

Todo esse dia entretanto se passou assim; o cheiro de magnolia e o gosto de sangue não a deixaram um segundo. Nunca estivera tão nervosa, tão excitada; achando em tudo um pretexto para implicar, chorando sem causa aparente, irrequieta, a passarinho pela casa, com um desasocego de ave quando está para fazer o ninho. O Dr. Lobão conversou com o conse-

lheiro e os olhos deste se encheram d'agua.

— Acha então que ella está peor, doutor?... Acha que está muito mal?...

— Está entrando já no terceiro periodo da molestia. Este desasocego que sobreveio agora é um terrivel symptoma... Mas não desanime! não desanime!

E, para o consolar, afixou que Magdá era o caso mais bonito de hysteria observado por elle.

A' noite a enferma pediu café.

— Café?!

Houve um espanto. Não lh'o quizeram dar; afinal, depois de grande disputa, consentiram em ceder-lhe meia chavena, muito fraco.

Não, não, não! Ella não queria assim! queria um buzelinho cheio e de café forte.

— Mas, minha filha, lembra-te do estado melindroso em que tens os nervos! Se o café em grandes doses faz mal a qualquer, quanto mais a ti!

Magdá chorou, arrepelou-se, arrancou cabellos. O medico porém, voltando á noite, aconselhou que a dei-

xassem tomar todo o café que lhe appetecesse.

— Deixem-na beber á vontade! Póde ser até que isso lhe produza uma reacção favoravel sobre os nervos! Nada de contrarial-a!

Foi levada uma cafeteira para o quarto de Magdá. Esta assentou-se á mesinha defronte do candieiro e começou a ler, depois de tomar uma chavena de café, que se lhe conservou no estomago.

— Você, ordenou á criada, não durma, heim? Nem me deixe dormir tambem, comprehende?

— Como, minh'ama? Pois vosmcê não tenciona dormir tão cedo?...

— Tenciono passar a noite em claro.

— Jesus! Mas isso lhe ha de fazer muito mal! Ora como não?

— Vá buscar-me aquelles jornaes illustrados e aquelles albuns de desenho, que estão lá na sala, e ponha-me tudo ahi em cima da mesa.

Justina affastou-se, tregeitando esgaires de lastima.

Magdá sentia-se agora menos inquieta; fazia-lhe bem o empenho com

que ella queria pregar um lôgro ao sonho, faltar á entrevista com o moço da pedreira. Sentia gosto em enganar alguem. Era uma preocupação e por conseguinte um divertimento. Ardia de impaciencia por ver passada aquella noite; afigurava-se-lhe que, depois disso, poderia dormira vontade, tranquillamente, sem cahir nunca mais nas garras do seu maldito perseguidor.

A Justina é que d'ahi a pouco cabeceava, sem conseguir abrir os olhos. Magdá obrigou-a a tomar uma chicara de café; o que não impedio que a bôa mulher uma hora depois ressonasse, ali mesmo, de pé, encostada á hombreira da porta, com os braços cruzados.

A senhora sacudio-a, frenetica.

— Eu não lhe disse, creatura, para ficar acordada?

A pobre respondeu com bocejos.

— Vamos! Ponha-se esperta! Tome outra chicara de café!

A senhora que a desculpasse; havia porém um'rôr de tempo que ella não

dormia direito e puxava muito pelo corpo durante o dia...

— E porque você não tem dormido direito?

— Ora! porque é necessario estar sempre meio acordada, para ver quando minh'ama precisa de alguma coisa... Como não?

— Eu então não tenho o somno tranquillo?

— Tranquillo? Quem lh'o dera! Vosmcê durante o somno tem arrepios de vez em quando; d'outras parece que está ardendo em calor; que sente comichões pelo corpo: coça-se, remexe-se, abraça-se e esfrega-se nos travesseiros; geme, suspira; tão depressa dá p'ra chorar, como p'ra rir; ora se encolhe toda; ora atira com as pernas e com os braços e quer lançar-se fóra da cama! Pois então? E' preciso que a gente a endireite; que lhe dê o remedio do frasco maior ou uma pouca d'agua com flôr de laranja... De quantas e quantas feitas eu não tenho deitado a vosmcê no meu collo, para a socegar?...

— E não fallo quando durmo?

— Às vezes, como não? e muito! mas não se entende patavina; falla entre dentes. Ainda hontem, foi muito bôa! vósmcê, lá pela volta das duas da madrugada, deu p'ra emberrar por tal modo com a roupa, que eu tive de saccar-lhe fóra a camisa.

— Pois você me despio, mulher?

— E tornei a vestir depois, sim senhora.

— E eu não acordei!

— Ah! vosmcê agora tem o somno muito ferrado. Quer parecer que acorda, mas qual! está dormindo que é um gosto! abre os olhos, isso abre; passa a mão pela testa; se lhe dou a agua— bebe-a; ás vezes levanta-se, quer andar, eu não deixo. Uma occasião, quando dei fé, já minh'ama se tinha safado da cama e estava a procurar não sei o que naquelle canto do quarto. Por signal que me pregou um tal susto, credo!

Magdá ficou a scismar com as palavras da criada, estalando sempre a lingua contra o céu da bocca. Uma idéa extravagante atravessava-lhe o espirito nesse momento: « E quem

sabia lá se aquella mulher não lhe tinha dado sangue a beber?... »

Fitou Justina, e com tal insistencia, que a rapariga perguntou:

— Sente alguma coisa, minh'ama?...

— Deixe ver o seu braço .

Justina estendeu o braço, intrigada.

Magdá examinou-o todo, minuciosamente, mas não descobrio nelle a menor excoriação.

— Porque vosmcê me revista o braço?...

— Cale-se!

E, depois de fital-a de novo:— O que é que você me tem dado a beber durante o somno? Mas não minta!

— O' minha senhora, eu já disse, como não? A agua pura ou com assucar e flôr de laranja, ou quando não aquelle remedio do frasco maior, que o doutor mandou dar, quando vosmcê acordasse á noite com os seus incommodos.

Magdá pedio o tal frasco para ver, e, apanhando uma gotta do remedio com a lingua, ficou a tomar-lhe o sabor.

Qual! Não era d'ali que vinha o gosto de sangue!

Bateu meia noite no relógio da sala de jantar.

— Olhe, minh'ama, meia noite!

— Já sei! Vá lá a baixo buscar um pouco de presunto com pão.

— Que diz, minh'ama? Não cáia nessa! Vosmcê tem visto o mal que lhe faz a comida fóra d'horas...

— Não me aborreça! Veja o que lhe disse!

Justina sahio do quarto, resmungando, e a senhora, logo que se achou sozinha, teve um tremor de medo. A criada felizmente não se demorou muito.

— Cá está minh'ama. Vosmcê quer vinho?

— Não.

Magdá gulosou algumas febras de presunto, bebeu mais café, e atirou-se aos seus jornaes illustrados, disposta a não ceder um passo na resolução tomada.

— Porque vosmcê não se vai deitar, minh'ama?... E' melhor! Agasalhe-se! D'aqui a pouco está ahí a

friagem da madrugada! Já passa de uma hora!

A filha do conselheiro não respondeu e ferrou a vista, com uma fixidez de teima, no desenho que tinha de baixo dos olhos.

— Vosmcê nunca se deitou tão tarde...

— Cale-se, que diabo!

— E' que lhe póde fazer mal...

— Peior!

A criada calou-se, bocejou, traçando com a mão uma cruz, mais sobre o nariz do que sobre a bocca, e d'ahi a nada pediu, quasi de olhos fechados, que su'ama então lhe deixasse encostar a cabeça um instante. « Ella estava a cahir de canceira. »

Pois sim, que fosse, mas que ficasse alerta.

« Como não? » mal porém encostou a cabeça, dormio logo a somno solto.

No emtanto a senhora parecia bem entretida com as suas illustrações. Correu meia hora — e ella sempre a ver os desenhos e a ler. De repente teve uma contracção nervosa, muito rapida.

— Mão!... disse, e procurou se-

gurar melhor a atenção no que estava lendo.

Mas com pouco um calafrio lhe empolgou os hombros e foi lhe descendo pelo dorso, até lhe fazer vibrar o corpo inteiro.

— Justina! Justina!

A criada não se abalou, e o silencio e a solidão da noite começaram promptamente a fazer das suas. A hysterica estremeceu de novo, olhando para os lados, aterrada, sem poder mais articular palavra. Um panico apoderou-se della, pondo-lhe estranha agitação no sangue.

Teve uma idéa — rezar.

Ergueu-se desvairada, com os cabellos em pé, e encaminhou-se para o crucifixo. Nisto ouviu distinctamente uma voz dizer ao seu ouvido :

— Magdá!

Voltou-se com um gemido rouco e cahio de joelhos defronte da imagem, toda tremula e gelada.

Tinha reconhecido a voz do seu amante fantastico. E principiou logo a ver tudo avermelhado como nos sonhos: o que era branco fazia-se côr

de rosa ; o que era côr de rosa tingia-se de escarlata ; o amarello tomava a côr de laranja e o azul arroxava-se.

Ella arfava ; levou a mão á testa : os dedos voltaram humidos de suor frio ; quiz gritar, e não pôde. E seu corpo escaldava em febre ; e suas fontes latejavam. Comtudo ainda não tinha perdido de todo a razão, e mentalmente supplicava a Deus que a amparasse, que a soccorresse naquelle horroroso transe :

— Pois não me será dado escapar a esta maldita perseguição?... O' meu pae misericordioso, que irá me succeder? que irá me succeder agora?

Mas os objectos diffundiam-se já e transformavam-se em torno de seus olhos, que só viam a imagem de Christo — de braços abertos, e a crescer, a crescer, enchendo a parede.

E, naquella palpitação nervosa, Magdá sentia as palavras borbotarem no seu espirito e derramarem-se pelos seus labios com a verbosidade e a inspiração de um poeta ébrio.

— Preciso não sonhar ! Preciso ar-

rancar aqui de dentro esta dolorosa loucura que me absorve, gotta a gotta, toda a substancia da minha vida !

E, de joelhos, o rosto levantado, as mãos erguidas para o céu, as lagrimas a desfiarem-lhe uma a uma pelas faces, ella accrescentou depois da oração que lhe ensinara a tia Camilla :— Jesus, meu amado, meu esposo, acóde-me, acóde-me de pressa, que a féra j'ahi está commigo ! Vem, que ella me farisca e me cerca rosnando ! Vem, que lhe ouço o respirar assanhado e já sinto o seu bafo e o cheiro carnal que ella solta de si ! Vem, que a maldita me acompanha por toda a parte e me cheira como o cão á cadella ! Vem de pressa ; não a deixes saciar no meu corpo de virgem os seus appetites lascivos ! Não me deixes assim, amado do meu coração, cahir tão feiamente em peccado de impureza e luxuria ! Não me atires como um pedaço de carne ás garras do lobo immundo ! Esconde-me á tua sombra ; protege-me como o fizeste com a outra Magdalena, menos merecedora do que eu, que sou donzella e sempre te amei e servi com

a mesma candura ! Lembra-te, querido de minh 'alma, de que estou enferma e fraca e só tenho força e animo para te amar ! Vê que não me posso defender só por mim ! Ajuda-me ! tem pena de quem te quer e adora acima de todas as coisas ! Vê como tremo e choro ! Se és o pae dos humildes, vale-me agora, salva o meu pudor e não consintas que de hoje em diante a minha virgindade se haja ainda de retrahir corrida e envergonhada ! Vem e acompanha-me nos meus sonhos, conduze-me pela tua mão, como fazias com as crianças que encontravas perdidas no caminho ; se te vir a meu lado não sonharei desatinos e sugidades que me matam de vexame e nôjo contra mim propria ! Vem ter commigo e exorciza de dentro de mim o demonio que habita minha carne e enche de fogo todas as veias do meu corpo ! Não deixes que a luxuria esverdinhe minha alma com a baba do seu veneno ! Reabilita-me, para que eu me estime e préze como dantes ! Lava-me da cabeça aos pés com a luz da tua divina graça ; perfuma-me com os teus aro-

mas celestiaes ; sópra teu halito sobre mim, para que não me fique vestigio de terra na pelle e nos cabellos; beija minha bocca, para lhe apagar o gosto de peccado que a põe amarga e suja ; beija meus olhos, para que elles não enxerguem o que não devem ver; beija meus ouvidos, para que elles não escutem o que não devem ouvir ; beijame toda, para que toda eu me purifique e me faça digna do teu amor ! Sacóde em cima de mim o orvalho do teu manto e as gottas do teu cabello, para que eu me acalme e abrande ; traça com a tua mão pura uma cruz sobre a minha testa, para affastar por uma vez os máos pensamentos, e passeia tres voltas em tórno do meu corpo para que a féra nunca mais se approxime de mim ! Vem, vem ! que ella ahí tórna e começa a uivar de novo ! Acóde-me, Senhor, acóde-me !

Estremeceu toda n'um arrepio mortal, escondendo o rosto, sacudida pelos soluços. E, como em resposta ás suas supplicas, não descia dos céos nenhum allivio, ella se revoltou contra Jesus : — Para que então servis ? interrogou

— Para que então sois Deus, se não baixais em meu soccorro, quando eu tanto preciso de amparo e de defeza?! Que é feito então do extremo amigo das mulheres e das crianças, ao qual me ensinaram a amar desde o berço? que é feito desse ente apaixonado e casto, que tinha d'antes consolações para toda a desgraça e um raio de luz para seccar a mais escondida lagrima dos que padeciam? que é feito do sudário côm de lyrio em que se enxugava o pranto dos desamparados? que é feito dessas benções de pae, que apaziguavam a terra e confortavam o coração dos pobres? para onde se voltaram aquelles olhos misericordiosos, que d'antes enchiam o mundo com o efflúvio da sua ternura? como para sempre se fecharam aquellas entranhas de piedade, aquelle peito de amor, onde a misera humanidade se refugiava, como n'um templo de oiro e marfim? Se não vierdes immediatamente em meu soccorro, acreditarei no que dizem os contrarios da vossa egreja, ou que desertastes de vez para os céos, esquecido de todo

das vossas creaturas! Se não vierdes já e já, acreditarei que estais outro e que já não sois aquelle mesmo Jesus, terno, humilde, casto, bom, fiel e omnipotente! acreditarei, que viveis no egoismo e na indiferença, amarrado ao throno, ébrio de orgulho e vaidade, como qualquer miseravel monarcha da terra!

E interrogou a imagem com um olhar em que havia supplica e ameaça. Mas soltou logo um rugido surdo, apontando para o crucifixo e balbuciando cheia de terror:—Não! Já não sois vós quem ahi está crucificado! Quem está ahi agora é o outro! E' elle! E' o demonio!

E, cahio de bruços no chão, com um grito. E logo em seguida, sem animo de erguer a cabeça, tranzida de medo, sentio distinctamente que o Christo se agitava na parede, como forcejando para se despregar da cruz e que afinal descia, pisava no chão, encaminhava-se para ella e tocava-lhe de leve com a mão no hombro, approximando a bocca, para lhe fallar ao ouvido. Magdá sentio rescender o cheiro da murta.

— Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem! A mangueira começou a dar as suas primeiras mangas; as flôres do cajú lançaram já o seu cheiro! Vem, pomba minha: nos segredos do teu quarto mostra-me a tua face; sôe a tua voz dentro dos meus ouvidos, porque a tua voz é dôce e a tua face graciosa!

A moça ergueu a cabeça.

Elle a beijou, proseguindo, com o rosto unido ao della:— Sim, Magdá, minha irmã, minha esposa, minha amada, teus olhos de tão bellos se parecem com os olhos de Maria Santissima, são ternos, são negros, humildes e magestosos; tuas mãos brancas lembram os lyrios da virgem e os teus dedos distillam a myrrha mais preciosa; as faces do teu rosto rescendem como as rosas do amor divino; os teus cabellos excedem no cheiro os aromas excellentes do seu altar; os teus peitos são brancos como duas ovelhas gémeas e tão rijos como os jacintos da sua corôa de rainha dos céos; a tua carne é tão macia como o sêtim do seu manto e o cheiro dos teus vestidos

é como o cheiro do insenso; o sorrir da tua bocca é tão lindo como o della, mas eu gosto mais do teu, por menos divino e ethéreo e porque mais me enfeitiça e me abraza de amor; o teu halito, minha pomba, é melhor que os perfumes do paiz de Cedar; tua garganta é de sandalo; tua voz é um aroma; a luz dos teus olhos é um diamante liquido; teus dentes são perolas de orvalho entre petalas de rosa. Tu, entre as mulheres da terra, és a mais bonita, a mais seductora e a mais amavel; entre as mulheres tu és como a palmeira entre as outras arvores: tu não tens igual; tu és magestosa como os cedros do Libano e tu és delicada e cheirosa como os eloendros de Jerusalém!

Magdá deixava-se embalar pela musica sensual e mystica destas palavras cheiro de murta. E, já sem medos nem sobresaltos, quedava-se immovel e commovida, como se estivesse conversando em estase com um Christo só della; um Christo desthronado e sem orgulhos de Deus; um Christo

seu amante, fraco, de carne, submisso e humano.

E a voz ainda lhe disse, entrando-lhe pelos ouvidos, pela bocca, por todos os poros, com o seu arôma agreste e aphrodisiaco:— Levanta-te, minha amada, e torna commigo ao nosso ninho de amor! Eu te busquei esta noite a meu lado, eu te busquei e não te encontrei! Ergui-me á luz das estrellas e rodiei como um louco a ilha, e não te achei! busquei-te pelas mattas, pelos valles e pelo monte, e não te descobri! Chamei-te: « Magdá! Magdá! Magdá! » e não me respondeste! Perguntei ás aguas do mar, ás arvores do campo, aos ventos do espaço, se tinham visto áquella a quem ama minh'alma; e todos elles não souberam dar novas tuas; e eu aqui estou; eu vim buscar-te, e não tornarei sem te levar commigo! Vem! Na tua ausencia fiz um leito de madeiras aromaticas e alcatifei-o todo de flôres, para te receber; colhi os mais saborosos fructos para a tua chegada, e fermentei a uva mais dôce para nos embriagarmos com ella!

— Sim, sim, respondeu afinal Magdá, entregando-se a elle — Leva-me tu! Eu te acompanho de novo para onde bem quizeres! Carrega-me, querido! Preciso ir beber do teu vinho; comer dos teus fructos; amar do teu amor e reviver com o teu sangue! Leva-me! Leva-me! Aqui me tens! Sou tua!

XVI

Esta crise a prostrou, de cama por dous dias; dous dias de febre e delirios, em que ella não deu acôrdo de si e fallava de coisas inteiramente estranhas para os mais. Sonhava-se na ilha do Segredo.

Quando enfim se levantou havia já entrado totalmente no terceiro periodo da molestia. Estava cadaverica; os olhos muito fundos; as faces cavadas e a pelle estalando em pequeninas rugas como porcellana velha. Comtudo, em nenhum dos seus gestos, como em nenhuma de suas palavras se lhe notava desarranjo cerebral; apparentemente era a mesma em orgulho, em virtudes e em fidelidade aos

seus principios religiosos ; apenas succedia que todas estas qualidades cada vez mais se accentuavam com um certo exagero progressivo. O cheiro de magnolia e o gosto de sangue ainda a perseguíam com maior ou menor intensidade. De novo o que Magdá apresentava agora de mais notavel era uma especie de allucinações lethargicas, muito rapidas, que a accommettiam de vez em quando e nas quaes reatava quasi sempre o seu ultimo sonho ; mas não fallava durante essas crises, ficava n'um estado comatoso, estactica, de olhos bem abertos, dentes cerrados, um ligeiro rubor nas faces ; ás vezes sorrindo e ás vezes deixando que as lagrimas lhe escorressem surdamente pelo rosto.

O medico recommendou que a não despertassem dessas lethargias. « Deixassem-na lá, que por si mesma havia de recuperar a razão. »

Uma outra novidade era que ella já não parecia sentir, como d'antes, repugnancia em ouvir fallar no futuro cunhado de Justina ; agora ao contrario, quando esta se referia ao rapaz, a

senhora escutava-a com interesse e até já lhe fazia perguntas a respeito do pobre diabo. Uma occasião quiz saber que tal era elle de genio; quaes os seus costumes, se bons ou máos; se estimava muito á noiva; se pretendia realisar em breve o casamento; se era homem dado a bebidas ou ao jôgo ou a outras coisas feias. A criada informou muito a favor do Luiz: elogiou-lhe o character; contou as suas bôas acções; fallou na sua economia, no seu amor pela mãe e pela avó, e terminou declarando que a Rosinha apanhara um homem ás direitas. «A's direitas, como não?»

A' filha do conselheiro contrariaram um tanto estes elogios. Não sabia porque, mas intimamente desejava que aquelle imbecil fosse mais desgraçado e menos digno de estima; prefêria ouvir dizer pelos outros os horrores que ella tinha vontade e não podia despejar contra o miseravel; preferia saber que elle era um perdido, sem a menor idéa de estabelecer familia, um bebado devorado pela vil e baixa crapula das vendas e dos cortiços. E Magdá ficava

revoltada, sentia as mãos frias de raiva, quando, ao chegar por acaso á janella, dava com o covoqueiro que ia ou vinha do trabalho, ostentando o ar satisfeito de quem traz a vida direita e anda em dia com as obrigações.

— Ah! o seu desejo era descarregar-lhe um tiro na cabeça!

Um domingo, em que ella esparecia á porta da chacara, o Luiz passou na rua, todo chibante nas suas roupas de ver a Deus, de braço dado á noiva, e rindo muito e conversando com a mãe e com a velhinha Custodia; contentes que mettia gosto vel-os. Pois a filha do conselheiro, só por causa disso, se mostrou contrariada e ficou peor esse dia. Tanto que, já a noite, estando a scismar na sala, com os olhos fitos em um pequeno grupo de marmore que ahí havia, ergueu-se, tomou-o nas mãos e, depois de o examinar com o rosto muito carregado, arremeçou-o de encontro á lage da janella. O grupo representava em miniatura «Amor e Desejo», de Miguel Angelo—Um casal de quinze annos preso pelos labios em um beijo idéal e ardente — Quando o

conselheiro, de véras contrariado, perguntou quem havia quebrado a escultura, ella respondeu sem se alterar :

— Foi a Justina, papae, mas não lhe diga nada, coitada!

Sim, por ultimo dera para isto: pregar destas pequenas mentiras, e, se acaso queriam provar o contrario do que affirmava, punha-se furiosa, acabando sempre por desabafar em soluços a sua contrariedade. Assim, tendo uma vez matado um casal de rôlas que havia na sala de jantar, só porque o sorprehendera em flagrante delicto de procreação, nem só fugio á responsabilidade do acto, como ainda affectou grande desgosto pela morte dos brutinhos, chegando a revolucionar toda a casa para descobrir o supposto assassino.

Entretanto — os sonhos com Luiz continuavam sem interrupção, e Magdá, a contra gosto, habituava-se com a sua existencia em duplicata, ageitando-se pouco a pouco ao contraste daquellas duas vidas tão diversas e tão inimigas. Não podia ser mais feliz do que era ao lado do seu fantastico

amante ; ah, mas bem caro pagava depois essa felicidade, quando, acordada, seu orgulho de mulher honesta abria em luta contra asdegradantes lubricidades do somno.

Viviam nús desde o fatal momento em que se prenderam na ilha do Segredo. Luiz construira uma cabana de bambús, coberta de pindoba, e fez alguns utensilios domesticos ; já tinham cama, bancos, um armario para guardar fructas, e dous ou tres potes para conservar o mel das abelhas, o vinho do cajú e o leite de uma cabra que elles apanharam no monte.

Cercaram a choupana com valentes tóros de madeira e, quando anoitecia, levantavam uma fogueira defronte da porta. E' que já se não sentiam tão seguros como dantes; Luiz temia até qualquer invasão, porque, logo que o rio se converteu em mar, estava franqueada a ilha.

E, com effeito, um bello dia, passeiavam os dous na praia, seccando os cabellos ao sol depois do banho, quando avistaram no horizonte uma véla que se approximava. Fica-

ram ambos transidos de sobresalto ; Luiz ordenou a Magdá que se mettesse em casa e não sahisse sem ser chamada por elle.

A filha do conselheiro obedeceu, mas ficou espiando lá de dentro.

D'ahi a pouco vio chegar n'um escalér, tripolado por quatro marinheiros, um magote de seis pessoas que, pela distancia, ella não podia reconhecer, distinguindo apenas que havia quatro mulheres no grupo ; que um dos homens trazia farda de official de marinha e que o outro estava todo envolvido em uma enorme capa negra que lhe dava apparencias de espectro.

O official saltou na ilha e fez apeiar-se as mulheres. Estas, logo que se pilharam em terra, correram de braços abertos sobre Luiz, soltando gritos de contentamento. E, depois de muitos beijos e abraços, puzeram-se todos a caminhar na direcção da palhoça, acompanhados pelos quatro marinheiros que vinham armados de escopetas e machadinhas de abordagem.

Magdá reconheceu então que o offi-

cial era o conselheiro, vestido e remoçado como em um retrato a oleo, que elle tinha no seu gabinete de trabalho em Botafogo.

Tremeu, quiz fugir, mas lembrou-se da ordem de Luiz e deixou-se ficar. Em uma das mulheres descobriu Justina; em outra Rosinha; nas outras a mãe e a avó do moço da pedreira. Vinham todas com as roupas do domingo; as duas velhas traziam lenços de ramagem na cabeça, e nos hombros chales encarnados de Alcobaça. As raparigas, com os seus vestidinhos de chita, tinham o ar contrafeito e grosseiramente sério das moças de cortiço; as mangas do casaquinho muito justas, quasi insufficientes, dando difficil sahida a punhos grossos, vermelhos e lustrosos, terminados em mãos curtas, socadas, de gordura sanguinea.

O outro, o da tunica negra, é que Magdá não conseguiu reconhecer, a despeito dos esforços que empregava para isso; só lhe pôde distinguir as feições quando elle já se achava a uns quarenta passos da choupana. Era seu fallecido irmão, o Fernando; vinha

côr de cadaver, muito desfeito ; parecia ter sahido naquelle instante da sepultura. Ella estremeceu toda e, com um arranco de anta bravia, pinchou o corpo para fóra da tóca e abrio n'um carreirão pelo matto.

— Não fujas ! gritou Luiz — Não tenhas medo, que ninguem aqui te quer fazer mal !

— Magdá ! Magdá !

— Espera, minha filha !

Era tudo inutil. Magdá, completamente núa, os cabellos soltos ao vento, lá ia por trancos e barrancos se internando na floresta. Um fugir vertiginoso de cabrita assustada ! Mórros e vallados desapareciam atraz della ; não havia encruzamento de sipó que lhe tolhesse a marcha, nem espinheiro por mais bravio que lhe quebrasse a furia. E sentia atraz de si uma gritaria infernal e um tropel confuso de passos rapidos.

— Magdá ! Magdá ! bradavam-lhe na pista.

E ella corria mais. De repente — parou. Uma voz grossa exclamava-lhe pela frente :

— Cérca! Cérca!

Em menos de um minuto fecharam-na por todos os lados gritos de caçadores e passos que se approximavam com vertigem.

— Cérca! Cérca!

— Por aqui!

— Por ali!

E de cada ponto surgiu logo uma cabeça de marujo, rompendo a argamça das folhas.

Magdá cahio por terra sem forças, as carnes alanhadas, os pés em sangue, os cabellos arrebetados. Incontinenti os homens a rodearam, sem todavia nenhum delles lhe tocar com um dedo; a prisioneira, estarrecida no chão, arquejava, cruzando as pernas e os braços para esconder as suas partes vergonhosas. Afinal chegaram os outros, entre os quaes vinha o Luiz, agora mais composto por uma capa, que o conselheiro lhe puzera aos hombros; o primeiro a approximar-se della foi Fernando, que despio logo a manta e estendeu-a sobre a nudez da irmã.

— Minha filha! minha filha! disse o conselheiro, vergando-se para lhe

dar um beijo—Em que estado a encontro, meu Deus ! E ordenou aos marinheiros que improvisassem uma padiola de bambús e folhas de bananeira.

D'ahi a pouco Magdá era levada ao hombro daquelles para a cabana. Arrearam-na sobre o tosco leito fabricado pelo amante ; deram-lhe a beber os confortativos que se foram buscar a bordo com toda a pressa e lavaram-lhe em arnica as feridas que ainda sangravam.

Quando conseguiu fallar, pediu ao pae e ao irmão que a não castigassem.

— Castigar-te, minha filha...? respondeu o conselheiro, affagando-a — Não ! Nada tenho que te exprobar ; porque agora comprehendo que o moço da pedreira te salvou a vida, trazendo-te para o seu desterro. Se eu te obrigasse a ficar lá em casa, sózinha commigo, a estas horas estarias sem duvida debaixo da terra ; ao passo que aqui—vives ! e estás forte, e bella, e feliz ! Não ! eu te abençôo, como abençôo a este rapaz, cujos esforços foram muito mais proveitosos que os do Dr. Lobão !

E, palavras ditas, o pae de Magdá abraçou-se a Luiz.

— Não desejo contrariar-te . . . proseguio elle, voltando-se de novo para a rapariga, com os olhos carregados d'agua, se quizeres continuar a viver aqui, fica; se quizeres voltar para a minha companhia, eu te receberei e mais ao teu homem; apenas o que vos peço, quer hajam de ir ou não, é que se casem e quanto antes. Trouxe no meu navio um padre e tenho a bordo o necessario para armar o altar.

— Pois está dito, balbuciou Magdá. E, chegando os labios ao ouvido do pae, disse-lhe um segredo, que a ella propria fez corar, mas que a elle encheu de vivo contentamento.

— Um neto! exclamou o conselheiro— Oh, que felicidade!

Magdá, afogada em pejo, tapou-lhe a bocca com a polpa da mão.

— Ter um neto era o meu sonho doirado! Como vou ser feliz no resto da minha vida!

— Ora, papae! . . .

— Que mal faz que o saibam todos, se vaes esposar o pae de teu filho?...

Acaso, desse momento em diante, não ficarás rehabilitada aos olhos do mundo inteiro ?

— Cale-se, papae...

— Não! Deixa-me fallar! deixa-me dar expansão á minha alegria! Não vês como estou rindo?... e não sentes, minha filha, estas lagrimas que me abandonam, porque o coração, de tão contente que está, as enxota de casa, como inuteis de hoje em diante? Oh, obrigado, Magdá! muito obrigado!

De junto, Fernando a contemplava silenciosamente com o seu immovel e apagado olhar de morto; os braços em cruz sobre o casco do peito; a pelle sem brilho; as barbas resequidas e cobertas de pó. Agora é que elle de todo se parecia com o Christo da Mater Dolorosa; a irmã teve impulsos de ajoelhar-se defronte daquella melancolica imagem e rezar, como fazia dantes nas suas tredas escapúlas religiosas.

Ficou resolvido que o casamento se effectuaria d'ahi a dous ou tres dias com a maior solemnidade que lhes pu-

dessem dar. Começou-se logo a construir uma outra casa maior, não mais de bambús amarrados com embira e coberta de folhas de pindoba, mas feita de madeiras escolhidas, forrada de taboas pela parte de fóra e de lona pela parte de dentro. Mobiliaram-na depois com muito gosto e sortiram-na com enorme provisão de mantimentos em conserva, e pipas de vinho e aguardente e latas de bolacha inglesa. E vieram também aparelhos de porcelana e lanternas e candieiros, muitas caixas de vélas, jarros, quadros, um piano, colchão, colchas lavradas e roupas de toda a especie, não esquecendo as joias, os livros e mais objectos de que se privara Magdá ao partir com o covoqueiro.

— Mas isto é uma mudança completa! Meu pae não deixou nada em terra...! observou ella, notando as coisas que desembarcavam e reconhecendo-as uma por uma.

Com effeito vinha tudo; lá estavam as louças da Saxonia, os candelabros bysantinos, as pelles da Siberia, as velhas tapeçarias do salão de Botafogo,

os caprichosos kakimanos, os espelhos, os damascos bordados a ouro e prata e os consólos com mosaicos de Florença. E' que o conselheiro, uma vez que a filha não estivesse resolvida a acompanhá-lo, voltaria á vida inconstante do mar, para nunca mais se desprender do seu navio.

Prompta e armada a casa, principiou-se a fazer defronte della um altar ao ar livre, com uma immensa cruz de cedro tosco entre duas palmeiras e fincada n'um grande pedestal de troncos d'arvores, cujos degrãos não se viam, era tal a profusão de flôres que os carregava de alto a baixo. Arranjaram-se pharóes para illuminar toda a ilha, e a tripulação de bordo sahio, em parte armada de espingardas a caçar pela floresta, e em parte carregada de rêdes para a pescaria. Engendrou-se uma soberba tenda destinada ao banquete, embandeirou-se tudo e pregaram-se lanternas chinezas em volta da habitação.

No dia das bodas cincoenta peças de caça e outras tantas de pesca rechinavam e lourejavam sobre brazeiros e

fogueiras ; grandes tachos de cobre luziam ao fogo, soprando nuvens de vapor odorante ; fabricavam-se os dôces mais estimados ; batiam-se as massas mais delicadas. E os marinheiros, agora de avental branco e capa de cozinheiro, cruzavam-se no morro, ora levando largas braçadas de fructas, ora carregando enormes travessões de assado, ou conduzindo para a mesa amphoras de prata cheias de vinho. Havia uma grande actividade ; a velha Custodia e a tia Zefa não descansavam um segundo, iam e vinham azafamadas, a saia enrodilhada na cintura, os braços arremangados, tão depressa a encher garrafas e cangirões, como preparando ramalhetes para os jarros ou pejando as corbelhas com as fructas que lhe traziam os marujos. O conselheiro, sempre de farda, dirigia todo o serviço tal qual como se manobrasse um navio, só dava as suas ordens apitando ou então gritando por um porta-voz de que se não separava nunca. E ao seu commando afestovava-se toda a ilha, com uma rapidez de serviço de bordo.

A cerimonia religiosa estava marcada para o meio-dia em ponto e devia ser seguida por uma salva de vinte tiros de canhão, toque de caixa e corneta, repiques de sino e vivas da marinhagem. O capellão havia chegado já, acompanhado por dous marujos vestidos de batina e sobre-peliz, vendo-se-lhes por debaixo as botas de couro crú, sentindo-se-lhes ranger o cinturão e adivinhando-se-lhes a navalha grudada aos largos quadris. Os thurybulos e a caldeirinha pareciam em risco de esfarelar-se entre os seus dedos grossos comocabos de enxarcia. As suas caras mareadas, com a barba feita de fresco e uma faixa branca no logar da tresta em que o bonet não deixara que o sol as encardisse, não pareciam de gente, e no entanto, coisa singular, ambas lembravam a carranca do Dr. Lobão. Magdá, ao vel-as, retrahio-se intimidada, e não se animou a dar palavra, nem a se mexer do logar em que estava. Ficou tolhida a fital-as por muito tempo.

A voz da Justina despertou-a com uma vibração estranha, que a fez es-

tremecer toda ; uma voz que desafinava do resto.

— Que é, mulher ? perguntou Magdá, arregalando os olhos sobre ella.

Acordara por instantes, mas não chegou a reconhecer o seu quarto da Tijuca.

— Então, minh'ama não se veste? . . . Fica vosmcê desse modo a olhar para mim? . . . Vamos, prepare-se . . .

— Sim, tens razão, são horas. Dá-me o banho.

E accrescentou de si para si:

— Está tudo prompto ! Já chegou o padre com os seus ajudantes ; meu noivo deve agora parecer lindo como um Deus ! Vou perfumar-me e fazer-me bella, para que elle mais se abraze de amor assim que me veja . . .

Era o delirio que proseguia, mesmo sem a intervenção do somno.

A criada trouxe-lhe o banho que lhe servia todos os dias ; ella porém, suppondo-se na sua casa da ilha, tinha que se lavava em aguas perfumadas, e que cortava e brunia as unhas, alisava os cabellos com oleo cheiroso, enchia-se de aromas finos, e em segui-

da que se cobria toda de rendas e cambraias e punha um vestido de velludo branco bordado de prata, calçava meias de sêda finissima, sapatinhos de sêtim e guarnecia a cabeça e o pescoço de longos fios de perolas.

Mirou-se no espelho e nunca se achou tão bella.

— Está prompta a noiva! Está prompta a noiva! exclamaram de todos os lados, assim que a viram surgir á porta da habitação acompanhada pela Justina.

Os marujos soltaram gritos de enthusiasmo.

Magdá volveu os olhos em redor de si e notou sorrindo que, nem só as pessoas que ali estavam, como tambem a natureza inteira, pareciam alegrar-se com a sua felicidade; mas deixando cahir a vista para o fundo do valle, teve um sobresalto: lá em baixo, na fralda do monte, o espectro de Fernando passeiava tristemente por entre as arvores, arremedando Christo no horto das Oliveiras; tinha os passos lentos, a figura alquebrada, uma dôce resignação na physionomia. Vio de-

pois uma mulher approximar-se d'elle, atirando-se ao chão para lhe beijar os brancos pés descalços e a fimbria da sua tunica rôta pelos espinhós e embranquecida pela areia das estradas; reconheceu Rosinha. E a dura melancolia daquelle canto de paisagem, mergulhado na sombra, lembrava Jerusalém; e a menina do cortiço, com as suas roupas em desalinho, cabellos soltos e cobertos de terra, o rosto escorrendo de lagrimas, parecia estrangulada por uma afflicção profunda e fascinadora como a de Maria Magdalena. A infeliz abraçava-se ás pernas de Fernando, desfazendo-se em queixas e lamentos, que Magdá não conseguia ouvir; elle afinal a ergueu carinhosamente, pousou-lhe a mão aberta sobre a cabeça, e, terno e commovido, tornou para o céu os olhos castos, onde havia supplicas de infinita doçura.

Rosinha pôz-se então a rezar vergada sobre o peito; enquanto o outro se affastava, caminhando subtil, que nem uma sombra, por entre as arvores.

Magdá desceu de carreira pela encosta da montanha na direcção que

elle tomara. O seu vulto de noiva sobresahia errante na azul penumbra dos caminhos como um lyrio levado pelo vento; mas, quando ella alcançou a campina, já Fernando ia distante.

— Attende! attende! gritou atraz delle.

O espectro não attendeu e lá foi por diante, agitando ás brisas do mar a sua tunica solta.

— Fernando! irmão meu! amado de minha alma, não me fujas!

E o lyrio precipitava-se pelo valle, sem conseguir alcançar a sombra dos seus amores.

Venceram assim toda a floresta; a sombra sempre a fugir e o lyrio a perseguil-a; até que chegaram ás margens da ilha, e Magdá vio estender-se o oceano defronte de seus olhos. E a sombra, a fugir-lhe sempre, ganhou as aguas, andando por sobre ellas, como Jesus sobre o lago de Geneza-reth.

A sonhadora parou na praia, resignada e triste, e seu olhar acompanhou aquella estremecida sombra fugitiva que se fazia ao largo, até vel-a

desaparecer de todo no infinito das ondas.

« Eu como sol a buscar-te . . . tu como sombra a fugir-me ! . . . » pensou, tornando então sobre seus passos, e ajoelhando-se de vez em quando, para beijar em extasi as pégadas que Fernando deixara na areia. Afinal penetrou de novo na matta e, caminhando distrahidamente, chegou á fralda da montanha sem dar por isso, de tão preocupada que ia.

Uns soluços que vinham do fundo do valle despertaram-na do seu enlevo. Encaminhou-se para lá e descobriu Rosinha, deitada de bruços á sombra de uma figueira brava, chorando, com o rosto escondido nos braços.

Approximou-se della e tocou-lhe no hombro; a outra se pôz de pé e teve um gesto de colera quando reconheceu a rival.

— Está zangada commigo ? . . . perguntou a filha do conselheiro, fazendo-se meiga.

— É a senhora ainda m'ó pergunta? Rouba-me o noivo e pergunta se estou zangada! Tem graça!

Magdá procurou acalmal-a, dizendo-lhe com extrema brandura que o Luiz, que Rosinha conhecia do cortiço, o moço da pedreira, era um ser fantastico, um mytho; e que o unico verdadeiro Luiz, o existente, era o da ilha, o poderoso monarcha, o senhor daquelles dominios, um ente superior, um ente privilegiado por Deus que lhe concedera o dom de tomar na terra a encarnação que lhe aprouvesse. Rosinha que se conformasse com a sorte, coitada! que se resignasse, que tivesse paciencia; mas o Luiz, o legitimo, o unico, o rei da ilha, esse lhe pertencia a ella, Magdá, e nunca seria de nenhuma outra mulher.

— Isso é o que veremos! replicou a moça do cortiço, livida de raiva, não é a mim que a senhora convence de que este Luiz não é aquelle mesmo que me havia promettido casamento! Ah, eu não tenho, bem sei, os seus segredos para o enfeitiçar, mas tambem lhe juro que o verdadeiro amor, o amor que elle me inspirou, sincero e ardente, é capaz de tudo e é mais poderoso do que quantos artificios pos-

sam imaginar as bruxas da sua especie! O que lhe afianço pelo menos é que eu, desprezada como sou, seria mulher para dar por elle a minha vida, ao passo que a senhora, só com o fim de se fazer bonita, lhe tem roubado todo o sangue!

— Cala-te, miseravel!

— Ah, pensavas que eu não sabia...? Bem te conheço, vampiro! Não é atôa que o pobre rapaz ultimamente anda tão fraco, que nem póde subir á pedreira sem ficar cansado! Elle, o Luiz, d'antes mais riço e mais agil que um pôtro!

— Calas-te ou não, atrevida?! .

— Ah, mas conto que a tia Zefa ha de descobrir que lhe estás matando o filho! Livre-te Deus de que a velha Custodia suspeite de longe o que se tem passado com o neto! Aquella velhinha, ali onde a vês, é capaz de arrancar-te a lingua pela bocca, ladra fermentida!

E a rapariga do cortiço, dando um empuxão em Magdá, que lhe abalou o corpo inteiro, exclamou terrivel:

— Vae! vae! casa-te com Luiz!

farta-te, lôba! As festas estão promptas! o altar está armado! a cama está juncada de flôres! Vae, deita-te mais elle e, logo que o tenhas embebedado com o teu almiscar de cobra traioeira, suga-lhe o resto do sangue, sorve-lhe a ultima gotta! Vae, agora és a dona do homem, como és a rainha desta ilha! Vae; mas eu te juro, sangue-suga, que te hei de perseguir mesmo depois da tua morte!

— Então, Magdá! então! disse o noivo, apparecendo por entre duas moitas de crotons— Ha boas horas que te esperamos lá em cima para a celebração das nossas nupcias, e tu aqui a conversares com esta sujeita! Anda, vamos meu amor; estou farto de procurar-te!

Elle vinha vestido de velludo carmezim com botões de oiro, calção largo, blusa apertada na cintura, donde lhe pendia uma espada scintillante de pedraria; polainas pretas de couro envernizado; chapéu cinzento de abas largas com uma grande pluma branca que lhe ia até ao pescoço, destacando-se do ébano brilhante dos seus cabellos

encaracolados, como uma penna de garça entremettida na aza de um corvo ; capa escura com forro côr de sangue e em volta do cóllo uma reluzente cadeia de esmeraldas, saphiras e rubís.

Deu-lhe o braço Magdá, pousando a cabeça sobre o hombro delle. E puzeram-se ambos a subir a montanha, salpicados pelo sol que se peneirava por entre folhas e chicoteados por um olhar ameaçador de Rosinha que resmungava :

— Vão, vão, mas que a cama de vocês dous se transforme n'um espinheiro bravo!

XVII

Depois destes delirios, tão complexos, que em parte foram soffridos durante o somno e parte durante as lethargias, agora mais repetidas e prolongadas, Magdá peiorou consideravelmente. Ouviam-se-lhe já no meio da conversa palavras de um sentido estranho, que ninguem comprehendia; por exemplo: querendo certa vez dar idéa de um grande estampido, disse: « Fez tamanho estrondo, que nem um rio quando se transforma em mar. » Os que a escutavam olharam-se entre si disfarçadamente. Outra occasião, fallando de um susto que apanhara, usou desta phrase: « Assustei-me ainda mais do que no dia em que o

Fernando me foi visitar á ilha. » E, como estas, fugiam-lhe muitas referencias á sua vida fantastica; coisas que ella dizia com a maior naturalidade, enchendo não obstante de lagrimas os olhos do conselheiro e provocando no Dr. Lobão um desesperançado sacudir d'hombros. Este ultimo se mostrava mais que nunca empenhado no tratamento da enferma, a ponto de se descuidar da propria casa de saúde — a menina dos seus olhos « Porém não era, dizia elle, a filha do amigo o que tanto o prendia e interessava, mas simplesmente o caso pathologico. Puro interesse de medico. »

Justina admirava-se de ver a su'amação desvellada pela familia do Luiz : não se passava um só dia sem que Magdá lhe fizesse varias perguntas a respeito della, principalmente sobre a noiva do covoqueiro, a rubicunda Rosinha. Quando a criada lhe deu parte de que o casamento estava definitivamente marcado para o seguinte mez, a senhora estremeceu e encarou-a por tal modo, que a rapariga

julgou vel-a cahir ali mesmo com um ataque de convulsões.

— E' então no mez que vem?... interrogou depois do abalo.

— Se Deus quizer, minh'ama. E as roupas da cama estão quasi promptas, que era só o que faltava. Ah! eu penso com o Luiz que a gente não deve casar sem ter arranjado umas tantas coisas, como não? E' muito feio casar-se uma pessoa sem enxoval, inda que seja um enxoval pobre, mas com tanto que cheire a novo!

D'ahi em diante a filha do conselheiro indagava quotidianamente da criada « Se o casamento era sempre no mesmo dia », como se contasse com qualquer inesperado incidente que o transferisse ou desmanchasse de um momento para outro. Todavia, a sua existencia chimerica dos sonhos proseguia com a mesma regularidade: Uma vez casada com o bello e encantado principe, declarou ao pae que não se achava dispósta a abandonar a ilha e pediu-lhe que a fosse visitar de quando em quando, visto que elle agora tencionava levar para sempre erradio

sobre as aguas do mar. O conselheiro retirou-se triste com os seus companheiros de viagem, deixando aos desposados tudo o que de superfluo havia a bordo e a Justina para os servir. A vida idéal dos dous amantes tornou-se então muito humana, muito deliciosa e facil. Comiam em baixellas de prata e em porcellanas da India; bebiam em taças de crystal da Bohemia; vestiam-se confortavelmente de linho, velludo e sêda; tinham leito macio; e á noite, fechados no dôce aconchego do lar, Magdá cantava ás vezes ao pianõ e de outras lia em voz alta, para entreter o marido, ou jogavam as cartas antes do chá. Luiz em breve já não era o mesmo selvagem, graças á mulher que lhe dava licções de leitura, de escripta, de desenho e de musica, o que elle aprendia tudo com um talento verdadeiramente sobrenatural.

E assim viveram felizes até ao dia em que a filha do conselheiro percebeu que ia ser mãe. Preparou-se o ninho e ella deu à luz sem a menor difficuldade, nem o mais ligeiro vislumbre de

dôr; um parir silencioso e tranquillo como o dos vegetaes.

Era menino. Forte, moreno, de cabellos e olhos pretos; o mais extraordinario porém é que a criança não se parecia com o pae, nem com a mãe, parecia-se com o Fernando. Não o Fernando escaveirado e espectral que lhe appareceu na ilha, mas o dos bons tempos de Botafogo; aquelle bello moço a quem ella tanto amara e tanto desejara possuir. O pequeno tinha a mesma doçura no olhar, o mesmo enternecimento no sorriso; eram as mesmas feições e a mesma pallidez avelludada e fresca. Magdá amamentava-o pensando no irmão.

— Como havemos de chamal-o? perguntou Luiz.

— Fernando! Está claro, respondeu ella.

E a partir d'ahi, Magdá vivia nos seus sonhos exclusivamente para o filho. Era feliz, muito feliz com essa nova dedicação que absorvia todas as outras; ah, mas, acordada, uma dolorosa tristeza pungia-lhe a alma á vista dos seus mesquinhos seios, fanados e

emmurchecidos antes de tempo, como fructa perdida que não chegou a sazonar. Vinham-lhe lagrimas aos olhos quando comparava o seu magro corpo da vida real com a opulenta carnação que na outra vida possuia ; chorava contemplando a pobreza das suas espaduas de tísica, considerando os seus quadris sem curvas, a exiguidade dos seus braços, a miseria das suas pernas de esqueleto ; chorava mirando no espelho o seu rosto de mumia, os seus labios seccos e estallados ; chorava observando de perto as suas mãos transparentes e tremulas.

E começou então a preferir o sonho á realidade ; tomava-se de amôres por elle á proporção que se aborrecia desta. Aquella dura repugnancia cheia de odio, que sentia acordada contra o fiel companheiro dos seus delirios e contra si propria, não a experimentava absolutamente contra o filho ; ao contrario : sempre que se lembrava deste entezinho fantastico, possuia-se de ternura, como se elle com effeito lhe houvera sahido das entranhas. Agora até era a primeira a provocar o

somno ou a lethargia. Muitas vezes, de repente, taes saudades lhe acudiam do pequenino, que a infeliz chegava a tomar láudano para dormir mais depressa e por mais tempo; e adormecia sorrindo de contentamento e pedindo a Deus que lhe fizesse os sonhos bem longos, interminaveis; e acordava amaldiçoando a vida real, contrariada e triste, sem achar consolações para a ausencia do seu filhinho amado.

E este amor de mãe foi crescendo tanto e enfolhando tão depressa, que o Luiz afinal se reguardava perfeitamente á sombra delle. Magdá, quando acordada, já não o maldizia; já não sentia aquella negra aversão, aquella nojo, que lhe inspirava dantes o moço da pedreira. Oh! dava-se agora justamente o opposto: quando, da janella do seu quarto, ella via o pobre-diabo passar lá em baixo para o trabalho, ficava compungida e acompanhava-o com um enternecido olhar de bondade; tinha até desejos de o chamar e dizer-lhe: « Olha, Luiz, deixa aquelle estúpido serviço da pedreira; sobre ser muito bruto, é muito ingra-

to! Ali um homem está sempre com a vida em perigo; a rocha é traidora! não confies na submissão com que ella consente que lhe retalhem todos os dias o ventre; lá uma bella vez, quando menos o esperares, zanga-se, e ai de ti, meu amigo, serás devorado! O cavoqueiro é como o domador de fêras: acaba sempre nas garras da que elle explora... Olha, queres saber? vem cá para casa; o que ahi não falta são commodos desoccupados, e sobra sempre á mesa bastante comida! » E, de bom grado Magdá pediria ao conselheiro para tomar ao seu serviço o pobre rapaz; não porque ella o quizesse perto de si—nada disso! mas simplesmente para lhe fazer bem, para o tornar um pouco menos desgraçado. «E, como lhe querer mal?... como não o estimar, coitado, se elle no fim de contas era o cumplice do seu crime e ao mesmo tempo o da sua felicidade? Se não fosse Luiz, ella não possuiria um filho, e o filho era para Magdá a melhor coisa do mundo! »

Sim, no seu espirito allucinado já não protestavam conveniencias sociaes,

nem tradições de costumes, nem hábitos de família; o seu orgulho murchara como os seus peitos de donzella; o seu pudôr despira-se; agora só o que lhe dominava o espirito, o que lhe enchia o coração, era a idéa do filho; era a mystica loucura desse amor visionario por aquella criança de olhos meigos, que estava sempre a chamal-la de longe, lá das mysteriosas margens da ilha encantada dos seus sonhos; era a saudade dessa creaturinha idéal, que ella já não podia deixar de ver, não só todas as noites durante o somno, mas a todo o instante, na deliciosa insania dos seus extasis.

O filho era a sombra de Fernando; ella vivia para esta sombra.

XV III

E emtanto, na verdadeira casa de Luiz, na casinha do cortiço, as coisas corriam de modo muito diverso.

Ahi é que havia sincero contentamento e legitima felicidade; aproximava-se o dia do casorio do rapaz e, tanto a noiva, como as duas velhas, resplandeciam de jubilo. Fallava-se desde pela manhã até á noite no grande assumpto, e discutiam-se já os dôces, o cãname, o peixe frito e a vinhaça da pagodeira.

Ah! que elles teriam uma festa para se ver, ninguem o punha em duvida. « Como não? Seriam os primeiros da familia que se casassem á capucha, como ahi qualquer ovelha sem pastor!

Não ! que para isso, graças a Deus, ainda havia quatro vintens no fundo da arca ! »

E a velha Custodia, a tia Zefa e a Rosinha saracoteavam pela estalagem, mesmo durante o serviço, a responder para a direita e para a esquerda ; a fallar com este, a dar tréla áquelle, sem socegarem um instante, a rir, a papaguear, e sempre com o casamento na bocca. Agora cantavam mais durante o trabalho, mas nem por isso labutavam menos. A pequena, muito roliça e esfogueada pelo ferro d'engommar, mostrava a toda amiga, que a visitava o seu vestido de cambraia branca, o seu véo, a sua grinalda, o seu ramo de cravos artificiaes, como as suas camisas e as suas anaguas novas em folha, algumas até com renda. Estava provida de um tudo ; ninguém o podia negar ! « Só vestidos de chita, dessa á moda, tinha cinco promptos e fazenda para outros tantos ; meias—que faziam pena calçal-as, de tão lindas ; e muita peça de morim para lençóes e roupa branca, e bellas fronhas bordadas, e mais uma

colcha de lã—Ah! Ah!—verde e amarella, com as armas imperiaes no centro, que era uma grandeza!»

A Justina dava de vez em quando uma escapúla até lá e voltava entusiasmada, fallando pelos cotovellos. No dia em que se esperava a tal cama promettida pelo padrinho do Luiz, ella não parou cinco minutos em casa dos amos; tão depressa a viam ahi, como no cortiço.

— Já chegou? Pois ainda não veio? Oh, que demora!—Quem sabe se o homem não manda?... Elle é tão agarrado!

— Não! Ha de vir! Ainda não deu meio-dia! Com poucas ella ahi está!

E havia no cortiço uma grande impaciencia pela chegada da cama. A cama era o grande acontecimento do dia!

— Virá?

— Não virá?

Fizeram-se apostas na estalagem. Rosinha, de instante a instante, largava o ferro e corria á porta, para dar uma vista d'olhos pela rua; de uma

das vezes voltou saltando, batendo palmas, e a gritar como louca :

— Ahi vem ella! Ahi vem ella!

E, com effeito, na esquina da rua surgiam seis negros descalços e em mangas de camisa, a cantarem em voz alta, equilibrando na cabeça uma enorme cama do tempo antigo, bastante usada, mas polida de novo. Vinha armada e trazia já o colchão, os lençóes e um par de grandes travesseiros.

Era toda de jacarandá com embutidos de madeira amarella, muito larga; tinha fórma de caixão, e o espelho da cabeceira media nunca menos de dez palmos de altura. Dos quatro cantos erguiam-se columnas oitavadas, de uns tres metros de comprimento, sustentando uma formidavel cúpula do feitio de um chapéo do Chile, a que quadrassem as abas, forrada por dentro e por fóra de setim azul já desbotado. No alto das columnas, e sobresahindo dos ángulos do sobreceó, aprumavam-se dous pares de respeitaveis maçanetas que pareciam quartinhas da Bahia.

Foi um successo em todo o quartei-

rão a chegada desta velha reliquia dos bons tempos : os vizinhos de Luiz assomaram á janella, attrahidos pelo grosseiro canto dos africanos; o cortiço inteiro agitou-se ; as lavadeiras abandonaram as tinas e os coradoiros e vieram ruidosamente ao portão da estalagem, com os braços nús, saias arrepolhadas no quadril, mostrando pernas sem meias e grossos pés mettidos em tamanco ; a pequenada descalça acompanhava os carregadores n'uma grande algazarra ; o homem da venda acudio em camisa de meia, o peito muito cabelludo apparecendo; pretose pretas, que andavam nas compras do jantar, estacionaram em frente ao cortiço com a cesta no braço ; negras minas pararam para olhar, monologando em voz alta, o taboleiro na cabeça, e na mão um banquinho de páo ; algumas traziam ainda um filho escarranchado atraz, nos rins, e encueirado n'uma toalha, cujas pontas ellas amarravam na cintura. A velha Custodia appareceu, levando enfiada nos dedos uma meia, que serzia ; a tia Zefa e mais a Rosinha, essas não se puderam

conter, e foram logo ao encontro dos carregadores, gritando, ralhando, affastando com berros a molecagem que se não arredava nem a mão de Deus-Padre; Luiz, lá do alto da pedreira, onde estava trabalhando a essas horas, mal comprehendeu pelo movimento da rua que a sua cama chegava, desgalgou o morro e precipitou-se de carreira para o cortiço, nú da cintura para cima, muito suado e coberto do pó branco da pedra.

Os carregadores chegaram por fim defronte do portão da estalagem, pararam a um só tempo, e depois, com uma certa manobra especial, volveram para o lado da entrada, continuando sempre a cantar; seguiram emfim, e os curiosos seguiram atrás delles. O cortiço foi invadido por muita gente e então principiou a verdadeira balburdia. Destacavam-se os gritos do Luiz, da tia Zefa e da Rosinha.

— Olha como a viras, estupôr! Que-res lhe quebrar as maçanetas?

— Fôrça mais para a esquerda, com os diabos!

— Arriba!

— Vira!

— Abaixa!

— Olha a arvore!

Todos se mettiam a ajudar, mas o demonhão da cama não entrava, nem mesmo pelos fundos da casa.

— Tambem não sei p'ra que um espantalho deste tamanho!

— E o que tem você com isso? Metta-se lá com a sua vida!

— Ali dormem seis casaes a larga!

— Podia caber-lhe a familia toda em riba!

— Arrêa!

— Livra!

— Tórce!

Já a gaiola de um papagaio, que havia na parede, tinha ido pelos ares, levando o loiro preso na corrente, a gritar como se o estivessem matando; um pequeno, filho de uma lavadeira, berrava com um trompasio que apanhara sem saber de quem. « Era bem feito, para não ser entremettido! » O cão da casa, junto com os da vizinhança, protestavam energicamente contra a invasão daquelle monstro de jacarandá que tudo revolucionava. Fazia-

se um catatáo infernal ; todos aconselhavam ; todos queriam mandar ; todos fallavam ao mesmo tempo ; mas, por melhor que gritassem : « Arrêa ! — Tórce ! — Levanta ! — Affasta ! — Aguenta ! — Pára ! » o monstro não passava do quintal e, mesmo para chegar lá, fôra preciso arrancarem-se algumas estacas da cêrca que separava a casa do cortiço.

Afinal, um marceneiro do bairro, quieto até ahi a presenciar a funcção com um superior e mudo desdem, disse, torcendo o cavaignac : « que, se quizessem, elle desmancharia aquella carangueijola e compromettia-se a armal-a no quarto, tal qual como a entregassem. » Surgiram logo mil opiniões ; umas contra e outras a favor da proposta, e, só depois de calorosa discussão, em que o marceneiro não deu palavra, resolveram a desarmar o monstro.

— Ora que pena ! lamentavam.

— Que lastima não entrar armada !

A cama foi levada para o meio do quintal, e o homem do cavaignac, que tinha feito vir já a sua ferramenta,

metteu mãos á obra, cercado de gente por todos os lados. Rebentaram de novo, ao redor, os commentarios, as chufas e os diterios.

Luiz, ao lado da noiva, acotovelava-a, sorrindo e piscando o olho para o lado dos colchões.

— Ali em cima é que eu te quero pilhar ! . . . considerou, dando-lhe uma pontada no bojo do quadril.

Rosinha conteve o riso e resmungou, abaixando os olhos :

— Este sem vergonha ! . . .

Não obstante, entre todos os curiosos que presenciavam a espectacular chegada do leito nupcial do covoqueiro, o mais impressionado não estava ali, nem na rua, estava sim lá defronte, na casa de S. Ex., espiando por detrás das grades de uma das janellas do sobrado.

Era Magdá.

Estranho abalo punha-lhe nos sentidos aquella escandalosa exhibição de cama em pleno ar livre. Vendo-a, como a vio, publicamente armada e feita, patenteando sem o menor escrupulo o seu largo colchão para dous,

com travesseiros duplos, afigurava-se-lhe ter defronte dos olhos um altar que se trazia de longe, para a cruenta e religiosa cerimonia do desfloramento de uma virgem. Havia alguma coisa de pagão e barbaro em tudo aquillo; alguma coisa que a levava a pensar na paradiziaca impudencia dos seus sonhados amores; alguma coisa que a levava de rastros, puxada pelos cabellos, para a vermelha sensualidade dos seus delirios.

A cama, apesar de recolhida ao cortiço, não desapareceu para ella, que continuou a vel-a com a imaginação, já muito maior, fantasticamente grande. Depois, vio surgir, deitado de barriga para o ar sobre o colchão, a dormir, completamente nú, como nos primeiros dias da ilha, o Luiz — esse homem com quem afinal todo o seu ser se habituara, nem se com effeito houvera passado com elle as melhores noites da sua vida.

Depois, vio surgir um pequenito ao lado do cavoqueiro; reconheceu o filho, e notou sobresaltada que este chorava de susto. Procurou o que

mettia medo á criança, e descobrio então aos pés da cama, que attingira proporções colossaes, tres mulheres; uma muito moça, outra de meia idade e a terceira já bastante velha; e todas desesperadas por lhes não ser possivel subirem até onde estava Luiz. Magdá observava isto do alto, imaginando-se no interior da cúpula do leito, cujo setim azul a pouco e pouco se estrelava, transformando-se em um céu, onde ella se mantinha suspensa como se tivesse azas.

E notou que a mais moça das tres mulheres levantava afflictivamente para ella o olhar afogado em lagrimas, pedindo-lhe por amor de Deus que lhe restituisse o seu noivo.

— Elle não serve para a senhora, exclamava a misera entre soluços, é um pobre-diabo muito grosseiro, muito atôa; só serve mesmo para uma rapariga de cortiço como eu! Restitua-me o Luiz, senhora! Não lhe tire mais sangue! não o mate, não o mate, por tudo que V. Ex. mais estima na vida! Se lhe desagrada vel-o commigo, juro-lhe que nunca estarei com elle; que

não nos casaremos; prometto que iremos os dous cada um para seu lado; prometto o que a senhora quizer; tudo, tudo! mas por amor de Deus, não o mate, não o mate, minha rica senhora!

Magdá rio-se, e a rapariga vendo que as suas supplicas eram baldadas, atirou-se ao chão, estrangulada pelo pranto. Então a velhinha, ameaçando a filha do conselheiro com o punho fechado, gritou colerica:

— Malvada, põe já p'ra cá o meu neto ou ruim praga te perseguirá para sempre! Larga o homem que não é teu! Entrega o seu a seu dono, ou que Deus Nosso Senhor te rache a madre com o mal dos lazarus!

E Luiz continuava a dormir. E Magdá sorria, de má.

A outra mulher enxugou os olhos e pegou então de fallar, supplicante:

— Senhora, minha senhora, tenha dó de uma pobre mãe!... Dê cá meu filho, dê cá o meu querido Luiz! Ah, se vosmecê soubesse o que é ser mãe, com certeza não m'o negaria... Dê-m'o, bem vê que o reclamo de joelhos... Se a sua questão é de beber

sangue, aqui estou eu—sou forte, muito mais forte do que elle... repare para as minhas côres; veja como tenho as carnes rijas e socadas; comprometto-me a deixar que vosmecê me sugue até á ultima gotta; mas, por quem é, poupe-me o rapaz, que o pobrezinho já não pôde mais alimental-a... está muito fraco, está quasi com a pelle nos ossos!

Magdá sorriu ainda e Luiz não acordou; o pequenito é que parecia agora muito intimidado por aquelles clamores: calara-se de medo, e, engatinhando, fôra até ás bordas do colchão, cuja superficie se havia por ultimo coberto de relva. As mulheres, logo que deram com elle, começaram a atirar-lhe pedras; estas porém não chegavam ao seu destino, porque a cama, sempre a crescer, era já um grande morro plantado de bambús. E, como os lados do leito se transformaram em declives de montanha, as tres puzeram-se a subir, chamando por Luiz e correndo em direcção ao menino; este abriu de novo a chorar, fugindo; e Magdá, percebendo-o em risco, precipitou-se do

alto e foi cair ao seu lado, tratando logo de resguardal-o com o corpo e gritando ao mesmo tempo pelo marido.

Mas o logar em que ella agora se julgava já não era um descampado relvoso; via-se dentro da sua casa fantastica na ilha, ao lado do filho e do marido; perfeitamente abrigada e defendida. Lá fóra roncava uma tempestade, estralejando no espaço, entre uivos de féras assustadas.

— Que barulho é este? perguntou Magdá, abraçando-se ao esposo, muito tremula.

— Não tenhas medo, minha flôr, é a tempestade.

— E não ouviste vozes de gente, a gritar?

— Qual! Era o vento que sibilava nos bambús.

— Não, não! Eu ouvi perfeitamente! Entendi tudo o que diziam!

— Sonhavas com certeza...

— Sim, Deus queira que tenhas razão, porque não podia ser mais horrivel o que se passava...

— Que foi?

— Sonhava, imagina tu, que ias casar com a Rosinha...

— Mas como, se eu sou casado contigo?

— E chegava a cama para o teu noivado, e depois a cama se transformava n'uma montanha e a tua supposta familia vinha disputar-te contra mim e queria matar a pedradas nosso filho.

— Que loucura! respondeu o esposo com um sorriso de homem feliz.

— Sim, foi loucura, foi um sonho que felizmente já passou, e vejo-te a meu lado, fiel e amoroso como sempre. Não é verdade que só a mim amas e ao nosso filhinho? Falla, meu querido!

— Tão verdade quanto é mentira o que sonhavas; mas dorme, sim? dorme de novo, que precisas muito de repouso.

Magdá adormeceu com a cabeça no collo do marido imaginario e acordou a valer nos braços de Justina.

— Como se sente, minh'ama?

— Perfeitamente.

E acrescentou, depois de uma pau-

sa:— Aquece um pouco de leite para dar ao Fernandinho, ouviste?

Justina olhou muito séria para a senhora e não se achou com animo de dizer nada.

— Ora esta! . . . pensou — De que Fernandinho fallará ella? . . .

E sahio do quarto benzendo-se toda.

O conselheiro, a quem a rapariga foi logo communicar o disparate da ama, correu a ter com a filha; mas, durante as longas horas em que conversaram, elle não lhe apanhou uma só palavra que levasse a desconfiar da sua razão. Magdá, ao contrario, parecia muito senhora das suas faculdades e até menos nervosa que de costume.

— Com certeza era tolice da criada!

XIX

Assim chegou a vespera do casamento de Luiz com Rosinha. Haviam escolhido um domingo e achava-se tudo quasi prompto para o grande regabófe: a casa foi esfregada por dentro e por fóra com sabão e areia; não ficou um atomo de pó nas paredes, um signal de escarro no assoalho, nem uma teia de aranha no tecto. Desde a porta da rua até á cozinha recamou-se o chão de folhas de mangueira e trevo cheiroso; pregaram-se arcos de verdura em todas as portas; pediram-se cadeiras, louças, copos e talheres emprestados a amigos para que nada faltasse na occasião do banquete; mandaram-se vir dous garrafões, um

de vinho e outro de paraty ; o tacho de assucar não sahio do fogó e encheram-se compoteiras e tigellas de dôce de côco, de araçá, de leite, de ovos, de goiaba, marmello, bananas, sem contar com bôlos e pudins — uma orgia de assucar ! O fôrno do padeiro, que lhes fornecia o pão, prestou-se a assar um perú, um quarto de carneiro, um leitão e um grande alguidar de arrôz guarnecido de azeitonas e rodelas de linguiça. Trabalhou-se até á meia-noite em preparar o aposento dos noivos. A formidavel cama lá estava, atravancando tudo ; houve grandes discussões na occasião de collocal-a, porque aquelles não queriam, por coisa nenhuma desta vida, ficar com os pés para o lado da rua « que era de máo agoiro ! » Resolveu-se a difficuldade condemnando a porta da alcova e estabelecendo passagem por uma janella aberta sobre a salinha de jantar. Era um pouco maçante ter de entrar e sahir do quarto aos pulos, lá isso era ; mas, antes assim do que ficar com os pés para a rua. « Deus te livre ! »

A cama estava imponente : descia-

lhe da cúpula um enorme cortinado de labirinto, que a avó do Luiz, em quando moça, recebera como presente de uma senhora do Porto, a cujo filho amamentara antes de vir para o Brazil; arrepanhavam-no pelas extremidades, á base das quatro columnas, grandes ramos de flôres naturaes, donde pendiam laços de setim azul, baratinho, mas muito vistoso. Por cima da famosa colcha auri-verde com armas brazileiras figurava uma cerimoniosa cobertura de rendas, sobre a qual se desfolharam rosas e bogarís; e lá no alto, por fóra do sobrecéo, esparalhado contra o tecto, um immenso feixe de tinhorões e crotons.

— Que lindo! diziam commovidos.

Ao lado da cama, em que se não podia subir sem o auxilio de uma cadeira, estendeu-se um tapete já surrado, mas onde se distinguia ainda o desenho de um leão em repouzo; a um canto do quarto uma retrete com braços, e de outro uma pequena mesa de pinho, coberta de chita até aos pés, tendo em cima uma lamparina de azeite e um económico oratorio de madeira pintada,

com uma virgem que desaparecia engulida no seu desproporcionado resplendor de prata. Não se podia ir de uma á outra banda do aposento sem galgar por cima do leito.

O casorio fez-se no dia marcado, ás dez da manhã, em uma igreja do Andarahy-Grande. Que pagóde!— Os noivos foram e voltaram a bonde, seguidos por uma duzia de convidados de ambos os sexos, e mais os padrinhos e as madrinhas; todos em gala de domingo. Muita roupa de côr, muita agua flórida, muita joia massiça e tosca, e muita pilheria de tirar couro e cabelo. O tempo ajudava; fazia um bello sol de inverno, alegre e communicativo. Rosinha, baixota, bem socada, parecia mais vermelha no seu vestido de cassa branca, e o enorme véo de cambraia pouco transparente e dura que a envolvia da cabeça aos pés, dava-lhe um feitió pyramidal de pão de assucar. Ia muito encalistrada sob a vista curiosa dos passageiros estranhos á festa; não ergueu os olhos durante toda a viagem e as mãos suavam-lhe com o grande ramo symbo-

lico, cuja haste ella mantinha sobre o peito, como quem segura o cabo de um estandarte. O Luiz, á sua esquerda, mostrava-se ao contrario muito senhor de si e quasi petulante de ventura; vestia calça e paletó de panno preto, novo em folha; nada de collete; tiuha grandes sapatos de bezerro, engraxados, chapéo de lebre e gravata branca de setim com um alfinete de oiro atravessando o laço. O casaco fechava-se-lhe sobre o estomago, deixando ver um peito de camisa, que era a ultima expressão da arte de reduzir o panno á madeira por meio do polvilho e do ferro de engommar; de tão duro e violento, rompia por entre as golas da roupa e abahulava-se arrogante n'uma só curva de alto a baixo; tres botõezinhos de osso tingido de vermelho desfrutavam a suprema honra de guarnecer esta preciosidade. Levava dobrado ao pescoço, para resguardar o collarinho do suor, um lenço usado pela primeira vez, e no bolso do lenço trazia o relógio, com o trancelim bem á mostra por cima do peito. E todo

elle rescendia ao oleo e á brilhantina do barbeiro.

Quando, ultimada a cerimonia religiosa, tornaram para casa, com a idéa no resistente almoço preparado, foram á porta da rua sorprendidos por um ophicleide, um piston, um clarinete e um sax, que os perseguiram desd'ahi até á sala de jantar, tocando furiosamente; era uma ovação feita ao recém-casado pelos seus companheiros de trabalho, que lá se achavam todos, mais ou menos endomingados. A refeição correu de principio a fim muito alegre e animada; não havia cerimonia; era comer e beber á vontade; fizeram-se os brindes do estylo e trocaram-se entre risadas as classicas chalaças, com que essa bôa gentinha dos cortiços costuma frizar bregeiramente a vexada felicidade dos noivos. Rosinha teve de repetir por varias vezes a sua phrase de reprehensão: « Este sem vergonha!... » Depois da mesa engendrou-se um forrobodó, e foi dansar pr'ahi até o diabo dizer basta!

Um pagodão! Só uma coisa contrariava ao covoqueiro, era ver entre

aquellas moças, todas ellas gente direita, a peste de uma bruaca que morava lá perto, uma tal D. Helena Guimarães, a quem a velha Custodia se lembrara de convidar.

— Ora pistolas!

— Mas que mal te fez a pobre de Christo, perguntou-lhe a avó.

— Não sei! E' mulher de má vida!

— E', não senhor, foi! Hoje não tem o que se lhe diga...

— Porque está canhão! ninguem a quer para nada! Apparecesse um tólo... e veríamos!

— Coitada!

— Um estupôr, que parece estar mettendo pela cara dos outros aquelle vestido de sêda mais velho que a Sé! Um raio de uma biraia toda cheia de não me toques, com uma cara de que tudo lhe fede, e a abanar-se como no theatro! Má peste a lamba!

— São maneiras, filho!

— Maneiras! Eu dava-lh'as, mas havia de ser com um bom marmello! Demonio de um calhamaço, que tisa as farripas e pinta os olhos para pare-

cer bonita! Uma lata toda rebocada, que até faz nôjo!

E escarrou de esguelha.— Não! Com certeza que seria melhor que ella cá não estivesse!

Elle tinha razão. Ali, no meio daquella aspera gente do trabalho-trabalho; gente de honestidade feroz, entre a qual o adulterio do homem é tão severamente punido como o da esposa, a figura da tal D. Helena Guimarães destacava-se mais do que uma nódoa de lama no meio de uma camisa de algodão lavado. Na roda das que são o que ella fôra, na roda das prostitutas, seria um ornamento alegre, uma nota comica — faria rir; mas ali servia apenas para constranger aos que queriam folgar em liberdade. Felizmente porém, o estupôr, mal acabou de jantar, ergueu-se e retirou-se logo, confessando-se indisposta. Sem duvida foi para casa vomitar as tripas, que estomagos daquelles já não resistem á forte comida dos que se levantam antes do sol e trabalham doze horas por dia.

Pela volta das nove da noite surgi-

ram como por encanto as violas e as guitarras, e o pagóde tomou novo character. Pegou-se então de cantar o Fado corrido, o Malhão, a Canninha verde e a Espadelada. Começava a verdadeira festa.

Justina, que era louca pelo Fado, tratou de esgueirar-se, fugindo á tentação.

— Então já te raspas? perguntou-lhe a irmã.

— Minh'ama está só... respondeu aquella com um tom mysterioso e apressado.

— Mas ainda é cedo... dança ao menos uma roda e vae-te ao depois...

— Não, não! A pobrezinha está muito ruim! Não imaginas, está como nunca; até parece que já não regula bem!...

A outra fez um espanto e quiz informações.

— Não sei, filha, molestias de familia. O doutor disse outro dia que a mãe tambem acabara mal.

— E ella ainda pergunta por nós?

— Sempre. Ind'hoje me perguntou pelo Luiz...

— Coitada !

— Mas adeus, adeus, que já lá estão gritando por teu nome! Vae, filha, vae! Se me bispa o Manél das Iscas não se me desgarrá tão cedo!

Ao sahir, na carreira que Justina levava para atravessar a rua, um capadocio, fedendo a cachaça e cambaleando, deu-lhe uma atracação. A rapariga desviou o corpo e soltou-lhe tal punhada pelas ventas, que o borracho rodou sobre os calcanhares e zás—por terra! Ella seguiu adiante.

— Diabo dos vagabundos! resmungou; mas, ao transpôr o portão da chacara do conselheiro, ria-se com a idéa do trambulhão que pregara ao typo—Bem feito! é para não se fazer de tôlo cá p'ra meu lado!

Encontrou a senhora ainda acordada, a scismar, estendida no divan da alcôva.

— Então, que tal correu a festa? perguntou Magdá com um bocejo.

A criada deu conta de tudo; descreveu o lindo que estava a casa; o rico que foi o banquete; o muito que se dansou durante o dia; a gente que

lá se achava, nomeando um por um todos os convidados.

— Ah, minh'ama, vosmcê não faz idéa! Não me fica bem a mim fallar, mas esteve que se podia ver! Nada faltou! Até sorvetes, creia!

E passou aos pormenores: citou os pratos que se exhibiram, as garrafas que se enxugaram. « Uma coisa era ver e outra dizer! »

— E o quarto?... acrescentou com interrogação de assombro, o quarto dos noivos?! Ah, que lindo! Todo forradinho de novo, com um papel azul de ramagens brancas. Mettia gosto! E a cama? Só lençóes de linho—quatro! e mais tres de algodão; não contando as colchas!

— Sete lençóes?...

E, porque a ama fizesse um certo ar de estranheza:— Para não manchar o colchão, como não?

— Ah!... fez Magdá, cahindo em si.

— E o colchão é novo em folha! O homem sahio-se!

— Que homem?

— O padrinho do Luiz, o Antonio

Pechinchão ! Pois quem foiquelle deu a cama ?

— Sim, sim.

— E' um traste que mette respeito. Aquillo deita a netos !

E, vendo que a senhora mostrava interesse, continuou a dar á lingua, particularizando os episodios mais insignificantes da funcção, repetindo as partidas que se deram, narrando pilherias, contando os namoros, os ciúmes, e afinal !— Ai ! a Canninha verde ! « Que pena não poder ficar para ver ! » Depois, sem se conter e rindo envergonhada, confessou a festa que lhe fez o Manoel das Iscas. « Pois o demonio do homem não lhe tocou em çasar?... Ora que asneira!... uma viuva mãe de tres filhos póde lá pensar nisso!... » E por ahi foi, no calor do enthusiasmo, derretendo em palavras o seu bom-humor condimentado com os brindes desse dia.

Magdá escutava-a, immovel, sem lhe oppôr uma palavra ; agora assentada ; o queixo enterrado entre as mãos, os cotovellos fincados sobre as côxas magras. Lá fóra, na casa dos

noivos, continuavam a cantar ao desafio, ao som plangente das guitarras; e aquella musica, simples e melancolica, dissolvida n'um lamento harmonioso e continuo, ora chorado por voz de homem, ora soluçado por voz de mulher, chegava aos ouvidos della, embebida em deliciosas maguas de amor. Doía como uma saudade; gemia mais triste que a derradeira esperança quando abre as azas e desfere o vôo, para nunca mais voltar.

— Olhe, minli'ama! exclamou de subito Justina — E' elle que está cantando agora! E' o Luiz!

Magdá ergueu-se com um sobresalto e correu á janella. Era com effeito a voz do seu companheiro da outra vida.

« Tu a amar-me e eu a amar-te ;
 Não sei qual será mais firme !
 Eu como sol a buscar-te ;
 Tu como sombra a fugir-me ! »

E um côro de vozes abafadas respondia :

« Verde no mar
 Anda a roda do vapor.
 Ainda está para nascer
 Quem ha de ser
 O meu amor. »

E os olhos de Magdá orvalharam-se de ternura, e o seu coração enlangueceu dolente, como se aquella voz, tão meiga e tão sentida, a estivesse chamando lá da mysteriosa ilha dos seus amores.

— Escute, escute, minh'ama! Agora é a Rosinha!

“ Se fôres domingo á missa,
Fica em logar que eu te veja ;
Não faças andar meus olhos
Em leilão por toda a egreja ! ”

E vinha logo o lamentoso estribilho, cujas ultimas notas se prolongavam surdamente e morriam de leve, como orações feitas no alto mar em noites de tempestade.

Magdá estava n'um enlevo. Depois de Rosinha, Luiz cantou de novo, e outros e outros os succederam, e o desafio foi se prolongando, e o tempo correndo, até que veio a madrugada sorprendel-a ainda esquecida á janella, na esperança de reconhecer entre aquellas vozes, e ouvil-a inda uma vez, a voz do seu fantastico amante.

— Elle não canta mais?... perguntou, afinal, á criada.

Justina sacudio os hombros e disse entre dous bocejos que « era natural que o rapaz já se tivesse ido aninhar junto com a noiva. »

— Ah!

— Também são horas e vosmcê devia fazer outro tanto...

— Outro tanto, como?...

— Devia deitar-se; descansar o corpo. São mais que horas!

— Que horas são?

— Caminha pr'as quatro.

— Já? Creio que elles não cantam mais...

— Não, minha senhora, acabou-se o pagóde. Vosmcê quer que eu a adormeça no meu collo?

— Não. Você está cahindo de somno.

— E' que hoje lidei tanto...

— Pois recolha-se.

— E minh'ama, não se deita?

— Sim; já vou. Durma.

— Vosmcê sente alguma coisa?

— Não; supponho que não...

— Então, faça-me a vontade, sim? recolha-se também; agasalhe-se, minh'ama.

E Justina foi fechar a janella e conseguiu obrigar a senhora a ir para a cama.

Mas a filha do conselheiro não podia dormir; sentia-se inquieta, sobresaltada, cheia de estranha e dolorosa impaciencia; uma impaciencia sem objectivo; um desejar vago, sem contornos; um querer, fosse o que fosse, que ella não lograva determinar lucidamente, por melhores esforços que fizesse. Deram cinco horas; seis. Magdá ergueu-se de novo, frenetica, atordoada, enfiou o sobretudo de lã, agazalhou a cabeça e o pescoço n'um chale de sêda e pôz-se a passeiar no quarto. Agora o que mais lhe apertava o coração era uma enorme saudade pelo filho; precisava vel-o, abraçal-o, devoral-o de beijos.

— Oh! que falta lhe fazia o sonho!... disse ella, torcendo-se de aniedade.

Foi ter á janella da saleta contigua á sua alcôva e ficou a olhar abstractamente lá para fóra. O dia acordava, estremunhado, remanchão, preguiçoso, sem animo de abrir de todo as palpe-

bras somnolentas, espiando por entre as cambraias da neblina; não havia linhas de horizonte, não havia contornos definidos; era tudo uma accumulação de nevoas onde mal se presentiam apagadas sombras. Nem viva alma se destacava; nem um só trabalhador passava para o serviço; a pedreira transparecia apenas, como se estivesse mergulhada dentro de uma grande opála derretida. E, aos olhos de Magdá, tudo aquillo principiou de afigurar uma natureza em embryão, um mundo ainda informe, em estado gazoso; alguma coisa que já existia e que ainda não vivia: um ôvo ainda não gallado por Deus.

Mas, d'ahi a pouco, no fundo desse cahos opaco, no amago daquella albumina, a montanha começou a bulir, a mexer-se como um corpo em gestação, e depois a agitar-se como um feto que quer nascer.

A infeliz delirava já.

E ella distinguio que o immenso feto, sequioso de vida, espedaçava a crysalida e, erguendo a cabeça, sacudia cá fóra, á luz do dia, a treva dos seus

cabellos; e nessa cabeça Magdá enxergava olhos que eram ternos e humanos, e labios que sorriam de amor. E vio em seguida o gigante erguer os braços e romper as nuvens de alto a baixo, e pôr-se de pé, altivo e risonho, tocando com a fronte nas estrellas que a cingiam e constellavam de régio diadema.

E reconheceu logo o seu amante.

— Oh, emfim! exclamou n'um brado de contentamento, estendendo-lhe os braços e pedindo-lhe, entre lagrimas de gôzo, que sem demora a arrebatasse com elle lá para a outra vida idéal da fantasia. Nessa occasião, porém, um outro gigante inda maior, assomara para além das bandas do oriente, e este agora vinha formidavel e terrivel, armado da cabeça aos pés, irradiando fogo; e, só com o dardejar e reluzir do seu escudo, desmaiavam no céo as deusas timidas e palpitantes, fugia a lua assustada, e a terra tremia toda como a noiva na primeira noite das bodas.

Então Magdá vio entristecida a cyclopica figura do seu amado abalar-se

e estremecer também, depois ir empallidecendo, até volver-se de novo montanha, agora resfraldada de gazes côm de perola que se rasgavam e des-teciam aos raios do sol nascente; enquanto ao de redor surgiam aqui e acolá pontas de egrejas e angulos de chalets esmaltados pela aurora, e repontavam grupos d'arvores, e sahiam no chão manchas verdes que logo se transformavam em hortas e jardins, e alvejavam curvas tortuosas que se desfaziam em ruas e caminhos, e pontos negros que eram carroções de lixo, e outros menores e ligeiros que eram carrocinhas de pão; e appareciam vaccas a tilintar o chocalho á porta das chácaras; e homens de jaquetão á gallega e chapéo desabado apregoando perús, fructas ou garrafas vasiaas; e lavadeiras com immensas trouxas de roupa na cabeça, e pretas e pretos carregando altos taboleiros de verdura ou de carne fresca. E ouviam-se vozes de gente, chôrro è riso de crianças, latir de cães, cantar de gallos, rodar de seges; um esfalfado zumzum de mundo gasto e enfermo,

que acorda contra a vontade, inalteravelmente, como na vespera, para vegetar mais um dia de tédio, a espera da morte.

E Magdá affastou-se da janella e fechou-a com impeto, cheia de horror e cheia de nôjo pelo mundo.

— Oh, que miseria! Oh, que miseria, meu Deus!

E'cerrou os olhos para não ver nada, e tapou os ouvidos para nada ouvir; mas apesar disso sentia, nauzeada, que ali estava a sua alcôva de doente, o seu leito impregnado de molestia, a mesinha de cabeceira coberta de abominaveis frascos de remedio; a enfermeira, a Justina, resonando a um canto, sobre um colchão, de papo para o ar, a bocca aberta, o peito almofadado, meio á mostra, e uma perna, brutalmente gorda, apparecendo estirada por entre os lençóes.

E isto era a vida!— Que horror! que horror!— Que abjecção!—Que porcaria!

E Magdá sahio do quarto para não espancar com os pés a criada, para não esbofetear a sua propria sombra; fur-

tando-se daquillo tudo desorientada, inconsolavel, com ancias de desertar do mundo, de fugir de si mesma, do seu proprio corpo, da sua propria lama. E, no entanto — as saudades pelo filho a crescerem, a crescerem-lhe por dentro, cada vez mais, alastrando como hera florída e viçosa por entre ruinas.

E nada de chegar o sonho ou o delirio! — Que desespero!

Oh, mas precisava ver o filho no mesmo instante, readquiril-o; matar aquelle desensoffrido desejo que a devorava com exigencias de um vicio profundo, adquirido na primeira idade; precisava refugiar-se nelle — no seu Fernando — no seu amado, que era todo casto, amoroso e lindo, que era todo idéal e puro, e nada tinha deste mundo e com esta vida, estupidos ambos, e ambos dessorados por enfermidades e por paixões de toda a casta, infames, monstruosas e mesquinhas!

Correu á mesa dos medicamentos, rebuscou entre os vidros o de láudano, apoderou-se delle com avidez e tomou uma grande dóse.

No fim de algum tempo, vio, porém, que nem assim lhe acudia o somno ou a lethargia.— Que supplicio!— Apenas ficava estonteada, presa de tenue vertigem, que de quando em quando lhe apagava a luz dos olhos. Entrou no mesmo estado pelo dia alto, muito abstracta, andando por toda a casa como um somnambulo. Ao lunch das duas da tarde, o pae quiz detel-a ao seu lado e obrigar-a a conversar, ella lhe escapou por entre os dedos e fugio em silencio para o andar superior, olhando a espaços para traz, desconfiada.

Agora, neste momento, não sentia nada, absolutamente nada, que a incomodasse, nem enxaquecas, nem dores na espinha, nem dormencia nas pernas; já não a perseguiam o gosto de sangue e o cheiro de magnolia; via-se leve, como se estivesse ôca, vaporosa, aeriforme; sentia-se capaz de voar e de manter-se sobre uma pluma sem a abater. E dava-se mais com ella um outro phenomeno bem curioso: a vida real parecia-lhe agora o sonho, e o sonho afigurava-se-lhe a

vida real; os factos verdadeiros embaralhavam-se-lhe na mente, confundiam-se uns com os outros, fragmentavam-se, diffundiam-se, escapavam; ao passo que os mais insignificantes pormenores da sua vida fantastica lhe permaneciam inteiros no espirito, claros e seguros á memoria, como os cantos de um adoravel poema decorado na infancia.

Queria lembrar-se do que, acordada, fizera na vespera; do que fizera havia poucos instantes, e não conseguia rememorar coisa alguma; emquanto que ainda lhe cantavam no ouvido, bem lucidas e sonoras, as mais remotas palavras de Luiz, e ainda sentia nos labios a impressão dos ultimos beijos de seu filho. Recordava-se de toda a sua existencia ficticia, instante por instante; poderia narral-a inteira, seguida; descrevel-a de principio a fim, sem lhe esquecer um episodio; e, no entanto, estranhava a sala em que estava, sem poder determinar que casa era aquella e donde tinham vindo aquelles objectos que a cercavam.

Volvia sorprendida os olhos em

torno de si, alheia ao logar; nada, de quanto a sua vista lobrigava, lhe trazia á razão a sombra mais subtil de uma reminiscencia. Afinal, deu com um dos grandes espelhos que havia erguidos sobre os consólos, e mirou-se, deixando escapar uma longa exclamação de pasmo.

— Oh!

Desconhecera-se.

Approximou-se mais da sua livida e descarnada imagem, profundamente abysmada de se ver tão feia. Virou-se de um para outro lado e voltou-se para traz, procurando quem era aquella mumia, aquella horrorosa creatura que se reflectia lá no espelho.

— Não! não! murmurou, sem se alterar e até sorrindo — A que apparece lá não sou eu. E' impossivel!

E sacudia com a cabeça, punha a lingua de fóra, arregalava os olhos. O vidro reproduzia tudo.

— Mas não, não é possivel que seja eu, insistia a desgraçada, fugindo da sua sombra e gritando, a correr pela sala:—Eu tenho sanguenos labios, brilho nos olhos, frescura na pelle!

meus peitos são carnudos e succulentos como duas mangas picadas por passarinho! meu corpo é todo cheio e torneado como o da novilha que foi coberta e ainda não parío! Eu sou a mais formosa entre as mulheres da terra, por isso meu amado me escolheu entre todas! Quando eu vou ter com elle, ando de pressa, sacudindo as saias, e a barra do meu vestido resce de que nem a baunilha e o trevocheiroso!

Justina acudio aos lascivos gritos da senhora. O conselheiro não foi logo, porque nessa occasião fazia a sésta no divan do seu gabinete.

— Então que é isso, minh'ama?...

— Não! não! aquella que ali estava não era eu!... Eu bem sei que isto não passa de uma extravagancia de sonho!...

— E' porque vosmcê está muito fraca... Quer que lhe vá buscar o caldinho?...

Magdá não respondeu; olhava fixamente para as suas mãos angulosas e desfeadas. Depois, com uma careta de repugnancia, tenteou-se toda e ficou a

tomar nos dedos a magreza das suas côxas.

Mas rio-se logo, repetindo, a apalpar-se:

— Que sonho extravagante! Que sonho engraçado!

E ia de novo ao espelho, e apontava para a sua figura, e ria-se a bandeiras despregadas, como ébria.

— Que sonho! Que sonho!

— Então, minh'ama, posso ir buscar-lhe o caldinho?...

Magdá pôz-se muito séria e correu para junto da criada, como se só então tivesse dado pela sua presença.

— Hein? Que é?

— Pergunto se vosmcê quer tomar o seu caldo?...

— Que caldo?

— Ora essa! O seu caldinho das tres horas.

— Tres horas?

— Da tarde, minh'ama. Eu lh'o trago já.

E Justina sahio, resmungando:— Coitada! Ind'a hontem tão senhora de si e já hoje dá para não dizer coisa com coisa!... Mas isto ha de passar,

é fraqueira talvez... ella, coitadinha, ainda não metteu nada p'ro o estomago!...

D'ahi a um instante voltava á sala.

— Próve, minh'ama, para ver como está de appetite!

E esfriava o caldo com a colher, soprando-lhe em cima. Magdá sorvia automaticamente as colheradas que ella lhe levava á bocca.

— Você onde estava?... perguntou a senhora.

— Na cozinha. Porque, minh'ama?

— E hontem á noite?

— No casamento de minha mana...

— Sua mana?...

— A Rosinha, como não?

— Com quem ella casou?

— E' bôa! Com o Luiz! Pois minh'ama já se não lembra...

— Luiz? Quem é o Luiz?...

— Olh'agora! E' o filho da tia Zefa, o moço ali da pedreira...

— Ah!... Um de corpo nú, com a cara molhada de suor...

— Que trouxe vosmcê ao collo, quando minh'ama subio o morro... Minh'ama o conhece, como não?

Justina dizia estas coisas com a paciência de quem conversa com um alienado de estimação ; e a outra olhava para ella sem pestanejar, interrompendo a sua immobildade apenas para sorver as colheradas de caldo.

— Um descalço, proseguio Magdá; um que tem cabellos no peito ; a carne rija como pedra ; branca de marfim ; a bocca cheirando á murta !... Conheço ! oh, se conheço !... Pois se lhe quero tanto bem !... E por orde anda agora esse ingrato ?...

— Está em casa, minh'ama... Elle hoje não foi ao serviço, porque se casou, mas...

— Ah ! Elle se casou... ? Que homem !

— Casou-se hontem, sim senhora, mas amanhã está fino para o trabalho !

— Ah ! Elle amanhã não fica na cama !...

— Não fica, não senhora.

— Casou-se ! Pois diga-lhe que venha aqui com a noiva ; quero dar-lhes um presente, um bom presente de nupcias. Traga-os, não se esqueça ; ouviu ?

- Sim senhora. E quando?
— Quando quizerem vir.
— É a que horas, minh'ama?
— A qualquer hora, comtanto que venham.

Nisto entrou o conselheiro, e, a um signal trocado secretamente com a criada, esta lhe respondeu em voz baixa:

— Agora... depois do caldo, está melhorzinha, sim senhor.

— Era debilidade... pensou o velho e, approximando-se da filha, perguntou, tomando-lhe as mãos:

— A minha flôr como se sente agora?... Já está mais disposta a conversar com o seu papae?...

Ella olhou para elle, estendeu-lhe o rosto e recebeu sorrindo um beijo na testa.

— Vamos dar uma volta pela chácara... propôz o pobre homem, tomando-a pela cintura e amparando-lhe o corpo sobre seu peito.

Magdá deixou-se levar, sem dizer palavra e, emquanto andou lá por baixo, esteve sempre muito entretida, ligando grande interesse a tudo que

encontrava, nem como se houvesse recuperado a vista naquelle momento, depois de uma cegueira de nascença. Correu tudo, revistou todo o jardim e todo o porão da casa; e cada objecto, que seus olhos topavam, a não serem os productos puramente da natureza, despertava-lhe espantos de criança: um regador de folha, pintado de encarnado, causou-lhe enorme curiosidade; deteve-se alguns minutos a contemplal-o, muito admirada, sem conseguir comprehender o que era aquillo; um chapéo velho, de cópa alta, atirado ao chão, fez-lhe medo; parecia-lhe um bicho. O conselheiro vio-se martyrisado por um não acabar de perguntas verdadeiramente infantís, a que elle respondia com paciencia de santo.

Quando, já ao dobrar da tarde, Justina a recolheu á alcôva, ella se assentou na cama e deu para fitar o seu crucifixo, indifferentando-se a tudo mais.

Era a lethargia que emfim chegava.

Desta vez a imagem não cresceu, conservou-se do mesmo tamanho, apenas se despregou da cruz e ficou, pos-

to que suspensa, na posição de quem se espreguiça. O papel da parede foi a pouco e pouco se convertendo em um fundo de verdura esbranquiçada, cujos planos iam lentamente se formando e accentuando com as precisas gradações dos tons; entretanto o Christo continuava sempre do mesmo tamanho, n'um desses planos, como por um effeito de perspectiva. Afinal, se destacaram arvores, plantas, uma paizagem inteira, e o Christozinho deixou de espreguiçar-se e pegou de andar por entre a matta, com a tranquillidade de quem passeia nos seus quintaes.

Só então foi que Magdá percebeu que estava observando tudo isto de uma janella, e apressou-se a olhar em torno de si.

— Ah! exclamou, reconhecendo a sua adorada habitação da ilha — Emfim! Ora graças a Deus!

Lá estava a sua mesa, o seu piano, os seus objectos d'arte.

— Ah! agora sim ... era outra coisa! ... proseguia, considerando o proprio corpo, affagando-o por vel-o

novamente bello e forte ; mas, tocada por uma idéa que a fez estremecer, correu ligeira ao fundo do quarto, onde havia um berço.

— Ah! Ah! Cá está elle! Cá está o meu ladrãozinho!

Fernando dormia ; Magdá tomou-o nos braços, ergueu no ar o seu lindo corpinho nú e, vendo que elle agitava as pernas, rabujando zangado, chamou-o para os labios e devorou-o de beijos.

O manhoso, assim que se pilhou no collo, pôz-se a rir.

— Coitadinho... balbuciou ella, rindo tambem, com as lagrimas nos olhos.

E levou-o para a janella. O pequenito, logo que deu com o Christo que continuava a passeiar por entre as arvores, gritou, sacudindo os seus bracinhos feitos de roscas gordas:

— Papá! Papá!

E, ao que parece, o Christo lhe ouviu a voz, porque veio então se approximando, approximando, fazendo-se homem, até chegar á janella.

Não era mais o Christo; era o moço da pedreira.

XX

Passou a noite toda inteira na ilha, muito socegada, muito feliz ao lado do marido. Lá não havia sobresaltos nervosos, nem infundados temores, nem subitos esquecimentos do que se fizera pouco antes; lá a vida era bôa, corredia, larga e tranquillã. Como de costume, fizeram o seu bocado de musica, leram, jogaram e conversaram: ella lhe contou rindo e chasqueando os seus ultimos sonhos — o casamento delle com Rosinha — o desafio á guitarra. Cantou :

" Tu a amar-me e eu a amar-te ;
Não sei qual será mais firme !
Eu como sol a buscar-te ;
Tu como sombra a fugir-me ! "

— Parece que ainda te estou ouvindo, meu amigo.

— Sonhadora !

— Ah, mas eu me via tão magra, tão escaveirada, tão amarella, que mettia pena !

Elle achava graça, ria.

— Magra, tu ? que tens este corpo !...

E apertava-lhe a polpa do braço com os seus dedos vigorosos.

— Mas não imaginas, meu querido, a má impressão que me fazia o demonio do sonho ; era tudo como se fosse verdade : eu sentia e via como estou te vendo aqui !

— Estavas então muito feia... ?

— Horrorosa ! Se aquillo não passasse de pura illusão — matava-me ! acredita que me matava !

— Que vaidade, Magdá !

— Ora, no fim de contas sou mulher ; além disso prézo menos por mim a minha belleza do que por tua causa...

O rapaz agradeceu com uma caricia. E os dous continuaram a palestrar. Vieram á balha as saudades que

Magdá sentira pelo filho e os seus tormentos por julgar-se longe d'elle.

— Estava como louca, disse a visionaria ; lembra-me bem de que, n'uma occasião em que me fazia a passeiar pelo braço de meu pae na chacara da Tijuca, vi um regador de folha pintado de encarnado, pois queres acreditar que eu não podia atinar com o que aquillo era? . . .

— Tem graça !

— O que mais me admira, porém, de tudo isto, é que eu sonhe com todas as pessoas da minha convivencia : contigo, com papae, com a nossa criada Justina, com a familia desta, e jámais com meu filho . . . Nunca sonhei com elle !

— Como não, se não pensas n'outra coisa em quanto dormes, pelo menos assim acabas de o affirmar . . .

— Sim, mas nunca o vejo a meu lado . . .

— Vem a dar na mesma.

E assim cavaqueando, foram até á hora do chá, ás dez, depois do qual, Magdá deu de mammar ao seu bebê. Em seguida lavou-se, tomou a sua

roupa de alcôva, e afinal se recolheu á cama com o marido, muito prosaicamente, a cantarolar um estribilho banal, feliz na convicção de que tinha ali mesmo a seu lado, ao mais curto alcance, tudo de quanto precisava para satisfazer as suas necessidades de mulher moça.

Foi então que ella tornou a si, na vida real. Estivera dezeseis horas em estado lethargico; havia cahido em torpôr ás cinco da tarde e só acordára ás nove da manhã do dia seguinte. Tomou a custo uma colherinha de xarope, que lhe deu a Justina, de um frasco novo que acabava de ser aberto, e ficou a olhar para a criada, fixamente, sem expressão, como uma figura de cêra.

— Minh'ama ainda se lembra do que me disse hontem?...

— Que foi?

— Que eu fallasse a Rosinha para vir cá, junto com o marido.

— Ah! Lembro-me perfeitamente...

— Pois elles estão ahi fóra...

Magdá conservou-se estactica; não teve a mais ligeira contracção no sem-

blante. A criada acrescentou, depois de vestil-a:

— Quer vosmcê qu'eu os faça entrar par'esta saleta ahi ao pé?...

— Pois bem.

Justina sahio do quarto, nadando em satisfação, e desceu de carreira á chacara, onde o Luiz a esperava ao lado da mulher.

D'ahi a pouco eram estes dous conduzidos á presença da filha do conselheiro. O rapaz trazia a sua fatiota nova do casamento, conservando a gravata de setim; a outra um vestido de fustão branco, sarapintado de flôrinhaz azues e cheirando á malva. Era elle agora quem estava muito vexado, e Rosinha não. Esta, ao contrario, resplandescia de contentamento expansivo; abria-lhe as petalaz da bocca um sorriso largo de rosa ao desabrochar. Era a alegria victoriosa da carne dos vinte annos, o riso da vontade satisfeita, o canto alegre da pomba depois do primeiro arrulho.

O sorriso do Luiz já era outro; um sorriso de sonso, de felizardo consciante da largueza da sua fortuna e da es-

cassez do seu proprio merecimento. Não levantava o rosto e não olhava de frente como a esposa ; tinha os olhos em terra e torcia e destorciã entre os dedos calejados o seu chapéo novo de abas largas ; todo elle envergonhado de ser tão feliz, envergonhado como um pobre-diabo que é sorprendido a comer ás escondidas um manjar delicadissimo e digno da bocca de principes.

Magdá ainda mais o confundia, por que não lhe tirava a vista de cima ; considerava-o da cabeça aos pés ; parecia estudar lhe os menores traços da physionomia, como se intimamente o comparasse com alguem.

— Então, com que, sempre se casaram... ? perguntou afinal, mordendo o labio inferior e achinezando os olhos.

Os dous, que até ali guardavam um silencio espesso, apressaram-se a responder juntos, dando um pequeno passo para a frente :

— Casamos, sim senhora.

— E desde quando se gostam ? Ha muito tempo já?...

— Ora ha que tempo !... resmun-

gou Luiz, olhando de sosláio para a mulher.

Esta soltou uma risadinha e disse :

— Eu ainda bem não tinha acabado a muda e já elle andava atraz de mim...

— E agora . . . estimam-se de véras? . . .

Os maganões não responderam, olharam um para o outro, apertando os beiços, e afinal duas gargalhadas espocaram ao mesmo tempo, sem que ambos pudessem mais trocar um olhar entre si; esfogueados por aquelle riso escandaloso, aquelle riso que denunciava o que só elles, os bregeiros, lá sabiam.

Houve um silencio, em que Magdá parecia meditar, muito séria; depois — fez um quasi imperceptivel movimento d'hombros e ordenou á criada que fosse lá em baixo buscar uma garrafa de vinho. « Vinho bom, hein! »

Justina sahio correndo, e de passagem atirou aos noivos um gesto que dizia: « Vocês agora é que vão ver o que é uma bôa pinga! »

A hystérica passou ao quarto de dormir e foi buscar o frasco de xarope

de Easton, aberto havia pouco; enquanto Luiz, vendo-se a sós com a mulher, ferrou-lhe um beliscão na cinta.

— Fica quieto! segredou a moçoila, indicando com o polegar a porta por onde sahira a filha do Sr. conselheiro.

Esta tornou a apparecer e propôz-lhes, com uma das mãos escondida atrás das costas:

— Porque não entram ahí para essa outra sala?... Sentem-se lá... Estejam a vontade...

Os dous seguiram, um apóz outro, para o compartimento contiguo, e a enferma acompanhou-os com estranho olhar, em que havia um duro resaibo de colera invejosa. Chispava-lhe na pupilla o mesmo rábido fulgôr com que ella vira uma vez matrimoniarse o cazalzinho de rôlas da sala de jantar e com que, de outra, fitara a voluptuosa miniatura do « Amor e Desejo », que seu pae tanto estimava.

Justina voltou, trazendo uma bandeja com uma garrafa já aberta e tres copos.

— Agora vae buscar dôces e biscuitos, encommendou-lhe a senhora.

A criada depôz a bandeja sobre a mesa do centro e sahio de novo. Então Magdá, com muita calma, sem lhe tremer nem de leve a mão, encheu um dos copos de vinho e despejou no restante da garrafa todo o xarope do frasco; em seguida ia a chamar os noivos, mas deteve-se; tomou novamente a garrafa, mirou-a contra a luz, provou do vinho na ponta da lingua e, satisfeita com o resultado do seu exame, tornou á alcôva, trouxe um outro frasco de xarope ainda intacto, abriu-o, e fez deste o mesmo que com o primeiro.

— Agora sim, disse baixinho, saccolajando a garrafa, e acrescentou em voz alta, dirigindo-se para a sala proxima, enquanto enchia tranquillamente o segundo e o terceiro copo:

— Olá ! Venham d'ahi beber á minha saude !

Os desgraçados acudiram logo de prompto. Magdá apoderou-se do copo que havia enchido antes e offereceulhes com um gesto amavel os outros.

Luiz e Rosinha deram-se pressa em lançar mão cada um do seu.

— Então, vá ! Para que sejam mui-

to felizes ! disse a hystérica, levando o vinho á bocca — Bebam tudo ! bebam tudo !

Os dous obedeceram, enxugando de um trago o liquido, com uma pequena carêta, que não puderam reprimir.

— Que tal? perguntou Magdá

— Bom, muito obrigado, respondeu o cavaqueiro ; mas, franqueza, franqueza, achei-o a modo que muito dôce e muito azedo ao mesmo tempo . . .

— E' que a gente não está acostuada . . . explicou Rosinha com um pigarro.

Nesse momento, Justina reaparecia, trazendo os biscoitos; porém, tanto o rapaz, como a noiva, posto se servissem logo, já não podiam comer, que lhes principiavam os queixos a emperrear. E amargava-lhes a bocca e ardia-lhes a garganta de um modo muito exquisito.

Pediram agua.

Justina não se achou com animo de gracejar e correu em busca do que elles reclamavam.

— Sentem alguma coisa, inquerio Magdá tranquillamente.

— Uma abertura aqui... disse Rosinha com dificuldade, levando a mão ás temporas e depois á nuca.

— Também a mim dóe-me a cabeça... confirmou o covoqueiro em voz alterada.

— Sentem-se, aconselhou a senhora — Fiquem a gosto...

E sorrio.

Fez-se um silencio gélido, em que se ouvia pendular na alcôva de Magdá o seu pequeno regulador de bronze; mas no fim de alguns instantes os pobres noivos, que pareciam cada vez mais sobreexcitados, puzeram-se a mexer com a mandibula inferior, contrahindo os musculos da face; e d'ahi a pouco tinham rapidos estremecimentos convulsivos, que lhes agitavam o corpo inteiro, de instante a instante, violentamente.

Luiz quiz fallar e não pôde; apenas grogolejou uns bufidos gutturaes.

Magdá ria-se, olhando as carêtas convulsivas que elle e a mulher faziam. Esta, agoniada, levava simultaneamente as mãos á garganta e ao esto-

mago, sem poder gritar, tão contrahida tinha já a larynge.

Repetiam-se os espasmos com mais intensidade, acompanhados de feias agitações tectánicas. O cavoqueiro estorcia-se na cadeira, rilhando os dentes e tomado de uma erecção dolorosíssima.

Quando Justina voltou, encontrou-os por terra, a estrebucharem; rôxos; as pupillas dilatadas, os membros hirtos, os queixos cerrados.

A criada soltou um grito, atirou com a bilha d'agua e os copos, e sahio a berrar.

Com este barulho, Luiz teve um accesso mais forte e retezou-se todo, vergando-se para traz, a ponto de encostar a cabeça na columna vertebral.

È roncava, escabujando horrorosamente.

— Que é isto?! exclamou o conselheiro, invadindo o aposento, seguido por Justina que parecia louca.

— Stchiu!... fez Magdá, pondo o dedo nos labios e arregalando os olhos — Não façam espalhafato!... Deixem tudo por minha conta...

— Jesus! Que aconteceu? gritou o pae, fazendo-se côm de marmore e tentando levantar do chão o trabalhador. Não pôde. Luiz estava duro como uma estatua.

O pobre velho, a tremer, desorientado, precipitou-se sobre a mesa e descobriu os frascos de xarope.

— Ah! explodiu, arrancando os cabellos — Meu Deus! meu Deus! Envenenou-os!

— Que extravagancia!... dizia Magdá com uma risada — Que extravagancia!... Meu marido ha de achar graça!...

O conselheiro corria de um para outro lado, attonito, e, percebendo que os envenenados iam morrer, pediu soccorro em altos brados.

Justina havia fugido para a rua e gritava:

— Acudam! Acudam!

Entretanto, Rosinha e Luiz agonizavam ao lado um do outro; a bocca muito aberta e as ventas arregaçadas á falta de ar.

Em breve, a casa foi assaltada por uma porção de gente. A mãe e a avó

do cavoqueiro entraram na carreira, terríveis, desgrenhadas, estralando com os tamancos no soalho—os braços nús, a saia enrodilhada na cintura— a bramirem chorando ; ao passo que o conselheiro deixava-se estrangular pelos soluços, atirado ao fundo de uma poltrona, com o rosto escondido entre as mãos.

Havia em todos os estranhos um livido assombro de terror. Surgiam pallidas figuras curiosas e assustadas, espiando pelas portas ; só bem distinctos se ouviam os uivos e os rugidos da tia Zefa e da velha Custodia, que iam, rapido, farejando a casa toda, sala por sala, tontas e assanhadas como duas leões rebuscando os filhos que lhes roubaram.

Uma onda feroz e atrôadora invadio os aposentos de Magdá ; mas de subito assomou por entre ella o sobretudo alvadio do Dr. Lobão que, atropeladamente, abriu caminho com tres murros, e foi collocar-se defronte da criminosa, quando esta ia já ser alcançada pelas duas feras.

O populacho do cortiço e os traba-

lhadores da pedreira queriam acabal-a, ali mesmo, a unhas e dentes; porém o medico, muito esbofado, porque viera da rua até lá a passo de lobo, o chapéo de castôr no alto da cabeça, o suor a inundar-lhe o pescoço, os olhos faiscentes, mostrava os punhos e retilava as prezas, rosnando contra quem se approximasse da « sua enferma. »

Estava formidavel; mettia medo! Nunca homem nenhum defendeu, nem a propria amante, com tamanha dedicação.

Ninguem ousou tocar em Magdá.

Entretanto, um outro facultativo cuidava de Luiz e Rosinha, mas sem resultado; os infelizes expiraram penosamente meia hora depois da intoxicação.

Afinal, chegaram as autoridades policiaes. Fez-se o corpo de delicto. Os cadaveres foram carregados para a sala do fundo. Expellio-se o povo, fechou-se a casa e postaram-se soldados á porta.

Conduzida Magdá á presença de suas victimas, interrogaram-lhe se ella conhecia aquelles mortos.

— Pois não ! . . . perfeitamente, respondeu a allucinada.

E acrescentou, segurando os cabelos do moço da pedreira :— Este é o meu querido esposo bem amado, pae de meu filho, senhor poderoso na terra e descendente de Deus, matei-o e mais a essa outra que ahi está, porque elle me trahio com ella !

XXI

Magdá, acompanhada pelo pae e pelo medico, foi nesse mesmo dia conduzida á casa de detenção.

Delirou por todo o caminho. Afigurava-se-lhe que o carro em que iam era um barco e a rua um grande rio deslizado entre paredes de verdura.

— Mais depressa! mais depressa! exclamava a insensata aos dous falsos tripulantes que tinha ao lado — Não deixem dormir os remos!

— Ha de ser difficil encontrar semelhante ilha... observou um delles.

— E eu duvido muito que a encontremos... considerou o outro.

— Ah! disse a filha do conselheiro,

notando que o rio se alargava — Talvez que appareça agora!...

— Mas isto já é o mar!... contrapôz um daquelles.

— Pois é justamente no mar que ella está... confirmou a desvairada.

— No mar?! Pois a senhora quer viajar em pleno mar com um barquinho tão atôa?...

— Não faz mal! respondeu a senhora—Não faz mal! Vamos adiante!

— E' que é muito arriscado! Podemos levar o diabo!

— Procuremos! Procuremos!

— Procurar uma ilha como quem procura uma casa!...

— Não tenham medo! Vamos para a frente!

E o barco, embalçado agora pelas aguas do alto mar, prôejava errante; ora batido para a direita, ora para a esquerda; ora avançando, ora recuando, á procura da ilha encantada. Magdá, erguida de pé, os cabellos soltos ao vento, concheava a mão sobre os olhos e procurava descobrir ao longe, nos limbos do horizonte, algum

ponto negro que lhe dêsse uma esperança.

— Por aqui não ha ilha nenhuma!... objurgou um dos mareantes —E' loucura continuarmos a procural-a!...

— Mas como se chama esse tal demonio de ilha? perguntou o outro.

— Não sei, não sei como se chama, a «Ilha do Segredo» talvez, ou talvez nem tenha nome; porém juro-lhes que ella existe, porque é lá que eu vivo ha muito tempo, é lá que moro com minha familia!. Procuremos! Procuremos! Eu lhes darei todas as minhas joias; eu lhes darei, senhores, tudo o que possuo, menos meu filho! Não párem! não hesitem, por amor de Deus!

Com estas palavras os remadores pareciam crear novo animo.

— Espera! gritou um delles, no fim de algum tempo — Ha terra naquella direcção!

— E, se me não engano, é com effeito uma ilha... acrescentou o companheiro.

— Pois vamos lá! Vamos lá! sup-

plicava a hystérica, esfregando as mãos com impaciência.

— Mas como é longe ! . . .

— Eu já nem sei mais por onde andamos ! . . .

— Não desanimem ! Não desanimem ! Agora pouco falta ! Vamos !
— Um pequeno esforço !

Enormes vagalhões erguiam-se de todos os lados ; o horizonte apparecia e desaparecia quasi sem intermittençia ; o barquinho, tão depressa rastejava pelo fundo de abysmos tenebrosos, como se alcantilava deslizando no claro dorso de espumosas montanhas ; entretanto — seguia, seguia sempre, agora sem mais auxilio de remos, como se fosse levado por uma correnteza.

A ilha augmentava rapidamente defronte dos olhos de Magdá.

— E' ella mesma ! E' ella ! exclamava alouca— Já d'aqui enxergo a collina, toda emplumada de bambús !

E alçava os braços para o céo, rindo e chorando de alegria.— E' ella ! E' a minha querida prisão ! E' o meu ninho adorado ! Vou tornar a vel-a ! Vou

habitual-a de novo ! Que ventura, que ventura suprema !

E avançavam, cada vez mais acce-ladamente, arrastados pelas aguas. Em menos de um minuto avistavam-se já as palmeiras da campina ; via-se re-brilhar ao sol o areial da praia ; desta-cavam-se caminhos de verdura, e o tecto da habitação surgia por entre massas de arvoredos.

Mas, já ninguem podia resistir ao impeto da carreira que levava o barco; o miseravel precipitava-se agora ver-tiginosamente como se fosse arreba-tado por uma pororóca.

— Aguenta ! Aguenta ! berravam os catraeiros.

— Estamos perdidos !

— Aguenta !

— Proteja-nos Deus !

— Valha-nos a Virgem !

Os marinheiros tinham a feroz cata-dura de quem vê a morte face a face. Praguejaram maldições, blasphemias ; depois abriram a chorar, como duas mulheres.

E Magdá sorria com a idéa de que, se expirasse afogada, o seu cadaver

seria levado pelo oceano aos braços do milagroso amante, que a faria resussitar immediatamente.

Os dous homens rezaram, para morrer.

Redobrou a furia da corrente. O barco redopiava, que nem um tronco que a voragem sorveu. Magdá já não sentia ponto de apoio, já não via ninguém a seu lado, arrebatada por um turbilhão de vagas que a suffocavam.

Remoinhou nessa afflicção alguns instantes; de subito, ouviu um estrondo de onda que espoca e sentio-se rolar na praia, cuspida n'uma golfada de espumas.

Correu até onde nascia a relva e deixou-se cahir ahi, prostrada.

Assim esteve longo tempo, descansando offegante sobre a gramma fresca e macia, completamente nua, os olhos fechados; toda ella penetrada por um capitoso perfume de magnolia. Este aroma, que d'antes tanto a importunava, dava-lhe agora ineffaveis consolações; era esse o perfume da sua ilha querida; esse o aroma do paraíso de

amôr, onde nascera o ente que ella mais extremecia no mundo.

Todavia a prostração não a deixava ainda correr ao encontro do filho; e seus labios estalavam de sêde pelos beijos d'elle, e toda ella ardia na impaciencia da saudade.

— Maldito abatimento !

Entardeceu. Um vento fresco agitava agora os carnaubaes em melancolicos sussurros; a patativa gemia na matta, chamando o companheiro; e toda a ilha se apurpurava na fúlgida congestão do sol poente.

Magdá ergueu-se a meio na relva, admirada de que o marido ainda não tivesse dado por falta d'ella e não fosse a sua procura. « Não era aquella a hora em que todos os caes se recolhiam ao aconchego dos ninhos?... »

Ficou a scismar.

— Teria acontecido alguma desgraça?... disse consigo. E então, a idéa do envenenamento de Luiz e Rosinha veio-lhe á lembrança com o pânico de um sonho preságo.

Teve um arrepio. Recordou-se de os ter visto mortos, ao lado um do ou-

tro, lividos e enrijados pela strychnina. Seu coração encheu-se com um sentimento horrivel. Levantou-se logo e tomou afflicta a direcção da casa.

A porta estava aberta. Foi entrando.

Achou tudo deserto e silencioso — estremeceu aterrada.

— Luiz! gritou ella.

Ninguem respondeu.

— Luiz! O' Luiz!

A sua voz perdia-se nos surdos murmurios da tarde.

Sem animo de fazer uma conjectura, correu ao berço do filho.

Encontrou-o vasio.

Apalpou-lhe as roupas, levou-as á face — nenhum calor as aquecia.

Estremeceu de novo. E, já aturdida, mais pallida do que a estrella da manhã, foi a todos os cantos da casa, gritando pelo filho e chamando pelo esposo.

Nada! nada!

Sahio a correr; entranhou-se na matta, percorreu valles e montanhas; cerçou doidamente a ilha inteira, gritando e chorando.

Não encontrou ninguém! ninguém!
Tornou pelos caminhos andadós;
bateu de novo todos os recantos da
ilha, e voltou á casa, possessa, estrangulada de soluços.

— Roubaram meu filho! Roubaram meu filho!

E pôz-se a quebrar tudo que pilhava ao primeiro alcance. Arremeçou por terra e de encontro ás paredes, as jarras, o tinteiro, estatuetas e faianças; atirando depois consigo mesma ao chão, estrebuchando, torcendo-se em arco, encostando a cabeça nos calcanares, a espumar entre dentes e a espolinhar-se como um hydrophobo. Em seguida começou a engatinhar, firmada nas mãos e nos joelhos, resbunando prolongadamente, com o pescoço estendido, a bocca virada para o alto:

— Fernando! Fernando!

A sua voz, lenta e abafada, lembrava o mugido tristonho de uma vacca perdida n'um deserto, ao cair da noite.

— Fernando! Fernando!

Corriam-lhe lagrimas pela face. De

repente, ergueu-se e cahio de novo em furia, a querer dar cabo de tudo; então sentio que vigorosos pulsos a agarravam por detraz e enlaçavam-lhe os braços.

— Fernando! Fernando!

E tentava morder os que a seguravam, arremettendo com a cabeça para os lados.

Mas um homem suspendeu-a pelas costas e um outro lhe enfiou pelos pés uma abominavel mortalha de linho crú, que se lhe estreitava até ao pescoço, tolhendo-lhe o corpo inteiro.

E Magdá, em vão tentando debater-se na camisola de força, foi, entre policiaes, conduzida para uma cellula nos braços do Dr. Lobão, que praguejava, furioso, por lhe não permittirem as leis carregar-a comsigo no mesmo instante para a sua casa de saúde.

Ficou lá dentro sózinha, a roncar como uma féra encarcerada. O pae vio fecharem-lhe a jáula, mais succumbido do que se aquella porta fosse a lousa de um tumulo.

— Está perdida para sempre! so-

luçou o desgraçado, resvalando no
collo do medico.

O exquisitão fez que limpava o suor
da testa, para disfarçar duas lagrimas
rebeldes que lhe saltavam dos olhos
escandalosamente.

FIM

Memorandum

por

5
Servicio Heredo

1887





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).